

## **Eleitos de Deus**

**O retrato de um Deus amoroso  
que providencia salvação  
para seres humanos caídos**

**R. C. Sproul**

Editora Cultura Cristã, 2002

Título original: Chosen by  
God

Tradução: Gilberto Carvalho  
Cury

Digitalizado por: ?

OCR, revisão e formatação:  
SusanaCap

[HTTP://SEMEADORESDAPALA  
VRA.QUEROUMFORUM.COM](http://SEMEADORESDAPALA<br/>VRA.QUEROUMFORUM.COM)

# Sumário:

1. A LUTA
2. PREDESTINAÇÃO E SOBERANIA DE DEUS
3. PREDESTINAÇÃO E LIVRE-ARBÍTRIO
4. A QUEDA DE ADÃO E A MINHA
5. MORTE ESPIRITUAL E VIDA ESPIRITUAL: RENASCIMENTO E FÉ
6. PRESCIÊNCIA E PREDESTINAÇÃO
7. A DUPLICIDADE E SEUS PROBLEMAS: A PREDESTINAÇÃO É DUPLA?
8. PODEMOS SABER QUE SOMOS SALVOS?

# 9. QUESTÕES E OBJEÇÕES A RESPEITO DA PREDESTINAÇÃO CONCLUSÃO

## **1. A LUTA**

Futebol. Pastel. Bolo de fubá. Cafezinho. Estas coisas são bem brasileiras. Para completar o conjunto, é preciso acrescentar o provérbio: "Religião e política não se discutem".

Provérbios existem para ser desrespeitados. Talvez nenhuma regra seja quebrada mais freqüentemente do que essa a respeito de não discutir religião e

política. Repetidamente embarcamos em tais discussões. E, quando o assunto muda para religião, freqüentemente gira em torno da questão da predestinação. É triste dizer que, muitas vezes, isso significa o fim da discussão e o começo da briga, produzindo mais calor do que luz.

Discutir sobre predestinação é virtualmente irresistível. O assunto é tão saboroso! Proporciona uma oportunidade para debate a respeito de todas as coisas filosóficas. Quando a questão explode, subitamente nos tornamos superpatrióticos, guardando a árvore da liberdade humana com mais zelo e tenacidade do que Patrick Henry

jamais sonhou. A imagem de um Deus todo-poderoso fazendo escolhas por nós, e talvez contra nós, nos faz gritar: "Dá-me o livre-arbítrio ou então a morte!"

A própria palavra *predestinação* tem uma aura ameaçadora. E ligada à noção desesperançada de fatalidade e, de alguma maneira, sugere que, dentro de seus limites, somos reduzidos a marionetes insignificantes. A palavra evoca visões de uma deidade diabólica que faz jogos caprichosos com nossas vidas. Parecemos estar sujeitos ao ímpeto de horríveis decretos que foram solidamente fixados muito antes de nascermos. Melhor seria se

nossa vida estivesse escrita nas estrelas, pois assim, pelo menos, poderíamos encontrar dicas sobre nosso destino no horóscopo diário.

Acrescente-se ao horror da palavra *predestinação* a imagem pública de seu mais famoso mestre, João Calvino, e muito maior será o abalo.

Vemos Calvino retratado como um tirano de rosto duro e implacável, um Ichabod Crane do século 16, que encontrou diabólico prazer em queimar recalcitrantes heréticos. Isso é suficiente para fazer com que nos retiremos completamente da discussão, e reafirmemos nosso compromisso de nunca discutir

religião e política.

Sendo um assunto que as pessoas consideram tão desagradável, é absolutamente incrível que cheguemos a discuti-lo. Por que falamos dele? Por apreciarmos coisas desagradáveis? É claro que não. Nós o discutimos porque não podemos evitá-lo. É uma doutrina bem estabelecida na Bíblia. Falamos sobre predestinação porque a Bíblia fala sobre predestinação. Se queremos construir nossa teologia sobre a Bíblia, batemos de frente com este conceito. Logo descobrimos que João Calvino não o inventou.

Virtualmente, todas as igrejas



crístãs têm alguma doutrina formal sobre predestinação. Para ser exato, a doutrina da predestinação encontrada na Igreja Católica Romana é diferente da doutrina da Igreja Presbiteriana. Os luteranos têm uma visão do assunto diferente da visão dos episcopais.

O fato de haver visões tão variadas e abundantes da predestinação somente dá suporte ao fato de que, se somos bíblicos em nossa maneira de pensar, precisamos ter alguma doutrina de predestinação. Não podemos ignorar passagens tão conhecidas como:

...assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos salvos e irrepreensíveis perante ele, e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade... (Efésios 1.4-5).

...nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as

cousas conforme o  
conselho da sua  
vontade... (Efésios  
1.11).

Porquanto aos que de  
antemão conheceu,  
também os predestinou  
para serem conformes à  
imagem de seu Filho, a  
fim de que ele seja o  
primogênito entre  
muitos irmãos (Romanos  
8.29).

Se pretendemos ser bíblicos, a  
questão não é se devemos ter  
uma doutrina de predestinação  
ou não, mas que tipo devemos

abraçar. Se a Bíblia é a Palavra de Deus e não mera especulação humana, e se Deus, Ele mesmo, declara que existe tal coisa chamada predestinação, então segue-se inevitavelmente que devemos abraçar alguma doutrina de predestinação.

Se vamos seguir esta linha de pensamento, então é claro que devemos avançar mais um passo. Não é suficiente que tenhamos apenas uma visão qualquer de predestinação. É nosso dever procurar a visão correta da predestinação, para que não sejamos culpados de distorcer ou ignorar a Palavra de Deus. É aqui que a verdadeira luta começa, a luta para juntar cuidadosamente

tudo que a Bíblia ensina sobre esta matéria.

Minha luta com a predestinação começou cedo em minha vida cristã. Eu conheci um professor de filosofia na faculdade que era um calvinista convicto. Ele apresentou a assim chamada visão "reformada" da predestinação. Não gostei dela. Definitivamente não gostei dela. Lutei com unhas e dentes contra ela durante todo o tempo da faculdade.

Formei-me não persuadido da visão reformada ou calvinista da predestinação, para ir em seguida a um seminário que incluía entre seus preletores o rei dos calvinistas, John H. Gerstner.

Gerstner é para a predestinação o que Einstein é para a física ou o que Arnold Palmer é para o golfe. Seria melhor eu ter desafiado Einstein sobre a teoria da relatividade, ou ter entrado numa partida com Palmer, do que enfrentar Gerstner. Mas... os tolos se apressam no caminho que os anjos temem pisar.

Desafiei Gerstner na classe seguidamente, tornando-me um incômodo total. Resisti por bem mais que um ano. Minha rendição final veio em estágios. Estágios dolorosos. Começou quando fui trabalhar como pastor estudante numa igreja. Escrevi um bilhete para mim mesmo, que conservei num lugar

onde sempre podia ver:

VOCÊ PRECISA CRER, PREGAR  
E ENSINAR O QUE A BÍBLIA DIZ  
QUE É VERDADE, E NÃO O QUE  
VOCÊ QUER QUE A BÍBLIA  
DIGA QUE É VERDADE.

O bilhete me assustava. Minha crise final veio em meu último ano. Eu fazia um curso com direito a três créditos, estudando sobre Jonathan Edwards. Passamos o semestre estudando o livro mais famoso de Edwards, *A Liberdade da Vontade*, sob a tutela de Gerstner. Ao mesmo tempo eu fazia um curso de exegese grega no livro de

Romanos. Eu era o único aluno nesse curso, sozinho com o professor de Novo Testamento. Eu não tinha onde me esconder.

A combinação foi demais para mim. Gerstner, Edwards, o professor de Novo Testamento e, sobretudo, o apóstolo Paulo, eram um time formidável demais para eu enfrentar. O nono capítulo de Romanos foi minha tábua de salvação. Eu simplesmente não pude evitar o ensinamento do apóstolo naquele capítulo. Relutantemente, suspirei e me rendi, mas com minha cabeça, e não com meu coração. "Tudo bem, creio nestas coisas, mas não preciso gostar delas!"



Logo descobri que Deus nos criou de maneira tal que o coração deve seguir a cabeça. Eu não podia, com impunidade, amar alguma coisa com minha cabeça e odiá-la com meu coração. Uma vez que comecei a ver a sagacidade da doutrina e suas mais amplas implicações, meus olhos foram abertos para a generosidade da graça e para o grande conforto da soberania de Deus. Comecei a gostar da doutrina pouco a pouco, até que explodiu na minha alma que a doutrina revelava a profundidade e as riquezas da misericórdia de Deus.

Eu não mais temia os demônios do fatalismo, ou o

desagradável pensamento que eu estava sendo reduzido à condição de marionete. Agora eu me alegrava num gracioso Salvador, o único que era imortal e invisível, o único Deus sábio.

Dizem que não há nada mais desagradável do que um bêbado convertido. Experimente discutir com um arminiano convertido. Os arminianos convertidos tendem a tornar-se calvinistas inflamados, zelosos pela causa da predestinação. Você está lendo a obra de um convertido assim.

Minha luta tem me ensinado algumas coisas ao longo do caminho. Aprendi, por exemplo, que nem todos os cristãos são

tão zelosos a respeito da predestinação como eu sou. Há homens melhores do que eu que não compartilham de minhas conclusões. Tenho aprendido que muitos entendem mal a predestinação. Tenho também aprendido a dor de estar errado.

Quando ensino a doutrina da predestinação, freqüentemente fico frustrado por causa daqueles que obstinadamente se recusam a submeter-se a ela. Tenho vontade de gritar: "Vocês não entendem que estão resistindo à Palavra de Deus?" Neste caso, sou culpado de pelo menos um entre dois pecados possíveis. Se meu entendimento de predestinação é correto, então,

na melhor das hipóteses, estou sendo impaciente com pessoas que estão meramente lutando como eu uma vez lutei, e, na pior das hipóteses, estou sendo arrogante e condescendente em relação àqueles que discordam de mim.

Se meu entendimento de predestinação não é correto, então meu pecado é composto, uma vez que eu estaria difamando os santos que, por se oporem ao meu ponto de vista, estão defendendo os anjos. Então, os riscos são altos para mim, na questão.

A luta a respeito da predestinação é muito mais confusa porque as maiores

cabeças na história da Igreja têm discordado a respeito dela. Eruditos e líderes cristãos, do passado e do presente, têm tomado diferentes posições. Uma rápida olhada na história da Igreja revela que o debate a respeito da predestinação não é entre liberais e conservadores, ou entre crentes e não crentes. É um debate entre crentes, entre cristãos piedosos e fervorosos.

Pode ser útil ver como os velhos mestres do passado se alinharam nesta questão.

<b>Visão</b> <b>"reformada"</b>	<b>Visões</b> <b>oponentes</b>
Sto. Agostinho	Pelágio
Sto. Tomás de	Armínio

Aquino	
Martinho Lutero	Filipe Melanchton
João Calvino	João Wesley
Jonathan Edwards	Charles Finney

Pode parecer que eu esteja querendo trapacear. Estes pensadores, que são mais amplamente olhados como os titãs da erudição cristã clássica, tendem em peso para o lado reformado. Estou persuadido, contudo, de que este é um fato da história que não pode ser ignorado. Para dizer a verdade, é possível que Agostinho, Aquino, Lutero, Calvino e Edwards possam estar errados sobre o assunto. Estes

homens certamente discordam uns dos outros em outros pontos da doutrina. Não são infalíveis, nem individualmente nem coletivamente.

Não podemos determinar a verdade contando narizes. Os grandes pensadores do passado podem estar errados. Mas é importante para nós vermos que a doutrina da predestinação não foi inventada por João Calvino. Não há nada na visão de Calvino sobre a predestinação que não tenha sido proposto anteriormente por Lutero, e por Agostinho antes dele. Mais tarde, o luteranismo não seguiu a Lutero neste assunto, mas a Melanchthon, que alterou seus

pontos de vista após a morte de Lutero. E também digno de nota que, em seu famoso tratado sobre teologia, *As Institutas da Religião Cristã*, João Calvino escreveu escassamente sobre o assunto. Lutero escreveu mais sobre predestinação do que Calvino.

Deixando de lado a lição de história, devemos levar a sério o fato de que estes homens cultos concordaram neste difícil assunto. Uma vez mais, o fato de eles terem concordado não prova o caso a favor da predestinação. Eles poderiam estar errados. Mas esse fato atrai a nossa atenção. Não podemos dispensar a visão reformada como sendo uma



noção peculiarmente presbiteriana. Eu sei que durante a minha grande luta com a predestinação, estive grandemente perturbado com as vozes unificadas dos titãs da erudição cristã clássica neste ponto. Mais uma vez, eles não são infalíveis, mas merecem nosso respeito e nossa atenção.

Entre os líderes cristãos contemporâneos, encontramos uma lista mais equilibrada entre concordância e discordância. (Tenha em mente que estamos falando aqui em termos gerais, e que existem significativos pontos de diferença entre os que estão de cada lado.)

<b>Visão "reformada"</b>	<b>Visões oponentes</b>
Francis Schaeffer	C. S. Lewis
Cornelius Van Til	Norman Geisler
Roger Nicole	John W. Montgomery
James M. Boice	Clark Pinnock
Philip Hughes	Billy Graham

Não sei onde Bill Bright, Chuck Swindoll, Pat Robertson e uma série de outros líderes se posicionam neste ponto. Jimmy Swaggart deixou claro que ele considera a visão reformada uma heresia demoníaca. Seus ataques à doutrina têm sido menos do que sóbrios. Eles não refletem o

cuidado e o fervor dos homens listados acima, na coluna dos "opponentes". São todos grandes líderes, cujas visões são dignas de nossa cuidadosa atenção.

Minha esperança é que todos continuemos a lutar. Nunca devemos supor que já chegamos. Ainda assim, não há virtude no ceticismo absoluto. Olhamos com olhos preconceituosos aqueles que estão sempre aprendendo, mas nunca chegam ao conhecimento da verdade. Deus se deleita com homens e mulheres de convicção. É claro que Ele se preocupa que nossas convicções estejam de acordo com a verdade. Lute comigo, pois, enquanto embarcamos na difícil,

mas, espero, proveitosa viagem no exame da doutrina da predestinação.

## **2. PREDESTINAÇÃO E SOBERANIA DE DEUS**

Se vamos lutar através da doutrina da predestinação, devemos começar com um entendimento claro do que a palavra significa. Aqui, imediatamente encontramos dificuldades. Nossa definição é, muitas vezes, colorida por nossa doutrina. Poderíamos esperar que, se nos voltássemos para uma fonte neutra para nossa definição — uma fonte como o

dicionário Webster — iríamos escapar de tal preconceito. Não temos essa sorte. (Ou, melhor dizendo, essa providência.) Veja estes verbetes no dicionário Webster:

**predestinado** - destinado, fadado ou determinado de antemão; preordenado, por divino decreto, para uma sorte ou destino, terrestre ou eterno.

**predestinação** - a doutrina que Deus, em consequência de sua presciência de todos os acontecimentos, infalivelmente guia aqueles que são destinados à salvação.

**predestinar** - destinar, decretar,

destinar, apontar ou estabelecer de antemão.

Não estou certo de quanto podemos aprender destas definições do dicionário, além de que Noah Webster deve ter sido um luterano. O que podemos extrair, contudo, é que a predestinação tem algo a ver com nossa última destinação, e que algo é feito a respeito dessa destinação, por alguém, antes de chegarmos lá. O *pre* de predestinação refere-se a tempo. Webster fala sobre "de antemão". Destino refere-se ao lugar para onde estamos indo, como vemos no uso normal da palavra *destinação*.

Quando ligo para meu agente de viagens para reservar um vôo, logo surge a pergunta: "Qual a sua destinação?" Algumas vezes a pergunta é feita de modo mais simples: "Aonde você vai?" Nossa destinação é o lugar para onde estamos indo. Na teologia, refere-se a um entre dois lugares; ou estamos indo para o céu ou estamos indo para o inferno. Em qualquer dos casos, não podemos cancelar a viagem. Deus só nos dá duas opções finais. Uma ou outra é nossa destinação final. Mesmo o catolicismo romano, que tem outro lugar para além da sepultura, o purgatório, vê isso como uma parada intermediária

ao longo do caminho. Seus viajantes andam pela estrada local, enquanto os protestantes preferem a via expressa.

O que a predestinação significa, em sua forma mais elementar, é que nossa destinação final, céu ou inferno, é decidida por Deus, não só antes de chegarmos lá, mas antes mesmo de havermos nascido. Ensina que nosso último destino está nas mãos de Deus. Outro modo de dizer isto é: Desde a eternidade, antes de vivermos, Deus decidiu salvar alguns membros da raça humana e deixar perecer o restante. Deus fez uma escolha — Ele escolheu alguns



indivíduos para serem salvos em eternas bênçãos no céu, e outros Ele escolheu para deixar de fora, para permitir a eles que sigam as conseqüências de seus pecados em eterno tormento no inferno.

Este é um duro discurso, não importa como o abordemos. Nós perguntamos: "Nossas vidas individuais têm alguma relevância na decisão de Deus? Embora Deus faça sua escolha antes de haveremos nascido, ainda assim Ele conhece tudo sobre nossas vidas antes que as vivamos. Ele leva em conta esse conhecimento anterior de nós quando toma sua decisão?" A maneira como respondemos a esta última questão determinará

se nossa visão da predestinação é reformada ou não. Lembre-se, declaramos antes que virtualmente todas as igrejas têm *alguma* doutrina de predestinação. A maioria das igrejas concorda que a decisão de Deus é feita antes de nascermos. A questão, então, está na pergunta: "Em que bases Deus toma essa decisão?"

Antes de partir para essa resposta, precisamos esclarecer outro ponto. Frequentemente as pessoas pensam a respeito de predestinação com respeito às questões diárias envolvendo acidentes de trânsito e similares. Elas querem saber se Deus decretou que um time vencesse a

Copa do Mundo, ou se uma árvore caiu em cima de seu carro por decreto divino. Até os contratos de seguro têm cláusulas que se referem a "atos de Deus".

Questões como essas são normalmente tratadas em teologia sob a liderança mais ampla da Providência. Nosso estudo enfoca a predestinação no sentido mais estreito, restringindo-a à questão extrema da salvação ou condenação predestinadas, que chamamos de *eleição* ou *reprovação*. As outras questões são tanto interessantes quanto importantes, mas ficam além da finalidade deste livro.

# A SOBERANIA DE DEUS

Na maioria das discussões sobre predestinação, há uma grande preocupação em proteger a dignidade e a liberdade do homem. Mas precisamos também observar a crucial importância da soberania de Deus. Embora Deus não seja uma criatura, Ele é pessoal, com suprema dignidade e suprema liberdade. Estamos cientes do delicado problema que envolve o relacionamento entre a soberania de Deus e a liberdade humana. Precisamos também estar cientes do estreito relacionamento entre a soberania de Deus e a liberdade de Deus. A liberdade de um soberano é sempre maior que a liberdade de

seus súditos.

Quando falamos de soberania divina, estamos falando sobre autoridade de Deus e sobre poder de Deus. Como soberano, Deus é a suprema autoridade do céu e da terra. Toda outra autoridade é uma autoridade menor. Toda outra autoridade que existe no universo é derivada e dependente da autoridade de Deus. Todas as outras formas de autoridade existem ou pela ordem de Deus ou pela permissão de Deus.

A palavra *autoridade* contém em si a palavra *autor*. Deus é o autor de todas as coisas sobre as quais Ele tem autoridade. Ele criou o universo. Ele possui o universo. Sua propriedade lhe dá

certos direitos. Ele pode fazer com seu universo o que for agradável à sua santa vontade.

Da mesma maneira, todo o poder no universo flui do poder de Deus. Todo o poder no universo é subordinado a Ele. Até mesmo Satanás não tem poder para agir sem a soberana permissão de Deus.

Cristianismo não é dualismo. Não cremos em dois poderes extremos iguais, trancados numa luta eterna pela supremacia. Se Satanás fosse igual a Deus, não teríamos nenhuma confiança, nenhuma esperança do bem triunfando sobre o mal. Estaríamos destinados a um impasse eterno entre duas forças

iguais e opostas.

Satanás é uma criatura. Ele certamente é o mal, mas mesmo seu mal está sujeito à soberania de Deus, assim como o nosso próprio mal. A autoridade de Deus é absoluta; seu poder é onipotente. Ele é soberano.

Um de meus deveres como professor de seminário é ensinar a teologia da Confissão de Fé de Westminster. A Confissão de Westminster tem sido o documento central de credo para o presbiterianismo histórico. Ela apresenta as doutrinas clássicas da Igreja Presbiteriana.

Uma vez, enquanto lecionava este curso, anunciei na classe noturna que, na semana

seguinte, iríamos estudar a parte da confissão que trata da predestinação. Já que a classe noturna era aberta ao público, meus alunos se apressaram a convidar seus amigos para a saborosa discussão. Na semana seguinte, a classe estava lotada de estudantes e visitas.

Comecei a aula lendo as linhas de abertura do Capítulo III da Confissão de Westminster:

Desde toda a eternidade, Deus, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e inalterável tudo quanto acontece.



Parei de ler neste ponto. Perguntei: "Há alguém nesta sala que não acredita nas palavras que acabei de ler?" Uma multidão de mãos se levantou. Então perguntei: "Há algum ateu convicto nesta sala?" Nenhuma das mãos se levantou. Então disse uma coisa chocante: "Todos que levantaram as mãos para a primeira pergunta, deveriam ter levantado suas mãos para a segunda pergunta".

Um coro de murmúrios e protestos refutou minha declaração. Como eu poderia acusar alguém de ateísmo por não crer que Deus ordena de antemão qualquer coisa que

aconteça? Aqueles que protestaram a estas palavras não estavam negando a existência de Deus. Não estavam protestando contra o Cristianismo. Estavam protestando contra o calvinismo.

Tentei explicar à classe que a idéia de que Deus preordena tudo que acontece não é uma idéia exclusiva do calvinismo. Não é nem mesmo exclusiva do Cristianismo. É simplesmente uma crença do teísmo — uma crença necessária do teísmo.

Que Deus, de alguma forma, preordena tudo que acontece é um resultado necessário de sua soberania. Em si própria, a idéia não apela para o calvinismo. Somente declara que Deus é

absolutamente soberano sobre sua criação. Deus pode preordenar coisas de diferentes modos. Mas, tudo que acontece deve, pelo menos, acontecer por sua permissão. Se Ele decide permitir alguma coisa, então, num certo sentido, Ele a está preordenando. Quem, entre os cristãos, discutiria que Deus não pode, neste mundo, impedir alguma coisa de acontecer? Se Deus assim quiser, Ele tem o poder de parar o mundo inteiro.

Dizer que Deus preordena tudo o que acontece é dizer simplesmente que Deus é soberano sobre sua criação inteira. Se alguma coisa viesse a acontecer à parte de sua

soberana permissão, então isso que aconteceu frustraria sua soberania. Se Deus se recusasse a permitir que alguma coisa acontecesse, e ela acontecesse mesmo assim, então o que quer que a tenha feito acontecer teria mais autoridade e poder do que o próprio Deus. Se existe alguma parte da criação fora da soberania de Deus, então Deus simplesmente não é soberano. Se Deus não é soberano, então Deus não é Deus.

Se há uma única molécula neste universo correndo solta, totalmente livre da soberania de Deus, então não temos nenhuma garantia de que uma simples promessa de Deus jamais seja

cumprida. Talvez essa molécula independente ponha a perder todos os grandiosos e gloriosos planos que Deus fez e nos prometeu. Se um grão de areia no rim de Oliver Cromwell mudou o curso da história da Inglaterra, então nossa molécula independente poderia mudar o curso de toda a história da redenção. Talvez essa única molécula seja a coisa que impede Cristo de voltar.

Conhecemos a história: Por falta do casco, perdeu-se a ferradura, perdeu-se o cavalo; por falta do cavalo, perdeu-se o cavaleiro; por falta do cavaleiro, perdeu-se a batalha; por falta da batalha, a guerra foi perdida.

Lembro-me de minha tristeza quando ouvi que Bill Vukovich, o maior piloto de carros de sua época, tinha morrido num acidente, nas 500 milhas de Indianápolis. A causa foi mais tarde identificada na falha de um pino que custa dez centavos.

Bill Vukovich tinha um surpreendente controle de carros de corrida. Era um piloto magnífico. Contudo, ele não era soberano. Uma peça que valia dez centavos custou-lhe a vida. Deus não tem de se preocupar com pinos de dez centavos destruindo seus planos. Não há moléculas independentes correndo soltas. Deus é soberano. Deus é Deus.

Meus alunos começaram a ver que a soberania divina não é uma questão peculiar ao Calvinismo, ou mesmo ao Cristianismo. Sem soberania, Deus não pode ser Deus. Se rejeitarmos a divina soberania, então deveremos abraçar o ateísmo. Este é o problema que todos nós enfrentamos. Devemos nos agarrar firmemente à soberania de Deus. Ainda assim, devemos fazê-lo de tal modo a não violar a liberdade humana.

Neste ponto, devo fazer para vocês o que fiz para meus alunos da classe noturna — terminar a declaração da Confissão de Westminster. A declaração inteira fica assim:

Desde de toda a eternidade, Deus, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou, livre e inalterável, tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas.

Note que, enquanto afirma a soberania de Deus sobre todas as



coisas, a Confissão também assevera que Deus não faz mal à vontade humana nem a violenta. A vontade humana e o mal estão debaixo da soberania de Deus.

## **A SOBERANIA DE DEUS E O PROBLEMA DO MAL**

Certamente a questão mais difícil de todas é como o mal pode coexistir com um Deus que é inteiramente santo e inteiramente soberano. Receio que muitos cristãos não percebam a profunda severidade deste problema. Os céticos têm chamado este problema de "o calcanhar de Aquiles do Cristianismo".

Lembro-me claramente da primeira vez em que senti a dor por este espinhoso problema. Eu era um calouro na faculdade, e tinha decidido por Cristo havia apenas umas poucas semanas. Estava jogando pingue-pongue no salão do alojamento masculino quando, no meio de um voleio, o pensamento me atingiu: *Se Deus é totalmente justo, como poderia ter criado um universo onde o mal está presente? Se todas as coisas vêm de Deus, o mal também não vem dele ?*

Então, como agora, eu percebi que o mal é um problema para a soberania de Deus. Teria o mal vindo ao mundo contra a soberana vontade de Deus?

Nesse caso, então, Ele não é absolutamente soberano. Caso contrário, devemos concluir que, de alguma forma, até o mal é preordenado por Deus.

Por anos procurei a resposta a este problema, pesquisando as obras de teólogos e filósofos. Encontrei algumas tentativas inteligentes de resolver o problema, mas, até agora, nunca encontrei uma resposta profundamente satisfatória.

A solução mais comum que ouvimos para o dilema é uma simples referência ao livre-arbítrio do homem. Ouvimos tais declarações como "O mal entrou no mundo pela vontade livre do homem. O homem é o autor do

pecado, e não Deus".

Certamente essa declaração está de acordo com o relatório bíblico da origem do pecado. Sabemos que o homem foi criado com uma vontade livre e que o homem livremente escolheu pecar. Não foi Deus que cometeu pecado, foi o homem. Este problema ainda persiste, contudo. De onde foi que o homem contraiu a mais leve inclinação para pecar? Se ele foi criado com um desejo para pecar, então uma sombra é lançada sobre a integridade do Criador. Se ele foi criado sem nenhum desejo para pecar, então precisamos perguntar de onde veio esse desejo.

O mistério do pecado é atado ao nosso entendimento de livre-arbítrio, do estado do homem na criação, e da soberania de Deus. A questão do livre-arbítrio é tão vital para nosso entendimento de predestinação que vamos dedicar um capítulo inteiro ao assunto. Até então, vamos restringir nosso estudo à questão do primeiro pecado do homem.

Como puderam Adão e Eva cair? Eles foram criados bons. Poderíamos sugerir que o problema deles foi a engenhosidade de Satanás. Satanás os enganou. Ele trapaceou para que comessem o fruto proibido. Poderíamos supor que a serpente era tão

escorregadia que enganou inteira e completamente nossos pais originais.

Tal explicação suporta diversos problemas. Se Adão e Eva não perceberam o que estavam fazendo, se foram completamente enganados, então o pecado teria sido de Satanás. Mas a Bíblia deixa claro que, apesar de sua engenhosidade, a serpente falou diretamente em desafio aos mandamentos de Deus. Adão e Eva tinham ouvido Deus anunciando sua proibição e advertência. Eles ouviram Satanás contradizer Deus. A decisão estava bem à frente deles. Eles não poderiam apelar para a astúcia de Satanás para

desculpá-los.

Mesmo se Satanás não tivesse somente enganado, mas também forçado Adão e Eva ao pecado, ainda não estaríamos livres de nosso dilema. Se eles pudessem, com justiça, ter dito: "O diabo nos fez pecar", teríamos ainda de enfrentar o pecado do diabo. De onde veio o diabo? Como ele conseguiu cair da bondade? Quer estejamos falando da queda do homem ou da queda de Satanás, estaremos ainda tratando de problemas de boas criaturas tornando-se más.

De novo, ouvimos a explicação "fácil" que o mal veio através do livre-arbítrio do homem. Livre-arbítrio é uma coisa boa. O fato

de Deus nos haver dado o livre-arbítrio não lança culpa sobre ele. Na criação, foi dada ao homem uma capacidade para pecar e uma capacidade para não pecar. Ele escolheu pecar. A questão é, "Por quê?"

Nisto está o problema. Antes que a pessoa possa cometer um ato de pecado, ela precisa primeiro ter um desejo de realizar aquele ato. A Bíblia nos conta que as más ações provêm de maus desejos. Mas a presença de um mau desejo já é pecado. Pecamos porque somos pecadores. Nascemos com uma natureza pecaminosa. Somos criaturas decaídas. Mas Adão e Eva não foram criados decaídos.



Eles não tinham natureza pecaminosa. Eram boas criaturas com uma vontade livre. Ainda assim, escolheram pecar. Por quê? Não sei. Nem encontrei ninguém ainda que saiba.

Apesar deste problema atormentador, ainda devemos afirmar que Deus não é o autor do pecado. A Bíblia não revela as respostas para todas as nossas perguntas. Revela a natureza e o caráter de Deus. Uma coisa é absolutamente impensável, que Deus possa ser o autor ou executor do pecado.

Mas este capítulo é sobre a soberania de Deus. Ainda ficamos com a questão seguinte: dado o fato do pecado humano,

como ele se relaciona com a soberania de Deus? Se é verdade que, de alguma forma, Deus preordena tudo o que acontece, então segue-se, sem dúvida, que Deus deve ter preordenado a entrada do pecado no mundo. Isso não quer dizer que Ele forçou o acontecimento, ou que impôs o mal sobre a criação. Tudo o que significa é que Deus deve ter decidido permitir que acontecesse. Se Ele não permitisse que acontecesse, então não poderia ter acontecido, ou então Ele não é soberano.

Nós sabemos que Deus é soberano porque sabemos que Deus é Deus. Portanto, devemos concluir que Deus preordenou o

pecado. O que mais podemos concluir? Podemos concluir que a decisão de Deus de permitir que o pecado entrasse no mundo foi uma boa decisão. Isto não quer dizer que nosso pecado seja uma boa coisa, mas meramente que a permissão de Deus para que pequemos, o que é mau, é uma boa coisa. Que Deus permita o mal é bom, mas o mal que Ele permite ainda é mau. O envolvimento de Deus em tudo isto é perfeitamente justo. Nosso envolvimento nisso é mau. O fato de ter Deus decidido permitir que pecássemos não nos absolve de nossa responsabilidade pelo pecado.

Uma freqüente objeção que

ouvimos é que, se Deus sabia de antemão, que iríamos pecar, por que nos criou? Um filósofo colocou o problema desta maneira: "Se Deus sabia que iríamos pecar e não impediu, então Ele não é nem onipotente nem soberano. Se Ele podia impedir, mas escolheu não fazê-lo, então Ele não é nem amoroso nem benevolente". Por esta abordagem, faz-se com que Deus pareça mau, não importa como respondemos à pergunta.

Precisamos assumir que Deus sabia de antemão que o homem cairia. Precisamos também assumir que Ele poderia ter agido para detê-lo. Ou Ele poderia ter escolhido não nos criar.

Concedemos todas essas possibilidades hipotéticas. Basicamente, sabemos que Ele sabia que cairíamos, e que Ele foi em frente e nos criou mesmo assim. Por que isso significa que Ele não é amoroso? Ele também sabia de antemão que iria desenvolver um plano de redenção para a sua criação decaída que iria incluir uma perfeita manifestação de sua justiça e uma perfeita expressão de seu amor e misericórdia. Foi certamente amoroso da parte de Deus, predestinar a salvação de seu povo, aqueles que a Bíblia chama de "eleitos" ou escolhidos.

Os não eleitos é que são o problema. Se algumas pessoas

não são eleitas para a salvação, então parece que Deus não é tão amoroso para com elas. Para elas, parece que teria sido mais amoroso da parte de Deus não ter permitido que elas nascessem.

Isso, de fato, pode ser o caso. Mas precisamos fazer a pergunta realmente dura: Há alguma razão pela qual um Deus justo precise ser amoroso para com uma criatura que o odeia e que se rebela constantemente contra sua divina autoridade e santidade? A objeção levantada pelo filósofo implica que Deus deve seu amor a criaturas pecadoras. Ou seja, a suposição não declarada é que Deus é obrigado a ser gracioso com

pecadores. O que o filósofo ignora é que, *se a graça é obrigada, ela deixa de ser graça*. A própria essência da graça é que ela é imerecida. Deus sempre se reserva o direito de ter misericórdia de quem Ele tiver misericórdia. Deus pode dever justiça às pessoas, mas nunca misericórdia.

É importante destacar uma vez mais que estes problemas se levantam para todos os cristãos que crêem num Deus soberano. Estas questões não são exclusivas de uma visão particular de predestinação.

As pessoas discutem se Deus é suficientemente amoroso para prover um meio de salvação para

todos os pecadores. Uma vez que o calvinismo restringe a salvação apenas aos eleitos, parece requerer um Deus menos amoroso. Na superfície, pelo menos, parece que uma visão não calvinista prove uma oportunidade para a salvação de um vasto número de pessoas, que não seriam salvas na visão calvinista.

De novo, esta questão toca em assuntos que precisam ser mais amplamente desenvolvidos em capítulos posteriores. Por agora, deixe-me dizer simplesmente que, se a decisão final pela salvação de pecadores decaídos fosse deixada nas mãos dos próprios pecadores, perderíamos toda



esperança de que alguém pudesse ser salvo.

Quando consideramos o relacionamento de um Deus soberano com um mundo decaído, enfrentamos basicamente quatro opções:

1. Deus poderia decidir não prover nenhuma oportunidade para ninguém ser salvo.

2. Deus poderia prover uma oportunidade para todos serem salvos.

3. Deus poderia intervir diretamente e garantir a salvação de todas as pessoas.

4. Deus poderia intervir diretamente e garantir a salvação

de algumas pessoas.

Todos os cristãos imediatamente excluem a primeira opção. A maioria dos cristãos exclui a terceira. Enfrentamos o problema que Deus salva alguns e não todos. O Calvinismo responde com a quarta opção. A visão calvinista da predestinação ensina que Deus ativamente intervém nas vidas dos eleitos para ter certeza absoluta de que eles sejam salvos. É claro que o restante é convidado a Cristo e é dada a eles uma oportunidade para ser salvos, *se eles quiserem*. Mas o calvinismo assume que, sem uma intervenção de Deus,

ninguém jamais vai querer Cristo. Deixado a si mesmo, ninguém jamais vai escolher Cristo.

Este é precisamente o ponto da disputa. As visões não reformadas da predestinação assumem que cada criatura decaída é deixada com a capacidade de escolher Cristo. O homem não é visto como sendo tão decaído que seja necessária a direta intervenção de Deus ao grau que o Calvinismo afirma. As visões não reformadas todas deixam ao poder do homem que lance na urna o voto decisivo para seu destino definitivo. Nestas visões, a melhor opção é a segunda. Deus provê oportunidades para todos serem

salvos. Mas, certamente, as oportunidades não são iguais, uma vez que vastas multidões de pessoas morrem sem jamais ouvir o Evangelho.

O não reformado faz objeções à quarta opção porque ela limita a salvação a um seletivo grupo que Deus escolhe. O não reformado faz objeções à segunda opção porque ele vê a oportunidade universal de salvação *como não provendo o suficiente para salvar todos*. O calvinista vê Deus fazendo muito mais pela raça humana decaída através da opção quatro do que através da opção dois. O não calvinista vê justamente o inverso. Ele pensa que dar uma oportunidade

universal, embora falhe em garantir a salvação de todos, é mais benevolente do que garantir a salvação de alguns e não de outros.

O problema indecente para o Calvinismo é visto no relacionamento entre as opções três e quatro. Se Deus pode escolher, e escolhe, garantir a salvação de alguns, por que Ele não garante a salvação de todos?

Antes que eu tente responder a essa pergunta, deixe-me primeiro citar que esse não é só um problema calvinista. Todo cristão deve sentir o peso deste problema. Primeiro enfrentamos a pergunta: "Deus tem o poder de garantir a salvação de todos?"

Certamente Deus tem o poder de mudar o coração de cada pecador impenitente e trazer esse pecador a si próprio. Se faltasse a Ele esse poder, então Ele não seria soberano. Se Ele tem esse poder, por que não o usa para todos?

O pensador não reformado geralmente responde dizendo que, se Deus impusesse seu poder sobre pessoas que não querem, estaria violando a liberdade do homem. Violar a liberdade do homem é pecar. Desde que Deus não pode pecar, não pode impor unilateralmente sua graça salvadora sobre pecadores que não querem. Forçar o pecador a querer quando o pecador não quer é violentar o pecador. A

idéia é que, ao oferecer a graça do Evangelho, Deus faz tudo o que pode para ajudar o pecador a ser salvo. Ele tem o poder natural de coagir os homens, mas o uso de tal poder seria estranho à justiça de Deus.

Isto não traz muito conforto ao pecador no inferno. O pecador no inferno pode estar perguntando: "Deus, se o senhor realmente me amou, por que não me coagiu a crer? Eu preferiria ter meu livre-arbítrio violentado do que estar aqui neste eterno lugar de tormento." Ainda assim, o apelo dos condenados não determinaria a justiça de Deus, se, de fato, fosse errado para Deus impor a si mesmo sobre a

vontade do homem. A pergunta que o calvinista faz é: "O que há de errado com Deus criar a fé no coração do pecador?"

Não é requerido de Deus que busque a permissão do pecador para fazer com o pecador o que Ele quer. O pecador não pediu para nascer no país em que nasceu, para ser filho de seus pais, nem mesmo para nascer. Também não pediu para nascer com uma natureza decaída. Todas estas coisas foram determinadas pela decisão soberana de Deus. Se Deus faz tudo isto que afeta o destino eterno do pecador, o que poderia haver de errado em ele ir um passo além e garantir a salvação



do pecador? O que Jeremias queria dizer quando clamou: "Persuadiste-me, ó Senhor, e persuadido fiquei" (Jeremias 20.7)? Jeremias certamente não convidou Deus a persuadi-lo.

A questão continua. Por que Deus somente salva alguns? Se nós admitimos que Deus pode salvar os homens violentando suas vontades, por que então Ele não violenta a vontade de todos e traz todos à salvação? (Estou usando aqui a palavra violentar não porque eu realmente pense que exista uma violentação errada, mas porque os não calvinistas insistem no termo.)

A única resposta que eu posso dar a esta pergunta é que eu não

sei. Não tenho idéia por que Deus salva alguns e não todos. Não duvido por um momento que Deus tenha o poder de salvar todos, mas eu sei que Ele não escolhe salvar todos. Realmente não sei por quê.

Uma coisa sei. Se agrada a Deus salvar alguns e não todos, não há nada de errado com isso. Deus não está obrigado a salvar ninguém. Se Ele escolhe salvar alguns, isso de modo algum o obriga a salvar o restante. De novo, a Bíblia insiste que é divina prerrogativa de Deus ter misericórdia de quem Ele tiver misericórdia.

O grito em alta voz que o calvinista geralmente ouve a este

ponto é: "Isso não é certo!" Mas o que significa certo aqui? Se, por certo, nós queremos dizer igual, então é claro que o protesto é correto. Deus não trata todos os homens igualmente. Nada poderia ser mais claro na Bíblia que isso. Deus apareceu a Moisés de um modo que Ele não apareceu a Hamurabi. Deus deu bênçãos a Israel que não deu à Pérsia. Cristo apareceu a Paulo na estrada de Damasco de modo diferente do qual se manifestou a Pilatos. Deus simplesmente não tem tratado cada ser humano na História exatamente da mesma maneira. Até aí é óbvio.

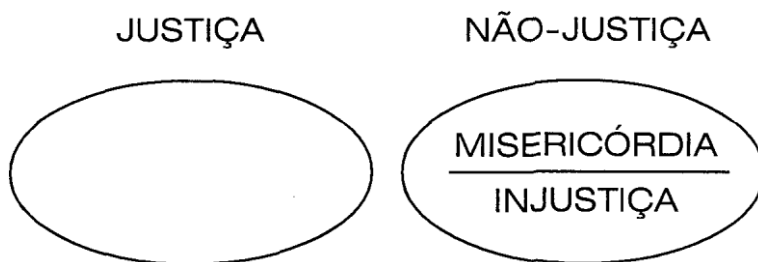
Provavelmente o que querem dizer por "certo" no protesto é

"justo". Não parece justo que Deus escolha alguém para receber sua misericórdia enquanto outros não recebem o benefício dela.

Para lidar com este problema, precisamos de um raciocínio aproximado, mas muito importante. Vamos presumir que todos os homens são culpados de pecado à vista de Deus. Da massa da humanidade culpada, Deus soberanamente decide conceder misericórdia a alguns deles. O que o restante recebe? Eles recebem justiça. Os salvos recebem misericórdia e os não salvos recebem justiça. Ninguém recebe injustiça.

Misericórdia não é justiça.

Mas também não é injustiça.  
Olhe para o seguinte gráfico:



Existe justiça e existe não-justiça. Não-justiça inclui tudo fora da categoria da justiça. Na categoria da não-justiça encontramos dois subconceitos, injustiça e misericórdia. Misericórdia é uma boa forma de não-justiça, enquanto injustiça é uma forma má de não-justiça. No

plano de salvação, Deus não faz nada mau. Ele nunca comete uma injustiça. Algumas pessoas recebem justiça, que é o que elas merecem, enquanto outras pessoas recebem misericórdia. Novamente, o fato de alguém receber misericórdia não requer que outros a recebam também. Deus reserva-se o direito da clemência executiva.

Como ser humano eu poderia *preferir* que Deus concedesse sua misericórdia a todos igualmente, mas não posso *requerer* isso. Se Deus não se agrada em dispensar sua misericórdia salvadora a todos os homens, então preciso submeter-me à sua decisão santa e justa. Deus

nunca, nunca, nunca é obrigado a ser misericordioso para com os pecadores. Este é o ponto que devemos destacar, se vamos entender a inteira medida da graça de Deus.

A questão real é por que Deus é inclinado a ser misericordioso com alguém. Sua misericórdia não é requerida, e, mesmo assim, Ele a concede gratuitamente a seu eleito. Ele a deu a Jacó de uma maneira que não deu a Esaú. Ele a deu a Pedro de uma maneira que não deu a Judas. Precisamos aprender a louvar a Deus tanto por sua misericórdia como por sua justiça. Quando Ele executa sua justiça, não está fazendo nada errado. Ele está

executando sua justiça de acordo com sua retidão.

## **A SOBERANIA DE DEUS E A LIBERDADE HUMANA**

Todo cristão alegremente afirma que Deus é soberano. A soberania de Deus é um conforto para nós. Assegura-nos que Ele é capaz de fazer o que prometeu. Mas o fato óbvio da soberania de Deus levanta mais uma grande questão: Como a soberania de Deus se relaciona com a liberdade humana?

Quando estamos perante a questão da soberania divina e da liberdade humana, o dilema de lutar ou fugir pode nos



confrontar. Poderíamos tentar lutar da nossa maneira até uma solução lógica, ou dar meia-volta e correr o mais rápido possível da questão.

Muitos de nós escolhem fugir. A fuga toma diferentes rumos. A mais comum é simplesmente dizer que a soberania divina e a liberdade humana são contradições que devemos ter a coragem de abraçar. Procuramos analogias que confortem nossas mentes aflitas.

Como estudante da faculdade, ouvi duas analogias que me deram alívio temporário, como um pacote teológico de aspirina:

**Analogia 1** - "A soberania de Deus e a liberdade humana são

como paralelas que se encontram na eternidade."

**Analogia 2** - "A soberania de Deus e a liberdade humana são como cordas num poço. Na superfície parecem estar separadas, mas na escuridão da profundidade do poço elas se juntam."

A primeira vez em que ouvi estas analogias fiquei aliviado. Elas soaram simples e profundas. A idéia de duas linhas paralelas que se encontram na eternidade me satisfez. Deu-me algo inteligente para dizer na eventualidade de um cético esquentado me perguntar sobre a soberania divina e a liberdade humana.

Meu alívio foi temporário. Eu logo precisei de uma dose maior de aspirina. A pergunta capciosa recusava-se a ir embora. *Como, eu queria saber, podem linhas paralelas jamais se encontrar? Na eternidade ou em qualquer outro lugar?* Se as linhas se encontram, então não são, em última análise, paralelas. Se elas são, em última análise, paralelas, então nunca se encontrarão. Quanto mais pensava na analogia, mais percebia que ela não resolvia o problema. Dizer que linhas paralelas se encontram na eternidade é uma declaração insensata; é uma clara contradição.

Não gosto de contradições.

Encontro pouco conforto nelas. Nunca cesso de me surpreender com a facilidade com que os cristãos parecem estar confortáveis com elas. Ouço declarações como: "Deus é maior do que a lógica!" ou "A fé é maior do que a razão!" para defender o uso das contradições na teologia.

Certamente concordo que Deus é maior do que a lógica e que a fé é maior do que a razão. Concordo com todo meu coração e com toda minha cabeça. O que quero evitar é um Deus que seja menor do que a lógica e uma fé que seja inferior à razão. Um Deus que fosse menor do que a lógica seria e deveria ser destruído pela lógica. Uma fé que

fosse inferior à razão seria irracional e absurda.

Suponho que seja a tensão entre a soberania de Deus e a liberdade humana, mais do que qualquer outra situação, que tem levado muitos cristãos a alegar que contradições são um legítimo elemento de fé. A idéia é que a lógica não pode reconciliar a soberania divina e a liberdade humana. As duas desafiam a harmonia da lógica. Uma vez que a Bíblia ensina ambos os pólos da contradição, devemos estar prontos a afirmá-los, a despeito do fato de serem contraditórios.

Deus nos livre! Para os cristãos, abraçar ambos os pólos de uma clara contradição é

cometer suicídio intelectual e difamar o Espírito Santo. O Espírito Santo não é o autor da confusão. Deus não fala com língua presa.

Se a liberdade humana e a soberania divina são verdadeiras contradições, então uma delas, pelo menos, tem de sair. Se a soberania exclui a liberdade e a liberdade exclui a soberania, então, ou Deus não é soberano ou o homem não é livre.

Felizmente há uma alternativa. Podemos conservar tanto a soberania como a liberdade se pudermos mostrar que elas não são contraditórias.

Num nível humano, prontamente vemos que as

pessoas podem desfrutar uma medida verdadeira de liberdade numa terra governada por um monarca soberano. Não é a liberdade que é cancelada pela soberania; é a *autonomia* que não pode coexistir com a soberania.

O que é autonomia? A palavra vem do prefixo *auto* e da raiz *nomos*. *Auto* significa "por si próprio". Um automóvel é alguma coisa que se move por si próprio. Automático descreve alguma coisa que age por si própria.

A raiz *nomos* é a palavra grega para "lei". A palavra *autonomia*, então, significa "lei própria". Ser autônomo significa ser uma lei para si mesmo. Uma criatura autônoma não deve satisfações a

ninguém. Ela não tem um governador, muito menos um governador soberano. E logicamente impossível ter um Deus soberano existindo ao mesmo tempo em que uma criatura autônoma. Os dois conceitos são completamente incompatíveis. Pensar na sua coexistência seria como imaginar o encontro de um objeto imóvel com uma força irresistível. O que aconteceria? Se o objeto se movesse, já não poderia ser considerado imóvel. Se não conseguisse se mover, então a força irresistível não mais seria irresistível.

Assim é com a soberania e a autonomia. Se Deus é soberano,



não há possibilidade de o homem poder ser autônomo. Se o homem é autônomo, não há possibilidade de Deus poder ser soberano. Estas seriam contradições.

Uma pessoa não tem de ser autônoma para ser livre. Autonomia implica liberdade *absoluta*. Somos livres, mas há limites para nossa liberdade. O limite extremo é a soberania de Deus.

Uma vez li a declaração de um cristão que dizia: "A soberania de Deus nunca pode restringir a liberdade do homem". Imagine um pensador cristão fazendo tal declaração. Isto é puro humanismo. A lei de Deus coloca restrições na liberdade humana?

Não é permitido que Deus imponha limites naquilo que eu posso escolher? Não só Deus impõe limites morais sobre a minha liberdade, mas Ele tem todo direito, a qualquer momento, de me fazer cair morto, se necessário, para me restringir de fazer escolhas más. Se Deus não tem direito de coerção, então Ele não tem direito de governar sua criação.

É melhor inverter a declaração: "A liberdade humana nunca pode restringir a soberania de Deus". E disso que trata a soberania de Deus. Se a soberania de Deus é restringida pela liberdade do homem, então Deus não é soberano, e sim o homem é

soberano.

Deus é livre. Eu sou livre. Deus é mais livre que eu. Se a minha liberdade colidir com a liberdade de Deus, eu perco. Sua liberdade restringe a minha; minha liberdade não restringe a dele. Existe uma analogia na família humana. Eu tenho livre-arbítrio. Meus filhos têm livre-arbítrio. Quando nossas vontades se chocam, eu tenho autoridade para reger a vontade deles. A vontade deles deve estar subordinada à minha vontade; minha vontade não deve estar subordinada à deles. É claro que, no nível humano da analogia, não estamos falando em termos absolutos.

Freqüentemente pensa-se na soberania divina e na liberdade humana como sendo contraditórias, porque na superfície elas soam como contraditórias. Há algumas distinções importantes que precisam ser feitas e consistentemente aplicadas a esta questão, se quisermos evitar uma confusão desesperadora.

Vamos considerar três palavras de nosso vocabulário que são tão intimamente ligadas que muitas vezes se confundem:

1. Contradição
2. Paradoxo
3. Mistério

**1. Contradição.** A lei lógica da contradição diz que uma coisa não pode ser o que é, e não ser o que é, ao mesmo tempo, e na mesma relação. Um homem pode ser um pai e um filho ao mesmo tempo, mas ele não pode ser um homem e não ser um homem ao mesmo tempo. Um homem pode ser tanto um pai como um filho ao mesmo tempo, mas não na mesma relação. Nenhum homem pode ser seu próprio pai. Mesmo quando falamos de Jesus como Deus/homem, somos cuidadosos em dizer que, embora Ele seja Deus e homem ao mesmo tempo, Ele não é Deus e homem na mesma relação. Ele tem uma natureza divina e uma natureza

humana. Elas não devem ser confundidas. Contradições nunca podem coexistir, nem mesmo na mente de Deus. Se ambos os pólos de uma contradição genuína pudessem ser verdadeiros na mente de Deus, então nada do que Deus alguma vez nos revelou teria a possibilidade de ter algum significado. Se o bem e o mal, a justiça e a injustiça, a retidão e a falta dela, Cristo e o anticristo pudessem todos significar a mesma coisa para a mente de Deus, então qualquer tipo de verdade seria inteiramente impossível.

**2. Paradoxo.** Um paradoxo é uma contradição aparente que,

numa análise detalhada, pode ser resolvido. Tenho ouvido professores declarar que a noção cristã da Trindade é uma contradição. Simplesmente não é. Não viola nenhuma lei da lógica. Passa no teste objetivo da lei da contradição. Deus é um *em essência* e três *em* pessoa. Não há nada contraditório nisso. Se dissermos que Deus é um *em essência* e três *em essência*, então teríamos uma contradição genuína, que ninguém poderia resolver. Então o Cristianismo seria irracional e absurdo, sem esperança. A Trindade é um paradoxo, mas não uma contradição.

Levando as coisas ainda mais

adiante, há um outro termo, *antinomia*. Seu significado primário é um sinônimo de contradição, mas seu significado secundário é um sinônimo de paradoxo. Depois de examinar, vemos que tem a mesma raiz de *autonomia*, *nomos*, que significa "lei". Aqui o prefixo é *anti*, que significa "contra" ou "em vez de". Assim, o significado literal da palavra *antinomia* é "contra a lei". Que lei supomos que está em questão aqui? A lei da contradição. O significado original do termo era "aquele que viola a lei da contradição". Portanto, originalmente e numa discussão filosófica normal, a palavra *antinomia* é um



equivalente exato da palavra *contradição*.

A confusão entra quando as pessoas usam o termo *antinomia*, não para referir-se a uma contradição genuína, mas a um paradoxo ou contradição aparente. Lembremo-nos de que um paradoxo é uma declaração que se parece com uma contradição, mas na realidade não é. Na Grã-Bretanha, especialmente, a palavra *antinomia* é muitas vezes usada como um sinônimo de paradoxo.

Trabalho nestas diferenças sutis por duas razões. A primeira delas é que, se vamos evitar confusão, precisamos ter uma idéia clara em nossas mentes da

diferença crucial entre uma contradição verdadeira e uma contradição aparente. E a diferença entre a racionalidade e a irracionalidade, entre a verdade e o absurdo.

A segunda razão que é necessária para estabelecer claramente estas definições é que um dos grandes defensores da doutrina da predestinação em nosso mundo hoje usa o termo *antinomia*. Estou falando do destacado teólogo Dr. J. I. Packer. Packer tem ajudado milhares de pessoas a chegar a um entendimento mais profundo do caráter de Deus, especialmente no que se refere à soberania de Deus.

Jamais discuti com o Dr. Packer este assunto do uso que ele faz do termo *antinomia*. Presumo que ele o esteja usando no sentido britânico de *paradoxo*. Não posso imaginar que ele esteja falando de verdadeiras contradições na Palavra de Deus. De fato, em seu livro *Evangelismo e a Soberania de Deus*, ele trabalha a idéia que não há contradições extremas na verdade de Deus. O Dr. Packer não só tem sido incansável em sua defesa da teologia cristã, como tem sido igualmente incansável em sua brilhante defesa da inerrância da Bíblia. Se a Bíblia contivesse antinomias no sentido de verdadeiras

contradições, isso seria o fim da inerrância.

Algumas pessoas, de fato, sustentam que existem reais contradições na verdade divina. Elas pensam que a inerrância é compatível com elas. A inerrância então significaria que a Bíblia inerrantemente revela as contradições na verdade de Deus. É claro que um rápido raciocínio deixaria claro que, se a verdade de Deus é uma verdade contraditória, absolutamente não é verdade. De fato, a própria palavra *verdade* ficaria esvaziada de seu significado. Se as contradições podem ser verdadeiras, não teríamos uma maneira possível de discernir a

diferença entre verdade e mentira. É por isto que estou convencido de que o Dr. Packer usa a palavra antinomia para significar um paradoxo e não uma contradição.

**3. *Mistério.*** O termo *mistério* refere-se àquilo que é verdadeiro, mas que não entendemos. A Trindade, por exemplo, é um mistério. Não posso penetrar no mistério da Trindade ou da encarnação de Cristo com minha mente falível. Tais verdades são muito elevadas para mim. Sei que Jesus foi uma pessoa com duas naturezas, mas não sei como isso pode ser. O mesmo tipo de coisas é encontrado na esfera natural. Quem entende a

natureza da gravidade, ou mesmo do movimento? Quem tem penetrado no último mistério da vida? Que filósofo tem explorado as profundezas do significado do ser humano? Estes são mistérios. Não são contradições.

É fácil confundir mistério e contradição. Não entendemos nenhum deles. Ninguém entende uma contradição porque contradições são intrinsecamente ininteligíveis. Nem mesmo Deus pode entender uma contradição. Contradições são contra-sensos. Ninguém poderia tirar sentido delas.

Mistérios são possíveis de ser entendidos. O Novo Testamento

nos revela coisas que foram obscuras e não entendidas nos tempos do Novo Testamento. Há coisas que uma vez já foram mistérios para nós e que agora são entendidas. Isto não significa que tudo que atualmente é mistério para nós será um dia esclarecido, mas que muitos mistérios correntes nos serão revelados. Alguns serão penetrados neste mundo. Ainda não temos alcançado os limites da descoberta humana. Sabemos também que há coisas que nos serão reveladas no céu que ainda estão escondidas. Mas mesmo no céu não vamos entender completamente o significado do infinito. Para entender isto, a

pessoa teria de ser, ela própria, infinita. Deus pode entender o infinito, não porque Ele opere na base de algum tipo de sistema lógico celestial, mas porque Ele próprio é infinito. Ele tem uma perspectiva infinita.

Deixe-me dizer de outro modo: Todas as contradições são misteriosas. Nem todos os mistérios são contradições. O Cristianismo tem muito lugar para mistérios. Não tem lugar para contradições. Mistérios podem ser verdadeiros. Contradições nunca podem ser verdadeiras, nem aqui em nossas mentes, nem lá na mente de Deus.

A grande questão continua. O



grande debate que agita o caldeirão da controvérsia centraliza-se na pergunta: "O que a predestinação faz com nosso livre-arbítrio?"

Vamos examinar o assunto no próximo capítulo.

## **RESUMO DO CAPÍTULO 2**

1. Definição de predestinação.

"Predestinação significa que nossa destinação final, inferno ou céu, é decidida por Deus antes de havermos nascido."

2. Soberania de Deus.

Deus é a suprema autoridade no céu e na terra.

3. Deus é o poder supremo.

Todas as outras autoridades e poderes estão debaixo de Deus.

4. Se Deus não é soberano, Ele não é Deus.

5. Deus exerce sua soberania de tal modo que ela não faz mal, e não violenta nenhuma liberdade humana.

6. O primeiro ato de pecado do homem é um mistério. Que Deus tenha permitido que o homem pecasse não reflete maldade sobre Deus.

7. Todos os cristãos enfrentam a difícil questão de saber por que Deus, que teoricamente poderia salvar todos, escolhe salvar alguns, mas não todos.

8. Deus não deve salvação a

ninguém.

9. A misericórdia de Deus é voluntária. Ele não é obrigado a ser misericordioso. Ele reserva-se o direito de ter misericórdia de quem Ele tiver misericórdia.

10. A soberania de Deus e a liberdade do homem não são contraditórias.

### **3. PREDESTINAÇÃO E LIVRE- ARBÍTRIO**

A predestinação parece lançar uma sombra exatamente no coração da liberdade humana. Se Deus decidiu nossos destinos desde toda a eternidade, isso sugere fortemente que nossas

livres escolhas não são senão charadas, exercícios vazios de atuação teatral predeterminada. É como se, na realidade, Deus tivesse escrito o roteiro para nós, e estivéssemos meramente encarregados do cenário.

Para lidarmos com a enigmática relação entre predestinação e livre-arbítrio, precisamos primeiro definir livre-arbítrio. Essa definição é, ela mesma, um assunto de grande debate. Provavelmente a definição mais comum seja a que diz que *o livre-arbítrio é a capacidade de fazer escolhas sem nenhum preconceito, inclinação ou disposição anteriores*. Para o arbítrio ser livre, é preciso agir a

partir de uma postura de neutralidade, sem absolutamente nenhuma tendência.

Na superfície isto é muito atraente. Não há elementos de coerção, nem externos nem internos, a serem encontrados aí. Embaixo da superfície, contudo, estão à espreita dois sérios problemas. Por um lado, se fazemos nossas escolhas estritamente a partir de uma postura natural, sem nenhuma inclinação anterior, então fazemos nossas escolhas sem nenhuma *razão*. Se não temos nenhuma razão para nossas escolhas, se nossas escolhas são totalmente espontâneas, então nossas escolhas não têm nenhum

significado moral. Se uma escolha apenas acontece — apenas surge, sem nenhuma rima ou razão — então não pode ser julgada boa ou má. Quando Deus avalia nossas escolhas, Ele está interessado em nossos motivos.

Considere o caso de José e seus irmãos. Quando José foi vendido como escravo por seus irmãos, a providência de Deus estava operando. Anos mais tarde, quando José se reuniu com seus irmãos no Egito, declarou-lhes: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; mas Deus o tornou em bem..." (Gn 50.20). Aqui o motivo era o fator decisivo determinando se o

ato era bom ou mau. O envolvimento de Deus no dilema de José era bom; o envolvimento dos irmãos era mau. Havia uma razão pela qual os irmãos de José o venderam como escravo. Tinham uma motivação má. Sua decisão não foi espontânea nem neutra. Tinham ciúme de seu irmão. Sua escolha de vendê-lo foi incitada por seus maus desejos.

O segundo problema que esta visão popular enfrenta não é tanto moral como é racional. Se não há nenhuma inclinação ou desejo anteriores, nenhuma motivação anterior, ou razão para uma escolha, como pode uma escolha ser feita? Se a

vontade é totalmente neutra, por que iria escolher a direita ou a esquerda? É algo como o problema encontrado por Alice no País das Maravilhas, quando chegou a uma bifurcação na estrada. Ela não sabia para que lado ir. Ela viu o radioso gato Cheshire na árvore. Perguntou ao gato: "Para que lado devo seguir?" O gato replicou: "Para onde você está indo?" Alice respondeu: "Não sei" "Então", disse o gato Cheshire, "isso não importa."

Considere o dilema de Alice. Na realidade ela possuía quatro opções entre as quais escolher. Ela poderia ter tomado a variante da direita ou a variante da



esquerda. Ela também poderia ter escolhido voltar pelo caminho por onde tinha ido. Ou poderia ter ficado parada no lugar de indecisão até que morresse ali. Para que ela desse um passo em qualquer direção, precisaria de alguma motivação ou inclinação para fazê-lo. Sem nenhuma motivação, nenhuma inclinação anterior, sua única opção real seria ficar parada ali e perecer.

Outra famosa ilustração do mesmo problema é encontrada na história da mula que tinha desejo neutro. A mula não tinha desejos anteriores, ou desejos iguais em duas direções. Seu proprietário pôs uma cesta de aveia à sua esquerda e uma cesta

de trigo à sua direita. Se a mula não tivesse nenhum desejo, tanto pela aveia como pelo trigo, ela não escolheria nenhum e passaria fome. Se ela tivesse uma disposição exatamente igual para a aveia como tinha para o trigo, ainda assim iria passar fome. Sua disposição igual a deixaria paralisada. Não haveria motivo. Sem motivo, não haveria escolha. Sem escolha, não haveria comida. Sem comida, logo não haveria mula.

Precisamos rejeitar a teoria da vontade neutra não somente porque é irracional, mas porque, como veremos, é radicalmente antibíblica.

Os pensadores cristãos nos

deram duas definições muito importantes de livre-arbítrio. Vamos considerar primeiro a definição oferecida por Jonathan Edwards em sua obra clássica *Sobre a Liberdade da Vontade*.

Edwards definiu a vontade como "a escolha da mente". Antes de fazermos quaisquer escolhas morais, precisamos primeiro ter alguma idéia do que é que estamos escolhendo. Nossa seleção é então baseada naquilo que a mente aprova ou rejeita. Nosso entendimento de valores tem um papel crucial a representar em nossa tomada de decisão. Minhas inclinações e motivos, assim como minhas escolhas efetivas são moldadas

pela minha mente. Outra vez, se a mente não está envolvida, então a escolha é feita por nenhuma razão e sem nenhuma razão. É então um ato arbitrário e moralmente insignificante. Instinto e escolha são duas coisas diferentes.

Uma segunda definição de livre-arbítrio é "a capacidade de escolher o que queremos". Isto se apóia no importante fundamento do desejo humano. Ter livre-arbítrio é ser capaz de escolher de acordo com nossos desejos. Aqui o desejo desempenha o papel vital de prover uma motivação ou uma razão para se tomar uma decisão.

Agora a parte enganosa. De

acordo com Edwards, um ser humano não somente é capaz de escolher o que deseja, como — *precisa* escolher o que deseja, simplesmente para ser capaz de escolher. O que eu chamo de *Lei da Escolha de Edwards* é esta: "A vontade sempre escolhe de acordo com sua mais forte inclinação do momento". Isto significa que toda escolha é livre e toda escolha é determinada.

Eu disse que era enganoso. Soa como uma clara contradição dizer que toda escolha é livre e ainda assim toda escolha é determinada. "Determinada", aqui, não significa que alguma força externa compele a vontade. Em vez disso, refere-se à

motivação ou desejo interno de alguém. Em poucas palavras, a lei é esta: Nossas escolhas são determinadas por nossos desejos. Elas continuam sendo nossas escolhas porque são motivadas por nossos próprios desejos. Isto é o que chamamos de autodeterminação, que é a essência da liberdade.

Pense um pouco sobre suas próprias escolhas. Como e por que elas são feitas? Neste exato momento você está lendo as páginas deste livro. Por quê? Você pegou este livro porque você tinha um interesse no assunto da predestinação, um desejo de aprender mais sobre este complexo assunto? Talvez. Talvez

este livro tenha sido dado a você para ler como uma tarefa. Talvez você esteja pensando: "Não tenho nenhum desejo de ler isto. Tenho de lê-lo, e estou me arrastando com dificuldade com isto para cumprir o desejo de outra pessoa de que eu o lesse. Todas as coisas sendo iguais, eu nunca escolheria ler este livro".

Mas todas as coisas não são iguais, são? Se você está lendo este livro por causa de algum tipo de dever, ou para atender uma necessidade, você ainda teve de tomar uma decisão a respeito de atender uma necessidade ou não atender a requisição. *Você* obviamente decidiu que era melhor ou mais

desejável que você lesse este livro do que o deixasse sem ler. Até aí tenho certeza, ou você não o estaria lendo bem agora.

Toda decisão que você toma é feita por uma razão. Na próxima vez que você for a um lugar público e escolher um assento (um teatro, uma sala de aula, uma igreja), pergunte a você mesmo por que você está sentado onde está. Talvez seja o único assento disponível e você prefere sentar-se a ficar em pé. Talvez você descubra que existe um padrão quase inconsciente emergindo de suas decisões a respeito de sentar-se. Talvez você descubra que, sempre que possível, você se senta mais na



frente ou mais no fundo. Por quê? Talvez tenha algo a ver com a sua vista. Talvez você seja tímido ou gregário. Você pode pensar que você se senta onde se senta por nenhuma razão, mas o assento que você escolhe será sempre escolhido pela inclinação mais forte que *você* tiver no momento de decisão. A inclinação pode ser meramente que o assento mais próximo de você está livre e você não gosta de andar longas distâncias para encontrar um lugar onde se sentar.

Tomada de decisão é um assunto complexo porque as opções que encontramos freqüentemente são muitas e variadas. Acrescente a isso o fato

que nós somos criaturas com muitos e variados desejos. Temos motivações diferentes, muitas vezes mesmo conflitantes.

Considere o assunto dos sorvetes de casquinha. Sim, eu tenho problemas com sorvetes de casquinha e com *sundaes*. Se for possível ser viciado em sorvete, então eu devo ser classificado como um viciado em sorvete. Estou pelo menos oito quilos acima de meu peso, e estou certo de que pelo menos dez dos quilos que compõem o meu peso estão lá por causa de sorvete. O sorvete é, para mim, uma prova do adágio, "Um segundo nos lábios; para sempre nos quadris". E, "Indulgentes engordam." Por

causa do sorvete tenho de comprar minhas camisas com tamanho extra na cintura.

Agora, todas as coisas sendo iguais, eu gostaria de ter um corpo magro e ajeitado. Não gosto de me espremer nos ternos e de ver senhoras de idade dando tapinhas na minha barriga. Dar tapinhas na barriga parece ser uma tentação irresistível para algumas pessoas. Eu sei o que tenho de fazer para me livrar desses quilos em excesso. Preciso parar de tomar sorvete. Assim, começo uma dieta. Começo porque eu quero começar uma dieta. Quero perder peso. Quero ter melhor aparência. Tudo está bem até que alguém me convida

para ir ao Swenson's. O Swenson's faz os melhores "Super Sundaes" do mundo. Eu sei que não deveria ir ao Swenson's. Mas eu gosto de ir ao Swenson's. Quando chega o momento de decisão, fico face a face com desejos conflitantes. Tenho o desejo de ser magro e tenho o desejo de tomar um "Super Sundae". Qualquer desses desejos que for maior na hora da decisão é o desejo que vou escolher. É simples assim.

Agora considere minha esposa. Enquanto nos preparamos para celebrar nossas bodas de prata, estou consciente de que ela tem exatamente o mesmo peso que tinha no dia em que nos casamos.

Seu vestido de noiva ainda lhe serve perfeitamente. Ela não tem maiores problemas com sorvete. A maioria dos restaurantes oferece só sorvetes de creme, chocolate e morango. Qualquer um desses me dá água na boca, mas não consegue enlaçar minha esposa. Ah-ah! Mas existe uma certa sorveteria que tem *praliné* e sorvete de *chantilly*. Quando vamos ao *shopping center* e passamos por ela, minha esposa experimenta uma estranha transformação. Seu passo desacelera, suas mãos ficam frias, e eu quase posso detectar um começo de salvação (Isso mesmo, salvação e não salvação). Agora ela experimenta o conflito de

desejos que me assaltam diariamente.

Nós sempre escolhemos de acordo com nossa mais forte inclinação do momento. Mesmo atos externos de coação não podem tirar totalmente nossa liberdade. A coação envolve agir com algum tipo de força, impondo escolhas para pessoas que, se deixadas a si mesmas, não fariam. Eu certamente não tenho desejo de pagar o tipo de imposto de renda que o governo me faz pagar. Posso me recusar a pagá-lo, mas as conseqüências são menos desejáveis do que pagá-lo. Ameaçando-me com cadeia, o governo é capaz de impor sua vontade sobre mim

para pagar impostos.

Ou considere o caso do roubo a mão armada. Um assaltante aproxima-se de mim e diz: "Seu dinheiro ou sua vida". Ele assim restringiu minhas opções a duas. Todas as coisas sendo iguais, não tenho desejo de dar meu dinheiro a ele. Há obras de caridade muito mais merecedoras do que ele. Mas, de repente, meus desejos mudaram como resultado de seu ato externo de coação. Ele está usando a força para provocar certos desejos em mim. Agora preciso escolher entre meu desejo de viver e meu desejo de dar a ele o que ele quer. Eu poderia muito bem lhe dar meu

dinheiro porque, se ele me matar, levará meu dinheiro de qualquer jeito. Algumas pessoas poderiam escolher recusar-se, dizendo: "Eu preferiria morrer a entregar o que tenho a este assaltante. Ele terá de tirá-lo de meu cadáver".

Em qualquer dos casos, é feita uma escolha. E é feita de acordo com a mais forte inclinação do momento. Pense, se puder, em qualquer escolha que você já fez que não estivesse de acordo com a inclinação mais forte que você tinha no momento. Que dizer do pecado? Todo cristão tem algum desejo em seu coração de obedecer a Cristo. Amamos Cristo e queremos agradá-lo. Ainda assim, todo cristão peca. A



dura verdade é que, no momento em que pecamos, desejamos o pecado mais fortemente do que desejamos obedecer a Cristo. Se desejássemos sempre obedecer a Cristo mais do que desejamos pecar, nunca pecaríamos.

O apóstolo Paulo não ensina diferentemente? Ele não nos conta uma situação em que ele age contra seus desejos? Ele diz em Romanos, "Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço" (Rm 7.19). Aqui soa como se, sob a inspiração de Deus Espírito Santo, Paulo estivesse ensinando claramente que há vezes em que ele age contra suas mais fortes inclinações.

É extremamente improvável que o apóstolo esteja aqui nos dando uma revelação sobre a operação técnica da vontade. Em vez disso, ele está declarando plenamente o que cada um de nós tem experimentado. Todos temos o desejo de escapar do pecado. A síndrome do "todas as coisas sendo iguais" está em vista aqui. Todas as coisas sendo iguais, eu gostaria de ser perfeito. Eu gostaria de ficar livre do pecado, como gostaria de ficar livre de meu excesso de peso. Mas meus desejos não permanecem constantes. Eles flutuam. Quando meu estômago está cheio, é fácil entrar numa dieta. Quando meu estômago

está vazio, meu nível de desejo muda. Tentações se levantam com a mudança de meus desejos e apetites. Então faço coisas que, todas as coisas sendo iguais, eu não desejaria fazer.

Paulo coloca perante nós exatamente o verdadeiro conflito dos desejos humanos, desejos que levam a más escolhas. O cristão vive dentro de um campo de batalha de desejos conflitantes. O crescimento cristão envolve o fortalecimento dos desejos de agradar a Cristo, acompanhado do enfraquecimento dos desejos de pecar. Paulo chamou isso de guerra entre a carne e o espírito.

Dizer que sempre escolhemos

de acordo com nossa inclinação mais forte do momento é dizer que sempre escolhemos o que queremos. Em cada ponto da escolha somos livres e autodeterminados. Ser autodeterminado não é a mesma coisa que *determinismo*. Determinismo significa que somos forçados ou coagidos a fazer coisas por forças externas. As forças externas podem, como temos visto, limitar severamente nossas opções, mas não podem destruir completamente a escolha. Elas não podem impor prazer nas coisas que odiamos. Quando isso acontece, quando o ódio se torna em prazer, é uma questão de persuasão, e não de coação. Não posso ser forçado a

fazer aquilo que já tenho prazer em fazer. A visão neutra do livre-arbítrio é impossível. Envolve escolha sem desejo. É como ter um efeito sem uma causa. E alguma coisa a partir do nada, que é irracional. A Bíblia torna claro que escolhemos a partir de nossos desejos. Um desejo maligno produz escolhas malignas e ações malignas. Um desejo piedoso produz atos piedosos. Jesus falou em árvores corruptas produzindo frutos corruptos. Uma figueira não dá maçãs e uma macieira não dá figos. Assim, desejos justos produzem escolhas justas e maus desejos produzem escolhas más.

## **CAPACIDADE MORAL E NATURAL**

Jonathan Edwards fez outra distinção que é útil no entendimento do conceito bíblico do livre-arbítrio. Ele distinguiu entre capacidade natural e capacidade moral. A capacidade natural tem a ver com os poderes que recebemos como seres humanos naturais. Como um ser humano, tenho a capacidade natural de pensar, de andar, de falar, de ver, de ouvir, e, sobretudo, de fazer escolhas. Há certas capacidades naturais que me faltam. Outras criaturas podem possuir a capacidade de

voar sem a ajuda de máquinas. Eu não tenho essa capacidade natural. Posso desejar voar pelos ares como o Super-Homem, mas não tenho essa capacidade. A razão pela qual eu não posso voar não é devida à deficiência moral no meu caráter, mas porque meu Criador não me deu o equipamento natural necessário para voar. Não tenho asas.

A vontade é uma capacidade natural dada a nós por Deus. Temos todas as faculdades naturais necessárias para fazer escolhas. Temos uma mente e temos uma escolha. Temos a capacidade natural de escolher o que desejamos. Qual, então, é o

nosso problema? De acordo com a Bíblia, a localização de nosso problema é clara. É com a natureza de nossos desejos. Este é o ponto focal de nossa queda. A Escritura diz que o coração do homem decaído abriga continuamente desejos que são somente maus (Gn 6.5).

A Bíblia tem muito a dizer sobre o coração do homem. Na Escritura, o coração refere-se não tanto a um órgão que bombeia sangue através do corpo, como à essência da alma, ao lugar mais profundo das afeições humanas. Jesus viu uma conexão próxima entre a localização dos tesouros do homem e os desejos de seu co-



ração. Encontre o mapa do tesouro do homem e você terá a estrada para seu coração.

Edwards declarou que o problema do homem com o pecado está em sua capacidade moral, ou falta dela. Antes que uma pessoa possa fazer uma escolha que é agradável a Deus, ela precisa primeiro ter um desejo de agradar a Deus. Antes de encontrarmos Deus, precisamos primeiro desejar procurá-lo. Antes de escolhermos o bem, precisamos primeiro ter um desejo pelo bem. Antes de escolhermos Cristo, precisamos primeiro ter um desejo por Cristo. O valor e a substância do debate todo apóiam-se precisamente

neste ponto: O homem decaído, em si mesmo e de si mesmo, tem um desejo natural por Cristo?

Edwards responde a esta questão com um enfático "Não!". Ele insiste que, na queda, o homem perdeu seu desejo original por Deus. Quando ele perdeu esse desejo, alguma coisa aconteceu à sua liberdade. Ele perdeu a capacidade moral de escolher Cristo. Ou ele tem esse desejo já dentro dele, ou precisa receber esse desejo de Deus. Edwards e todos que abraçaram a visão reformada da predestinação concordam que, se Deus não plantar esse desejo no coração humano, ninguém, deixado a si mesmo, jamais

escolherá Cristo. Eles sempre e em todo lugar rejeitarão Cristo porque eles não o desejam. Eles livremente rejeitarão Cristo no sentido de que sempre agirão de acordo com seus desejos.

A este ponto, não estou tentando provar a verdade da visão de Edwards. Para fazer isso, é preciso dar uma olhada de perto na visão bíblica da capacidade ou inabilidade moral do homem. Faremos isso mais tarde. Precisamos também responder à pergunta: "Se falta ao homem a capacidade moral de escolher Cristo, como pode Deus considerá-lo responsável por escolher Cristo? Se o homem nasce num estado de

incapacidade moral, sem nenhum desejo de escolher Cristo, não é então culpa de Deus que os homens não escolham Cristo?" Novamente peço paciência ao leitor, com a promessa de que vou retomar estas questões brevemente.

## **A VISÃO DE LIBERDADE DE SANTO AGOSTINHO**

Assim como Edwards fez uma crucial distinção entre capacidade moral e capacidade natural, também Agostinho, antes dele, fez uma distinção similar. Agostinho abordou o problema dizendo que o homem tem um *livre-arbítrio*, mas lhe

falta *liberdade*. Na superfície parece uma distinção estranha. Como poderia alguém ter um livre-arbítrio e ainda assim não ter liberdade?

Agostinho estava chegando à mesma coisa que Edwards. O homem decaído não perdeu sua capacidade de fazer escolhas. O pecador ainda é capaz de escolher o que ele quer, ele ainda pode agir de acordo com seus direitos. Ainda assim, por serem seus desejos corruptos, ele não tem a liberdade real daqueles que foram libertos para a justiça. O homem decaído está num sério estado de servidão moral. Esse estado de servidão é chamado de *pecado original*.

O pecado original é um assunto difícil que virtualmente toda denominação cristã tem de enfrentar. A queda do homem é ensinada tão claramente na Escritura que não podemos construir uma visão do homem sem levá-la em consideração. Existem uns poucos cristãos, se é que existem, que argumentam que o homem não é decaído. Sem reconhecer que somos decaídos, não podemos reconhecer que somos pecadores. Se não reconhecermos que somos pecadores, dificilmente fugiremos para Cristo como nosso Salvador. Admitir a queda é um pré-requisito para vir a Cristo.

É possível admitir que somos

decaídos sem abraçar alguma doutrina de pecado original, mas somente com severas dificuldades no processo. Não é por acaso que quase todo o Corpo de Cristo tem formulado alguma doutrina de pecado original.

Neste ponto, multidões de cristãos discordam. Concordamos que precisamos ter uma doutrina de pecado original, mas aí permanece grande discordância quanto ao conceito de pecado original e sua extensão.

Vamos começar declarando o que o pecado original não é. O pecado original não é o primeiro pecado. O pecado original não se refere especificamente ao pecado

de Adão e Eva. O pecado original refere-se ao *resultado* do pecado de Adão e Eva. O pecado original é a punição que Deus dá pelo primeiro pecado. É alguma coisa assim: Adão e Eva pecaram. Esse foi o primeiro pecado. Como resultado do pecado deles, a humanidade foi mergulhada em ruína moral. A natureza humana experimentou uma queda moral. As coisas mudaram para nós depois que o primeiro pecado foi cometido. A raça humana tornou-se corrompida. A corrupção subsequente é o que a Igreja chama de pecado original.

O pecado original não é um ato específico de pecado. É uma *condição* de pecado. O pecado



original refere-se a uma natureza de pecado a partir da qual fluem atos pecaminosos. Novamente, nós cometemos atos pecaminosos porque nossa natureza é para pecar. A natureza original do homem não era para pecar, mas, depois da queda, sua natureza original mudou. Agora, por causa do pecado original, temos uma natureza decaída e corrompida.

O homem decaído, como a Bíblia declara, é nascido no pecado. Ele está "debaixo" do pecado. Pela natureza, somos filhos da ira. Não nascemos num estado de inocência.

John Gerstner uma vez foi convidado a pregar numa igreja

presbiteriana. Ele foi saudado à porta pelos presbíteros, que lhe explicaram que a ordem de adoração para aquele dia incluía a administração de batismo infantil. O Dr. Gerstner concordou em dirigir o culto. Então um dos presbíteros explicou uma tradição especial da igreja. Ele pediu ao Dr. Gerstner que oferecesse uma rosa branca aos pais de cada bebê antes do batismo. O Dr. Gerstner perguntou sobre o significado da rosa branca. O presbítero respondeu: "Nós oferecemos a rosa branca como símbolo da inocência do bebê perante Deus".

"Entendo", disse o Dr.

Gerstner. "E o que simboliza a água?"

Imagine a consternação do presbítero quando tentou explicar o propósito simbólico de lavar o pecado de inocentes bebês. A confusão de sua congregação não é exclusiva dela. Quando reconhecemos que bebês não são culpados de cometer atos específicos de pecado, é fácil saltar para a conclusão de que são, portanto, inocentes. Este é um largo salto teológico sobre uma pilha de espadas. Embora o bebê seja inocente de atos específicos de pecado, ele ainda é culpado pelo pecado original.

Para entender a visão reformada da predestinação é

absolutamente necessário entender a visão reformada do pecado original. Os dois assuntos sustentam-se juntos, ou caem juntos.

A visão reformada segue o pensamento de Agostinho. Agostinho elucida o estado de Adão antes da queda e o estado da humanidade depois da queda. Antes da queda foram concedidas a Adão duas possibilidades: Ele tinha a capacidade para pecar e a incapacidade para não pecar. A idéia de "incapacidade para não" é um pouco confusa porque, em nossa língua, é uma dupla negativa. A fórmula latina de Agostinho era *non posse non peccare*. Colocado de outra

maneira, significa que, depois da queda, o homem era moralmente incapaz de viver sem pecar. A capacidade de viver sem pecar foi perdida na queda. A incapacidade moral é a essência do que chamamos de pecado original.

Quando nascemos de novo, nossa servidão ao pecado é aliviada. Depois que somos vivificados em Cristo, novamente temos a capacidade para pecar e a capacidade para não pecar. No céu, teremos a incapacidade para pecar.

Vamos ver isto no quadro seguinte:

<b>O homem antes da queda</b>	<b>O homem depois da queda</b>	<b>O homem renasci do</b>	<b>O homem glorific ado</b>
capaz de pecar	capaz de pecar	capaz de pecar	
capaz de não pecar		capaz de não pecar	capaz de não pecar
	incapaz de não pecar		
			incapaz de pecar

O quadro mostra que o

homem antes da queda, depois da queda e depois de renascer é capaz de pecar. Antes da queda ele é capaz de não pecar. Essa capacidade, a capacidade de não pecar, é perdida na queda. É restaurada quando a pessoa nasce de novo, e continua no céu. Na criação, o homem não sofreu de incapacidade moral. A incapacidade moral é um resultado da queda. Colocando de outra maneira, antes da queda o homem era capaz de refrear-se de pecar; depois da queda, não é mais capaz de refrear-se de pecar. É isso que chamamos de pecado original. Esta incapacidade moral ou servidão moral é vencida através

do renascimento espiritual. O renascimento libera-nos do pecado original. Antes do renascimento ainda temos um livre-arbítrio, mas não temos esta liberação do poder do pecado, que é o que Agostinho chamou de "liberdade".

A pessoa que é renascida ainda pode pecar. A capacidade de pecar não é removida até que sejamos glorificados no céu. Temos a capacidade de pecar, mas não estamos mais sob a servidão do pecado original. Fomos libertados. Isto, é claro, não quer dizer que agora vivemos vidas perfeitas. Ainda pecamos. Mas não podemos dizer que pecamos porque isso é tudo que



nossa natureza decaída tem poder para fazer.

## **A VISÃO DE JESUS DA CAPACIDADE MORAL**

Fizemos um breve resumo da visão de Jonathan Edwards e de Santo Agostinho sobre o assunto da incapacidade moral. Eu acho que eles são úteis, e estou também persuadido que eles estão corretos. Ainda assim, a despeito de sua autoridade como grandes teólogos, nenhum deles pode exigir de nós nossa submissão absoluta a seus ensinamentos. Ambos são falíveis. Para o cristão, o ensinamento de Jesus é outro assunto. Para nós,

assim como para qualquer outra pessoa, se de fato Jesus é o Filho de Deus, o ensinamento de Jesus deve estar atado às nossas consciências. Seu ensinamento sobre a questão da capacidade moral do homem é definitivo.

Um dos ensinamentos mais importantes de Jesus sobre este assunto é encontrado no Evangelho de João. "Por causa disto é que vos tenho dito: Ninguém poderá vir a mim se pelo Pai não lhe for concedido" (Jo 6.65).

Vamos olhar de perto para este versículo. O primeiro elemento do ensinamento é uma *negativa universal*. A palavra "ninguém" é completamente

inclusiva. Não permite nenhuma exceção além das exceções que Jesus acrescenta. A próxima palavra é crucial. É a palavra *poderá*. Isto tem a ver com capacidade, e não com permissão.

Nesta passagem Jesus não está dizendo: "Não é permitido que ninguém venha a mim". Ele está dizendo, "Ninguém é capaz de vir a mim."

A palavra seguinte na passagem é também vital. "Se" refere-se ao que chamamos de *condição necessária*. Uma condição necessária refere-se a algo que precisa acontecer antes que outra coisa possa acontecer. O significado das palavras de Jesus é claro. Nenhum ser

humano tem a possibilidade de poder vir a Cristo a menos que aconteça alguma coisa que torne possível que ele venha. Essa condição necessária que Jesus declara é que "lhe seja concedido pelo Pai". Jesus está dizendo aqui que a capacidade de vir a Ele é um dom de Deus. O homem não tem capacidade em si mesmo e de si mesmo para vir a Cristo. Deus precisa fazer alguma coisa antes.

A passagem ensina pelo menos isto: Não está dentro da capacidade natural do homem decaído vir a Cristo por si próprio, sem algum tipo de assistência divina. Pelo menos até este ponto, Edwards e Agostinho estão em

sólida concordância com o ensinamento de nosso Senhor. A pergunta que permanece é esta: Deus dá a capacidade de vir a Jesus a todos os homens? A visão reformada da predestinação diz que não. Algumas outras visões da predestinação dizem que sim. Porém uma coisa é certa: o homem não pode fazê-lo por seu próprio poder, sem algum tipo de ajuda de Deus.

Que tipo de ajuda é requerido? Até onde Deus precisa ir para vencer nossa capacidade natural de vir a Cristo? Uma evidência é encontrada em outro lugar, neste mesmo capítulo. De fato, há duas outras declarações de Jesus que têm relação direta com esta

questão.

Anteriormente, no capítulo 6 do Evangelho de João, Jesus faz uma declaração similar. Ele diz: "Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o trouxer" (Jo 6.44). A palavra chave aqui é *trouxe*. O que significa para o Pai trazer pessoas a Cristo? Muitas vezes tenho ouvido este texto explicado como significando que o Pai precisa convidar ou atrair os homens para Cristo. A menos que isto aconteça, nenhum homem virá a Cristo. Contudo, o homem tem a capacidade de resistir a esse convite ou de recusar a atração. O convite, embora necessário, não compele. Na linguagem filosófica, isso

significaria que a atração de Deus é uma condição necessária, mas não suficiente para trazer os homens a Cristo. Em linguagem mais simples, significa que não podemos vir a Cristo sem o convite, mas o convite não garante que viremos, de fato, a Cristo.

Estou persuadido de que a explicação acima, que é tão difundida, está incorreta. Faz violência ao texto da Escritura, particularmente ao sentido bíblico da palavra *trouxe*. A palavra grega usada aqui é *elko*. O *Dicionário Teológico do Novo Testamento*, de Kittel, define-a como significando compelir por irresistível superioridade.

Lingüísticamente e lexicograficamente, a palavra significa "compelir".

Compelir é um conceito muito mais vigoroso do que cortejar. Para enxergar mais claramente, vamos dar uma olhada em duas outras passagens do Novo Testamento onde a mesma palavra grega é usada. Em Tiago 2.6, lemos: "Entretanto, vós outros menosprezastes o pobre. Não são os ricos que vos oprimem, e não são eles que vos arrastam para os tribunais?" Adivinhe qual palavra nesta passagem é a mesma palavra grega que em outros lugares está traduzida por *trazer*. É a palavra *arrastar*. Vamos agora substituir



este texto pela palavra *convidar*. Ficaria assim: "Não são os ricos que vos oprimem e vos *convidam* para tribunais?"

O mesmo ocorre em Atos 16.19. "Vendo os seus senhores que se lhes desfizera a esperança do lucro, agarrando em Paulo e Silas, os *arrastaram* para a praça, à presença das autoridades." Novamente, tente substituir a palavra *arrastar* pela palavra *convidar*. Paulo e Silas não foram agarrados e então convidados para irem à praça.

Uma vez me convidaram para debater a doutrina da predestinação num fórum público, num seminário arminiano. Meu opositor era o

chefe do departamento de Novo Testamento do seminário. Num ponto crucial do debate, concentramos nossa atenção na passagem a respeito do Pai atraindo pessoas. Meu opositor foi quem trouxe a passagem, como prova para dar suporte à sua alegação de que Deus nunca força ou compele ninguém a vir a Cristo. Ele insistia que a divina influência sobre o homem decaído era restrita à atração, que ele interpretava como tendo o significado de convite.

Nesse ponto do debate rapidamente me referi a Kittel e às outras passagens do Novo Testamento que traduzem a palavra como *arrastar*. Estava

certo de tê-lo vencido. Estava certo de que ele havia entrado numa dificuldade insolúvel para sua própria posição. Mas ele me surpreendeu. Ele me pegou completamente desprevenido. Jamais me esquecerei daquele momento agonizante em que ele citou uma referência de um obscuro poeta grego em que a mesma palavra grega era usada para descrever a ação de tirar água de um poço. Ele olhou para mim e disse: "Bem, professor Sproul, alguém arrasta água de um poço?" Imediatamente a audiência explodiu em gargalhadas por causa da surpreendente revelação do significado alternativo da palavra

grega. Eu fiquei ali, parecendo um pouco tolo. Quando as risadas cessaram, repliquei: "Não, senhor. Tenho de admitir que nós não arrastamos água de um poço. Mas, como conseguimos água de um poço? Nós a convidamos? Ficamos em cima do poço e gritamos: "Aqui, água, vem, água?" E tão necessário que Deus venha a nossos corações para nos voltar em direção a Cristo, como é para nós colocar o balde na água e puxá-lo para fora, se quisermos algo para beber. A água simplesmente não virá por si própria, respondendo a um mero convite externo.

Por mais cruciais que sejam estas passagens do Evangelho de

João, elas não ultrapassam em importância um outro ensinamento de Jesus no mesmo Evangelho, com respeito à incapacidade moral do homem. Estou pensando na famosa discussão que Jesus teve com Nicodemos em João 3. Jesus disse a Nicodemos: "Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (Jo 3.3). Dois versículos depois Jesus repete o ensinamento: "Em verdade, em verdade vos digo: Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus".

Aqui encontramos a expressão chave *Quem não...* Jesus está

declarando uma precondição necessária e enfática para a capacidade de qualquer ser humano de ver e entrar no Reino de Deus. Essa precondição enfática é o renascimento espiritual. A visão reformada da predestinação ensina que, antes que uma pessoa escolha Cristo, seu coração precisa ser mudado. Ela precisa nascer de novo. As visões não reformadas ensinam que as pessoas decaídas primeiro escolhem Cristo e depois nascem de novo. Aqui encontramos pessoas não regeneradas vindo e entrando no Reino de Deus. No momento em que uma pessoa recebe Cristo, ela está no reino. Não é primeiro crer, e depois se

tornar renascido, e então ser introduzido no reino. Como pode um homem escolher um reino que não pode ver? Como pode um homem entrar no reino sem primeiro ser renascido? Jesus estava apontando para a necessidade de Nicodemos de ser nascido do Espírito. Ele estava na carne. A carne produz somente carne. A carne, disse Jesus, não tem nenhum proveito. Como Lutero argumentava: "Isso não significa pouca coisa". As visões não reformadas mostram pessoas respondendo a Cristo sem serem renascidas. Estão ainda na carne. Para as visões não reformadas, a carne não só tem algum proveito, como tem o

proveito da coisa mais importante que uma pessoa poderia ganhar — a entrada no reino através de crer em Cristo. Se uma pessoa que ainda está na carne, que ainda não é renascida pelo poder do Espírito Santo, pode inclinar-se ou dispor-se a Cristo, para que o renascimento? Esta é a falha fatal das visões não reformadas. Elas falham em levar a sério a incapacidade moral do homem, a impotência moral da carne.

Um ponto cardeal da teologia reformada é a máxima: "A regeneração precede à fé". Nossa natureza é tão corrupta, o poder do pecado é tão grande que, a menos que Deus faça uma obra



sobrenatural em nossas almas, nunca vamos escolher Cristo. Não cremos para sermos nascidos de novo; somos nascidos de novo para que possamos crer.

É irônico que no mesmo capítulo, aliás no mesmo contexto no qual nosso Salvador ensina a absoluta necessidade do renascimento, até mesmo para ver o reino, e quanto mais para escolhê-lo, as visões reformadas encontram uma de suas principais provas para argumentar que o homem decaído conserva uma pequena ilha de habilidade para escolher Cristo. E João 3.16: "...Deus amou o mundo de tal maneira

que deu o seu Filho unigênito para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".

O que este famoso versículo ensina a respeito da capacidade que o homem decaído tem de escolher Cristo? A resposta, simplesmente, é *nada*. O argumento usado pelos não reformados é que o texto ensina que todas as pessoas no mundo têm em seu poder aceitar ou rejeitar Cristo. Uma olhada cuidadosa no texto revela, contudo, que ele não ensina nada desse tipo. O que o texto ensina é que todo o que crê em Cristo será salvo. Quem fizer A (crer) receberá B (vida eterna). O texto não diz nada,

absolutamente nada, sobre quem vai crer. Não diz nada sobre a capacidade moral natural do homem decaído. Os reformados e os não-reformados crêem, ambos, de coração, que todos os que crerem serão salvos. Eles discordam, de coração, sobre quem tem a capacidade de escolher.

Alguns podem responder: "Tudo bem. O texto não ensina *explicitamente* que os homens decaídos têm a capacidade de escolher Cristo sem ser primeiro renascidos, mas isto certamente está *implícito*". Não estou querendo conceder que o texto chegue mesmo a ter tal coisa implícita. Contudo, mesmo que

tivesse, não faria nenhuma diferença no debate. Por que não? Nossa regra para interpretar a Escritura é que as implicações extraídas da Escritura precisam sempre estar subordinadas aos ensinamentos explícitos dela. Não devemos nunca, nunca, nunca, reverter isto e subordinar os ensinamentos explícitos da Escritura a possíveis implicações extraídas dela. Esta regra é compartilhada tanto pelos pensadores reformados como pelos não reformados.

Se João 3.16 implicasse numa capacidade humana natural universal do homem decaído para escolher Cristo, então essa implicação seria varrida pelo

ensinamento contrário explícito de Jesus. Já temos mostrado que Jesus explicitamente e sem ambigüidade ensinou que nenhum homem tem a capacidade de vir a Ele sem que Deus faça alguma coisa para dar-lhe essa capacidade, atraindo-o.

O homem decaído é carne. Na carne ele não pode fazer nada para agradar a Deus. Paulo declara: "Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo *pode* estar. Porquanto o que está na carne *não pode* agradar a Deus" (Rm 8.7,8).

Perguntamos então: "Quem são aqueles que estão na carne?"

Paulo continua declarando: "Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós..." (Rm 8.9). A palavra crucial aqui é "se". O que distingue aqueles que estão na carne daqueles que não estão é a habitação interior do Espírito Santo. Ninguém que não é renascido é habitado interiormente por Deus o Espírito Santo. Pessoas que estão na carne não foram renascidas. A menos que sejam primeiro renascidas, nascidas do Espírito Santo, elas não podem estar sujeitas à lei de Deus. Não podem agradar a Deus.

Deus nos ordena que creiamos em Cristo. Ele se agrada

daqueles que escolhem Cristo. Se pessoas não regeneradas pudessem escolher Cristo, então elas poderiam estar sujeitas a pelo menos uma das ordens de Deus, e poderiam ao menos fazer alguma coisa que fosse agradável a Deus. Se fosse assim, então o apóstolo teria errado aqui ao insistir que aqueles que estão na carne não podem nem estar sujeitos a Deus nem agradá-lo.

Concluimos que o homem decaído é ainda livre para escolher o que deseja, mas, porque seus sentimentos são maus, falta-lhe a capacidade moral de vir a Cristo. Enquanto ele permanecer na carne, não regenerado, nunca escolherá

Cristo. Ele não pode escolher Cristo precisamente porque não pode agir contra sua própria vontade. Ele não tem desejo por Cristo. Ele não pode escolher o que não deseja. Sua queda é grande. É tão grande que somente a graça efetiva de Deus operando em seu coração pode trazê-lo à fé.

## **RESUMO DO CAPÍTULO 3**

1. O livre-arbítrio é definido como a "capacidade de fazer escolhas de acordo com nossos desejos."
2. O conceito de "vontade neutra livre", uma vontade sem disposições e inclinações anteriores, é uma visão falsa do



livre-arbítrio. E tanto irracional quanto antibíblica.

3. O verdadeiro livre-arbítrio envolve um tipo de autodeterminação, que difere da coação por uma força externa.

4. Lutamos com escolhas, em parte porque vivemos com desejos conflitantes e mutantes.

5. O homem decaído tem a capacidade natural de fazer escolhas, mas falta-lhe a capacidade moral de fazer escolhas santas.

6. O homem decaído, como disse Santo Agostinho, tem "livre-arbítrio", mas falta-lhe "liberdade".

7. O pecado original não é o primeiro pecado, mas a condição

pecaminosa que é o *resultado* do pecado de Adão e Eva.

8. O homem decaído é "incapaz de não pecar."

9. Jesus ensinou que o homem não tem poder para vir a Ele sem ajuda divina.

10. Para que uma pessoa escolha Jesus, ela precisa primeiro ser nascida de novo.

## **4. A QUEDA DE ADÃO E A MINHA**

Outra questão difícil que cobre a doutrina da predestinação é a questão de como nossa natureza pecaminosa pode ser herdada de

Adão. Se nascemos com uma natureza decaída, se nascemos em pecado, se nascemos num estado de incapacidade moral, como pode Deus considerar-nos responsáveis pelos nossos pecados?

Lembramo-nos que o pecado original não se refere ao primeiro pecado, mas ao resultado daquele primeiro pecado. As Escrituras falam repetidamente de pecado e morte entrando no mundo através da "transgressão de um homem." Como resultado do pecado de Adão, todos os homens são agora pecadores. A queda foi grande. Teve repercussões radicais para a raça humana inteira.

Tem havido muitas tentativas de explicar o relacionamento entre a queda de Adão e o resto da humanidade. Algumas teorias apresentadas são totalmente complexas e imaginativas. Três teorias, contudo, emergiram da lista como as mais amplamente aceitas. A primeira destas chamarei de Teoria do Mito da Queda.

## **A TEORIA DO MITO DA QUEDA**

A teoria do mito da Queda, como o nome sugere, defende que não houve nenhuma queda factual ou histórica. Adão e Eva não são considerados pessoas históricas. São símbolos

mitológicos imaginados para explicar ou representar o problema da corrupção humana. A história da Queda na Bíblia é um tipo de parábola; ensina uma lição moral.

De acordo com esta teoria, os primeiros capítulos de Gênesis são mitológicos. Nunca houve um Adão; nunca houve uma Eva.

A própria estrutura da história sugere parábola ou mito, porque inclui elementos como uma serpente falante, e objetos obviamente simbólicos como a árvore do conhecimento do bem e do mal.

A verdade moral comunicada pelo mito é que as pessoas caem em pecado. Pecado é um

problema universal. Todos cometem pecado; ninguém é perfeito. O mito aponta para uma realidade mais alta: Toda pessoa é seu próprio Adão. Toda pessoa tem sua própria queda particular. O pecado é uma condição humana universal precisamente porque cada pessoa sucumbe à sua própria tentação particular.

Os elementos atraentes desta teoria são importantes. Em primeiro lugar, esta visão absolve Deus inteiramente de qualquer responsabilidade por considerar futuras gerações de pessoas responsáveis pelo que um casal fez. Aqui, ninguém pode culpar seus pais ou o seu Criador por seu próprio pecado. Neste

esquema, meu estado decaído é resultado direto de minha própria queda, e não da queda de outra pessoa.

Outra vantagem desta visão é que ela escapa de toda necessidade de defender o caráter histórico dos capítulos iniciais da Bíblia. Esta visão não sofre nenhuma ansiedade de certas teorias da evolução ou de disputas científicas a respeito da natureza da criação. A verdade factual de um mito nunca necessita ser defendida.

As desvantagens desta visão são mais sérias. Sua falha mais crucial, contudo, é que ela não oferece nada como meio de explicação para a universalidade

do pecado. Se cada um de nós nasce sem uma natureza pecaminosa, como somos responsáveis pela universalidade do pecado? Se quatro bilhões de pessoas nasceram sem nenhuma inclinação para o pecado, sem nenhuma corrupção em sua natureza, poderíamos razoavelmente esperar que pelo menos algumas delas se refreassem de cair. Se nosso estado moral natural é de inocente neutralidade, esperaríamos estatisticamente que metade da raça humana permaneceria perfeita. Eu levo isso em conta porque a queda de uma pessoa inocente apresenta um enorme problema intelectual.



Mas quando multiplicamos essa dificuldade pelos milhões de pessoas que caíram, o problema torna-se vários bilhões de vezes mais difícil. Também consideramos que, se uma pessoa criada à imagem de Deus pode cair, então é de fato possível que bilhões possam igualmente cair. É a probabilidade estatística aqui que é tão surpreendente. Quando pensamos em uma pessoa caindo, isso é uma coisa. Se todo mundo cai, sem exceção, então começamos a querer saber por quê. Começamos a indagar se o estado natural do homem é tão neutro assim.

A resposta padrão dos advogados da visão do mito é que

as pessoas não são universalmente nascidas num ambiente idílico como o Éden. A sociedade é corrupta. Nascemos num ambiente corrupto. Somos como o "inocente selvagem" de Rousseau, que é corrompido pelas influências negativas da civilização.

A explicação pede uma pergunta: Em primeiro lugar, como a sociedade ou a civilização se tornaram corruptas? Se todos nascem inocentes, sem um traço de corrupção pessoal, esperaríamos encontrar sociedades que não são mais do que meio corruptas. Se pássaros de mesma plumagem voam juntos, poderíamos encontrar

sociedades onde todos os corruptos andam juntos, e outras sociedades onde o mal nunca está presente. A sociedade não pode ser uma influência corruptora, até que primeiro ela própria se torne corrupta. Para explicar a queda de uma sociedade ou civilização inteira, precisamos enfrentar as dificuldades que já apontamos.

Em outra das famosas obras de Jonathan Edwards, seu tratado sobre o pecado original, ele faz a importante observação que, por ser o pecado do homem universal, mesmo se a Bíblia não dissesse nada sobre uma queda original da raça humana, a razão iria exigir tal explicação. Nada

grita mais alto a respeito do fato de sermos nascidos em estado de corrupção do que o fato de que todos pecamos.

Outra questão espinhosa que se levanta é concernente à relação entre pecado e morte. A Bíblia deixa claro que a morte não é "natural" ao homem. Isto é, diz-se repetidamente que a morte entrou no mundo como resultado do pecado. Se é assim, como explicamos a morte de crianças? Se todos os homens nascem inocentes, sem nenhuma corrupção inata, Deus seria injusto ao permitir que bebês ainda não decaídos morressem.

A visão mitológica da Queda precisa também enfrentar o fato

de que faz violência radical ao ensinamento da Escritura. A visão faz mais do que meramente interpretar os capítulos de abertura da Bíblia como sendo não factuais. Assim fazendo, a visão coloca-se em clara oposição à visão da Queda do Novo Testamento. Seria preciso ginástica intelectual do tipo mais severo para argumentar que o apóstolo Paulo não ensinou uma queda histórica. Os paralelos que ele traça entre o primeiro Adão e o segundo Adão são muito fortes para permitir isto, a menos que argumentemos que, na mente de Paulo, Jesus foi também um personagem mitológico.

Consideramos que a narrativa

da Queda, em Gênesis, contém alguns elementos literários pouco comuns. A presença de uma árvore que não acompanha os padrões de uma árvore normal segue certas imagens de poesia. É conveniente interpretar poesia como poesia e não como narrativa histórica. Por outro lado, há fortes elementos de narrativa histórica em Gênesis 3. A situação do Éden é localizada, no capítulo 2, entre quatro cabeceiras de rios, incluindo Pisom, Giom, Tigre e Eufrates.

Sabemos que as parábolas podem ser ambientadas em locais históricos reais. Por exemplo, a parábola do Bom Samaritano é ambientada no

contexto geográfico da estrada para Jerico. Portanto, a mera presença de rios históricos verdadeiros não requer absolutamente que identifiquemos esta seção do Gênesis como narrativa histórica.

Existe outro elemento do texto, contudo, que é mais forte. A narrativa de Adão e Eva contém uma genealogia significativa. Os romanos, com sua inclinação pela mitologia, podem não ter nenhuma dificuldade em traçar sua linhagem até Rômulo e Remo, mas os judeus foram certamente mais escrupulosos a respeito de tais assuntos. Os judeus tinham um forte compromisso com a história verdadeira. A luz da

vasta diferença entre a visão judaica da História e a visão grega da História, é impensável que o povo judeu pudesse incluir personagens mitológicos em suas próprias genealogias. Na escrita judaica, a presença da genealogia indica narrativa histórica. Note que o historiador do Novo Testamento, Lucas, inclui Adão na genealogia de Jesus.

E muito mais fácil considerar uma árvore verdadeira servindo como ponto focal de um teste moral e por isso sendo chamada de árvore do conhecimento do bem e do mal, do que acomodar a genealogia a uma parábola ou mito. Isto, é claro, poderia ser feito se outros fatores o exigissem.



Mas nenhum de tais fatores existe. Não há nenhuma razão vigorosa pela qual não devamos interpretar Gênesis 3 como uma narrativa histórica, e múltiplas razões pelas quais não devamos tratá-la como parábola ou mito. Tratá-la como história, é tratá-la como os judeus o fizeram, incluindo Paulo e Jesus. Tratá-la de outro modo é comumente motivado por alguma agenda contemporânea, que não tem nada a ver com a história judaica.

## **A VISÃO REALISTA DA QUEDA**

Nos anos 50, houve uma famosa série de televisão chamada "Você está lá?" Levava

os espectadores, através da mágica da televisão, até conhecidas cenas históricas. Mas, de fato, nenhum aparelho eletrônico ainda foi inventado para nos transportar de volta no tempo, apesar de H. G. Wells. Vivemos no presente. Nosso único acesso ao passado é através de livros, artefatos de arqueologia, e das memórias, nossas e de outros.

Lembro-me de ensinar um curso sobre a Bíblia que envolvia um breve estudo dos soldados romanos. Mencionei o estandarte romano que carregava as iniciais SPQR. Perguntei se alguém sabia o que representavam aquelas letras. Um querido amigo, já na

casa dos setenta, falou: *Senatus Populus Que Romanus* (O Senado e o Povo de Roma). Sorri para meu amigo e disse-lhe: "Você é a única pessoa aqui com idade suficiente para se lembrar!"

Nenhum de nós é velho o suficiente para carregar na memória imagens da queda de Adão. Ou somos? A visão realista da Queda garante que somos todos suficientemente velhos para nos lembrarmos da Queda. Deveríamos ser capazes de nos lembrar dela porque realmente estávamos lá.

O realismo não é um exercício de um tipo Bridey-Murphy de reencarnação. Em vez disso, o realismo é uma séria tentativa de

responder ao problema da Queda. O conceito-chave é este: Não podemos, moralmente, ser tidos como responsáveis por um pecado cometido por outra pessoa. Para ser responsáveis, é preciso que tenhamos estado envolvidos, de algum modo, no próprio pecado. De algum modo, devemos ter estado presentes na Queda. *Realmente* presentes. Daí o nome *Realismo*.

A visão realista da Queda exige algum tipo de conceito da preexistência da alma humana. Isto é, antes de termos nascido, nossas almas precisam realmente ter existido. Estavam presentes com Adão na Queda. Caíram com Adão. O pecado de

Adão não foi meramente um ato para nós; foi um ato *conosco*. Estávamos lá.

A teoria parece especulativa, talvez mesmo bizarra. Seus defensores, contudo, apelam para dois textos bíblicos fundamentais como garantia para esta visão. O primeiro está em Ezequiel 18.2-4:

Que tendes vós, vós que acerca da terra de Israel, proferis este provérbio, dizendo: Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos é que se embotaram? Tão certo

como eu vivo, diz o Senhor Deus, jamais direis este provérbio em Israel. Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha; a alma que pecar, essa morrerá.

Mais adiante, neste capítulo, Ezequiel escreve:

Mas dizeis: Por que não leva o filho a iniquidade do pai? Porque o filho fez o que era reto e justo, e guardou todos os meus estatutos, e os

praticou, por isso certamente viverá. A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este (Ez 18.19,20).

Aqui o realista encontra um texto definitivo para seu caso. Deus claramente declara que o filho não é considerado culpado pelos pecados de seu pai. Isto pareceria colocar sérias dificuldades para a idéia integral

de pessoas caindo "em Adão".

O segundo texto fundamental para o realismo é encontrado no livro de Hebreus, no Novo Testamento:

E, por assim dizer, também Levi, que recebe dízimos, pagou-os na pessoa de Abraão. Porque aquele não tinha ainda sido gerado por seu pai, quando Melquisedeque saiu ao encontro deste (Hb 7.9,10).

Este texto é parte de um tratamento mais longo, pelo



autor de Hebreus, concernente ao papel de Cristo como nosso Sumo Sacerdote. O Novo Testamento declara que Jesus é tanto nosso rei como nosso sacerdote. Lida com o fato de que Jesus era da linhagem de Judá, para quem o reino havia sido prometido. Jesus era um filho de Davi, que também era da linhagem de Judá.

O sacerdócio do Antigo Testamento não foi dado a Judá, mas aos filhos de Levi. Os levitas eram a linhagem sacerdotal. Falamos normalmente, então, de sacerdócio levítico ou sacerdócio aarônico. Aarão era um levita. Sendo assim, então, como poderia Jesus ser um sacerdote

se ele não era da linhagem de Levi?

O problema perturbou alguns dos antigos judeus. O autor de Hebreus argumenta que havia outro sacerdócio mencionado no Antigo Testamento, o sacerdócio da misteriosa figura chamada Melquisedeque. Diz-se que Jesus é um sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque.

Esta porção extensa de Hebreus não fica satisfeita, contudo, meramente por provar que havia outro sacerdócio no Antigo Testamento, além do sacerdócio levítico. O maior ponto de argumento aqui é que o sacerdócio de Melquisedeque era *superior* ao sacerdócio de Levi.

O autor de Hebreus cita um pouco da história do Antigo Testamento para provar este ponto. Ele chama a atenção para o fato de que Abraão pagou dízimos a Melquisedeque, e não Melquisedeque a Abraão. Melquisedeque também abençoou Abraão; Abraão não abençoou Melquisedeque. O ponto é este: No relacionamento entre Abraão e Melquisedeque, era Melquisedeque quem servia como sacerdote, e não Abraão.

Para o judeu, o pensamento-chave é citado no verso 7: "Evidentemente, é fora de qualquer dúvida que o inferior é abençoado pelo superior".

O autor de Hebreus continua a

tecer a trama de seu argumento. Ele argumenta que, de fato, o pai é superior ao filho. Isso significa que Abraão está adiante de Isaque na hierarquia patriarcal. Por sua vez, Isaque está adiante de Jacó, e Jacó de seus filhos, incluindo seu filho Levi. Se levarmos isso adiante, significa que Abraão é maior do que seu bisneto Levi.

Agora, se Abraão é maior do que Levi, e Abraão, ele próprio, é subordinado a Melquisedeque, isso significa que o sacerdote Melquisedeque é maior do que Levi, e do que toda a linhagem de Levi. A conclusão é clara. O sacerdócio de Melquisedeque é uma ordem maior de sacerdócio

do que o sacerdócio de Levi. Isto dá suprema dignidade ao ofício sumo sacerdotal de Cristo.

A maior preocupação, para o autor de Hebreus, não era explicar o mistério da queda de Adão com tudo isto. Mesmo assim ele diz algo, ao longo do caminho, a que os realistas se agarram para provar sua teoria. Ele escreve que "Levi pagou dízimos através de Abraão". Levi fez isto enquanto ainda "não tinha sido gerado por seu pai".

Os realistas vêm esta referência a Levi fazendo alguma coisa antes mesmo de ter nascido, como uma prova bíblica para o conceito da preexistência da alma humana. Se Levi podia

pagar dízimos quando ainda não tinha sido gerado por seu pai, isso deve significar que Levi, de alguma forma, já existia.

O tratamento desta passagem de Hebreus provoca equívoco. O texto não ensina explicitamente que Levi existiu ou preexistiu nos lombos de seu pai. O próprio texto chama isto de "maneira de dizer". O texto não exige que saltemos para a conclusão que Levi "realmente" preexistia. Os realistas chegam a este texto armados com uma teoria que eles não encontraram no texto, e então lêem a história encaixando-a no texto.

O argumento do texto de Ezequiel sempre falha num ponto.

Ezequiel não estava fazendo um discurso sobre a queda de Adão. A queda não está em foco aqui. Em vez disso, Ezequiel está se dirigindo à desculpa comum que os homens usam para seus pecados. Eles tentam culpar alguém por suas próprias transgressões. A atividade humana continuou desde a queda, mas isto é quase tudo que esta passagem tem a ver com a queda. Na queda, Eva culpou a serpente e Adão culpou tanto Deus quanto Eva por seus próprios pecados. Ele disse: "A mulher que *Tu* me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi" (Gn 3.12).

Desde então, os homens têm

tentado transferir a responsabilidade de sua própria culpa. Ainda, argumentam os realistas, um princípio é estabelecido em Ezequiel 18 que tem relação com o assunto. O assunto é que os homens não são considerados culpados pelos pecados de outras pessoas.

Com certeza esse princípio geral é estabelecido em Ezequiel. E um grande princípio da justiça de Deus. Ainda assim, não ousamos fazer dele um princípio absoluto. Se o fizéssemos, então o texto de Ezequiel provaria coisas demais. Eliminaría o valor da propiciação de Cristo. Se nunca é possível que uma pessoa seja punida pelos pecados de



outra, então não teríamos Salvador. Jesus foi punido por nossos pecados. Esta é a própria essência do Evangelho. Não somente Jesus foi punido por nossos pecados, como sua justiça é a base meritória para nossa justificação. Somos justificados por uma justiça alheia, uma justiça que não é a nossa própria. Se pressionarmos a declaração de Ezequiel até o limite absoluto quando lemos que "a justiça do justo será sobre ele mesmo, e a maldade do ímpio será sobre ele mesmo", ficaremos então como pecadores que precisam justificar a si próprios. Isso nos coloca em maus lençóis.

É certo que a Bíblia fala de

Deus visitando a iniquidade das pessoas na terceira e quarta gerações. Isto se refere às conseqüências do pecado. Uma criança pode sofrer pelas conseqüências do pecado de seu pai, mas Deus não o considera *responsável* pelo pecado de seu pai.

O princípio de Ezequiel permite duas exceções: a cruz e a Queda. De algum modo, não nos importamos com a exceção da cruz. É a Queda que nos incomoda. Não nos importamos em ter nossa culpa transferida para Jesus, ou ter sua justiça transferida para nós; é termos a culpa de Adão transferida para nós que nos faz lamentar. Nós

argumentamos que, se a culpa de Adão nunca tivesse sido transferida para nós, então a obra de Jesus nunca teria sido necessária.

## **A VISÃO FEDERAL OU REPRESENTATIVA DA QUEDA**

Em sua maior parte, a visão federal da Queda tem sido a mais popular entre os defensores da visão reformada da predestinação. A visão ensina que Adão agiu como um representante da raça humana inteira. Com o teste que Deus colocou perante Adão e Eva, Ele estava testando toda a humanidade. O nome de Adão significa "homem" ou

"humanidade". Adão foi o primeiro ser humano criado. Ele está na cabeceira da raça humana. Ele foi colocado no jardim para agir não somente por si mesmo, mas por todos os seus futuros descendentes. Assim como o governo federal tem um porta-voz principal que é o cabeça da nação, também Adão era o cabeça federal da humanidade.

A idéia principal do federalismo é que, quando Adão pecou, ele pecou por todos nós. Sua Queda foi a nossa queda. Quando Deus puniu Adão por levar embora sua justiça original, nós fomos igualmente punidos. A maldição da queda afeta a todos

nós. Não somente Adão foi destinado a ganhar a vida com o suor do seu rosto, como isso tornou-se verdade para nós também. Não somente Eva foi designada para ter dores de parto, como isso tem sido verdade para as mulheres de todas as gerações humanas. A serpente errante no jardim não foi o único membro de sua espécie que recebeu a maldição de rastejar sobre seu ventre.

Quando foram criados, foi dado a Adão e Eva o domínio sobre a criação inteira. Como resultado de seu pecado, o mundo todo sofreu. Paulo nos conta:

Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e suporta angústias até agora (Rm 8. 20-22).

A criação toda geme enquanto espera pela total redenção do homem. Quando o homem pecou, as repercussões do pecado foram

sentidas através de toda a extensão do domínio do homem. Por causa do pecado de Adão, não somente nós sofremos, mas leões, elefantes, borboletas e cachorrinhos também sofrem. Eles não pediram tal sofrimento. Eles foram feridos pela queda de seu líder.

O Novo Testamento ensina explicitamente que nós sofremos como resultado do pecado de Adão.

Em Romanos 5, por exemplo, Paulo faz as seguintes observações:

"...por um só homem entrou o pecado no

mundo, e pelo pecado a morte..." (v. 12).

"...pela ofensa de um só, morreram muitos..." (v. 15).

"...por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação..." (v. 18).

"...pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores..." (v. 19).

Não há modo de evitar o ensinamento óbvio da Escritura que diz que o pecado de Adão teve terríveis conseqüências sobre seus descendentes. É



precisamente por causa da abundância de tais declarações bíblicas que, virtualmente, todo o corpo cristão tem criado alguma doutrina do pecado original ligada à queda de Adão.

Ficamos ainda com uma grande questão. Se Deus de fato julga a raça humana inteira em Adão, até onde isso é justo? Parece claramente injusto que Deus permita que, não só todos os seres humanos subseqüentes, mas toda a criação sofra por causa de Adão.

É a questão dessa justiça de Deus que o federalismo tenta responder. O federalismo considera que nós fomos de fato representados por Adão, e que

essa representação foi tanto justa quanto precisa. Sustenta que Adão nos representou *perfeitamente*.

Dentro de nosso próprio sistema legal temos situações que, não perfeitamente, mas aproximadamente, fazem paralelo com este conceito de representação. Sabemos que, se eu contratar um homem para matar alguém, e esse pistoleiro contratado cumprir o contrato, posso justamente ser julgado por homicídio, a despeito do fato de eu não ter realmente puxado o gatilho. Sou julgado pelo crime que alguém mais cometeu, porque a outra pessoa agiu em meu lugar.

O protesto óbvio que se levanta a este ponto é: "Mas nós não contratamos Adão para pecar por nós". Isso é verdade. Este exemplo meramente ilustra que há *alguns* casos em que é justo punir uma pessoa pelo crime de outra.

A visão federal da queda ainda exala um leve odor de tirania. Nosso grito é: "Nenhuma condenação sem representação". Assim como as pessoas numa nação clamam por representantes que lhes garantam que são livres de uma tirania despótica, assim também exigimos uma representação perante Deus que seja correta e justa . A visão federal declara

que somos julgados culpados pelo pecado de Adão porque ele era nosso representante correto e justo.

Esperem um momento. Adão pode ter nos representado, mas nós não o escolhemos. Imagine se os pais da República Americana tivessem exigido do rei George que lhes desse representação, e o rei respondesse: "É claro que vocês podem ter representantes. Vocês serão representados por meu irmão". Tal resposta teria lançado ainda mais chá no porto de Boston.

Queremos ter o direito de escolher nossos representantes. Queremos ser capazes de

depositar nosso próprio voto, e não outra pessoa depositando o voto por nós. A palavra *voto* vem do latim *votum* que significa "com" ou "escolha". Quando depositamos nosso voto, estamos expressando nossos desejos, estabelecendo nossas vontades.

Suponha que tivéssemos tido total liberdade para votar para o nosso representante no Éden. Isso teria nos deixado satisfeitos? E por que queremos o direito de votar em nosso representante? E por que fazemos objeção se o rei ou qualquer outro soberano escolher, por nós, o nosso representante? A resposta é óbvia.

Queremos estar certos de que

nossa vontade está sendo alcançada. Se o rei determina nosso representante, então terei pouca confiança que nossos desejos serão alcançados. Eu temeria que o representante escolhido estivesse mais ansioso por cumprir os desejos do rei do que os meus. Não me sentiria justamente representado.

Mas, mesmo se tivermos o direito de escolher nossos próprios representantes, não temos garantia de que nossos desejos serão cumpridos. Quem, entre nós, não foi enlaçado por políticos que prometem uma coisa durante uma campanha de eleição e fazem outra coisa depois que são eleitos? De novo,

a razão pela qual queremos selecionar nosso representante é para que possamos ter certeza de que somos corretamente representados.

Em nenhuma época de toda a história humana estivemos mais bem representados do que no Jardim do Éden. É certo que não escolhemos nosso representante lá. Alguém escolheu, por nós, o nosso representante. Quem escolheu nosso representante, contudo, não foi o rei George. Foi o Deus Todo-Poderoso.

Quando Deus escolhe nosso representante, faz isso de maneira perfeita. Sua escolha é uma escolha infalível. Quando escolho meus representantes,

faço isso de maneira falível. Algumas vezes, escolho a pessoa errada e sou, então, incorretamente representado. Adão me representou infalivelmente, não porque ele era infalível, mas porque Deus é infalível. Dada a infalibilidade de Deus, nunca posso argumentar que Adão foi uma escolha pobre para me representar.

A conjectura que muitos de nós fazemos quando lutamos com a Queda é que, se tivéssemos estado lá, teríamos feito uma escolha diferente. Não teríamos tomado uma decisão que mergulharia o mundo no pecado. Tal conjectura simplesmente não é possível, dado o caráter de Deus.



Deus não comete erros. Sua escolha do meu representante é maior do que a minha própria escolha.

Mesmo que concordemos que fomos de fato perfeitamente representados por Adão, precisamos ainda perguntar se é justo sermos representados com riscos tão altos. Posso responder somente que agradou a Deus fazer assim. Sabemos que o mundo caiu por meio de Adão. Sabemos que, de algum modo, Adão nos representou. Sabemos que não o escolhemos para ser nosso representante. Sabemos que, a escolha que Deus fez de Adão, era uma escolha infalível. Mas, foi justo o processo todo?

Somente posso responder esta pergunta definitivamente fazendo outra pergunta — aquela que o apóstolo Paulo fez. "Existe injustiça em Deus?" A resposta apostólica a esta pergunta teórica é tão direta quanto enfática. "Deus nos livre!"

Se conhecemos alguma coisa sobre o caráter de Deus, então sabemos que Ele não é um tirano e que Ele nunca é injusto. Sua estrutura dos termos da provação da humanidade satisfaz a própria justiça de Deus. Isso deveria ser suficiente para nos satisfazer.

Mesmo assim, ainda discutimos. Ainda contendemos com o Todo-Poderoso. Ainda

presumimos que, de algum modo, Deus errou conosco, e que sofremos como vítimas inocentes do julgamento de Deus. Esses sentimentos somente confirmam o grau radical de nossa decadência. Quando pensamos assim, estamos pensando como filhos de Adão. Tais pensamentos blasfemos somente sublinham em vermelho o quanto precisamente fomos representados por Adão.

Estou persuadido de que a visão federal da queda é substancialmente correta. Somente ela, entre as três que examinamos, faz justiça ao ensinamento bíblico da queda do homem. Satisfaz a mim que Deus não

seja um tirano arbitrário. Sei que sou uma criatura decaída. Isto é, sei que sou uma criatura, e sei que sou decaído. Também sei que não é culpa de Deus se sou pecador. O que Deus fez por mim foi redimir-me de meu pecado. Ele não me redimiou de seu pecado.

Embora a visão federal representativa da Queda seja sustentada pela maioria dos calvinistas, precisamos nos lembrar de que a questão de nosso relacionamento com a queda de Adão não é um problema exclusivo do calvinismo. Todos os cristãos precisam lutar com ele.

É também vital ver a

predestinação à luz da Queda. Todos os cristãos concordam que o decreto de Deus a respeito da predestinação foi feito antes da Queda. Alguns argumentam que Deus primeiro predestinou algumas pessoas à salvação e outras à condenação, e então decretou a Queda para ter certeza de que algumas pessoas iriam perecer. Algumas vezes esta visão pervertida é atribuída mesmo a calvinistas. Esta idéia era repugnante a Calvino e é igualmente repugnante a todos os calvinistas ortodoxos. A noção é algumas vezes chamada de "hipercalvinismo." Mas mesmo isso é um insulto. Esta visão não tem nada a ver com Calvinismo.

Em vez de hipercalvinismo, é anticalvinismo.

O Calvinismo, com outras visões da predestinação, ensina que o decreto de Deus foi feito tanto *antes* da Queda, como *à luz* da dela. Por que isto é importante? Por que a visão calvinista da predestinação sempre acentua o caráter gracioso da redenção de Deus. Quando Deus predestina pessoas à salvação, Ele está predestinando, para serem salvas, as pessoas que Ele sabe que realmente *necessitam* de salvação. Elas precisam ser salvas porque são pecadoras em Adão, e não porque Ele as forçou a serem pecadoras. O Calvinismo vê Adão

pecando por seu próprio livre-arbítrio, e não por coação divina.

Com certeza Deus sabia, antes da Queda, que certamente ela aconteceria, e agiu para redimir alguns. Ele ordenou a Queda no sentido de escolher permiti-la, mas não no sentido de escolher coagi-la. Sua graça predestinadora é graciosa precisamente porque Ele escolheu salvar pessoas que sabia de antemão que estariam espiritualmente mortas.

Uma ilustração final pode ser útil aqui. Ficamos estarrecidos com a idéia de que Deus nos chama para sermos justos, quando somos impedidos pelo pecado original. Nós dizemos:

"Mas Deus, não podemos ser justos. Somos criaturas decaídas. Como podes nos considerar responsáveis, quando sabes muito bem que nascemos com o pecado original?"

A ilustração é a seguinte. Suponha que Deus disse a um homem: "Quero que você apare estes arbustos às três horas da tarde. Mas seja cuidadoso. Há um grande poço aberto, bem no limite do jardim. Se você cair no poço, não será capaz de sair de lá. Assim, qualquer coisa que fizer, fique longe do poço."

Suponha que, assim que Deus sai do jardim, o homem corre e se lança no poço. Às três da tarde Deus retorna e encontra os



arbustos sem aparar. Ele chama pelo jardineiro e ouve um grito fraco vindo do limite do jardim. Ele anda até a borda do poço e vê o jardineiro indefeso, debatendo-se no fundo. Ele diz ao jardineiro: "Por que você não aparou os arbustos que eu mandei aparar?" O jardineiro respondeu irado: "Como o Senhor espera que eu apare esses arbustos se estou preso neste poço? Se o Senhor não tivesse deixado este poço vazio aqui, eu não estaria nesta situação."

Adão lançou-se no poço. Em Adão, nós todos nos lançamos no poço. Deus não nos atirou dentro do poço. Adão foi claramente prevenido a respeito do poço.

Deus lhe disse para ficar longe. As conseqüências que Adão experimentou por estar no poço foram uma punição direta por ter-se lançado nele.

Assim é o pecado original. O pecado original é tanto uma conseqüência do pecado de Adão quanto uma punição pelo pecado de Adão. Nascemos pecadores porque em Adão todos caíram. Mesmo a palavra *queda* tem um pouco de eufemismo. É uma visão cor-de-rosa do assunto. A palavra *queda* sugere um acidente da sorte. O pecado de Adão não foi um acidente. Ele não era o Pateta. Adão não escorregou simplesmente no pecado; ele lançou-se ao pecado

com ambos os pés. Nós nos lançamos imprudentemente com ele. Deus não nos empurrou. Ele não nos enganou. Ele nos deu advertência adequada e justa. A culpa é nossa e somente nossa.

Não é o caso de Adão ter comido uvas verdes e nossos dentes terem se embotado. O ensino bíblico é que, em Adão, todos nós comemos uvas verdes. É por isso que nossos dentes se embotaram.

## **RESUMO DO CAPÍTULO 4**

1. A presença disseminada e universal do pecado humano não pode ser explicada adequadamente por um mito.

2. A pecaminosidade do homem não pode ser explicada pela "sociedade."

3. A sociedade é constituída de pessoas individuais, das quais, para que o todo seja corrupto, cada uma deve ser pecadora perante a sociedade.

4. O realismo também falha como explicação, porque envolve uma abordagem fantasiosa da Escritura.

5. A visão federal da Queda leva a sério o papel que Adão desempenhou como nosso representante.

6. Adão nos representou perfeitamente, não por virtude de sua perfeição, mas por virtude da

seleção perfeita de Deus.

7. Todos os cristãos devem ter uma visão perfeita da Queda.

8. A graça salvadora de Deus é direcionada para aqueles que Ele sabe que são criaturas decaídas.

## **5. MORTE ESPIRITUAL E VIDA ESPIRITUAL: RENASCIMENTO E FÉ**

A teologia reformada contém uma lista simples de itens que foram designados para resumir os assim chamados "Cinco Pontos do Calvinismo". Aqui está:

1. Total depravação

2. Eleição incondicional
3. Propiciação limitada
4. Graça irresistível
5. Perseverança dos santos

Esta lista tem ajudado muitas pessoas a se lembrarem das peculiaridades da teologia reformada. Infelizmente, tem também causado grande confusão e desentendimento.

Meu primeiro problema com a lista está no primeiro item. Total depravação é um termo ambíguo. O conceito de *total depravação* é geralmente confundido com a idéia de depravação completa. Na teologia reformada, total depravação refere-se à idéia de

que nossa *humanidade integral* caiu. Isto é, não há parte em mim que não tenha sido afetada pela queda. O pecado afeta minha vontade, meu coração, minha mente e meu corpo. Se Adão nunca tivesse pecado, eu suponho que ele não teria tido a necessidade de usar óculos bifocais quando atingiu a meia-idade. De fato, o próprio termo *meia-idade* não faria sentido para ele. Se não tivesse pecado, Adão não teria morrido. Quando alguém vive para sempre, onde fica a meia-idade?

Total depravação também destaca o fato de o pecado alcançar a essência de nosso ser. O pecado não é uma coisa

superficial, uma leve mancha que desmerece um espécime que, fora isso, seria perfeito. O pecado é radical no sentido em que toca a raiz (*radix*) de nossas vidas.

A total depravação não é a depravação completa. A depravação completa significaria que todos nós somos tão pecadores como é possível ser. Sabemos que esse não é o caso. Não importa quanto cada um de nós pecou, somos capazes de pensar em pecados piores que poderíamos ter cometido. Mesmo Adolf Hitler refreou-se de matar sua mãe.

Já que a total depravação é freqüentemente confundida com depravação completa, prefiro



falar de "corrupção radical" do homem. O conceito do caráter radical do pecado é talvez o conceito mais importante para entendermos se vamos fazer com que a doutrina bíblica da predestinação tenha algum sentido. Como mencionei durante nossa discussão da incapacidade moral do homem, este é o ponto focal do debate inteiro.

Lembro-me de lecionar numa classe de teologia, na faculdade. A classe era composta de um grupo interdenominacional de mais ou menos 25 estudantes. Perguntei, no começo do estudo sobre predestinação, quantos alunos se consideravam

calvinistas sobre o assunto. Só um estudante levantou a mão.

Começamos com um estudo sobre a pecaminosidade do homem. Depois que lecionei vários dias sobre o assunto da corrupção humana, fiz nova pesquisa. Perguntei: "Quantos de vocês estão persuadidos de que o que acabaram de aprender é de fato a doutrina bíblica da pecaminosidade humana?" Todas as mãos se levantaram. "Vocês têm certeza?" Eles insistiram que tinham plena certeza. Dei mais um aviso. "Tenham cuidado. Isto pode voltar para assustar vocês durante o curso." Não se importaram. Eles insistiram que estavam convencidos.

A essa altura da aula, fui até o canto da lousa e escrevi a data. Próximo à data, escrevi o número 25. Coloquei um círculo em volta do número e acrescentei um recado para o servente, para que não apagasse essa parte do quadro.

Várias semanas mais tarde começamos o estudo de predestinação. Quando cheguei no ponto da incapacidade moral do homem, houve gritos de protesto. Então fui para a lousa e lembrei-os da pesquisa anterior. Levei outras duas semanas para convencê-los de que, se eles tinham realmente aceito a visão bíblica da corrupção humana, o debate sobre predestinação, em

suas intenções e propósitos, estava realmente acabado.

Vou tentar fazer a mesma coisa aqui. Vou proceder com o mesmo cuidado.

## **A VISÃO BÍBLICA DA CORRUPÇÃO HUMANA**

Vamos começar nosso estudo do grau da decadência humana vendo Romanos 3. Aqui o apóstolo Paulo escreve:

Não há justo, nem sequer um,  
não há quem entenda,  
não há quem busque a Deus;

todos se extraviaram,  
à uma se fizeram  
inúteis;  
não há quem faça o  
bem,  
não há nem um sequer  
(Rm 3.10-12).

Aqui encontramos um breve sumário da universalidade da corrupção humana. O pecado espalha-se tanto que captura cada um em seu ninho. Paulo usa palavras enfáticas para mostrar que não há exceções a esta acusação, entre homens decaídos. Não há nenhum justo. Não há ninguém que faça o bem.

A declaração "Não há quem

faça o bem, não há nem um sequer" salta aos olhos de nossas postulações culturais. Crescemos ouvindo que ninguém é perfeito e que errar é humano. Estamos prontos a reconhecer que nenhum de nós é perfeito. É fácil admitir que somos pecadores; mas, que nenhum de nós nem mesmo faz o bem, é um tanto demais. Nem uma pessoa em mil admitirá que o pecado é assim tão sério.

Ninguém faz o bem? Como pode ser isso? Todos os dias vemos pagãos convictos fazendo algum bem. Vemo-los praticando heróicos atos de sacrifício, obras de indústria, prudência e honestidade. Vemos incrédulos

escrupulosamente obedecendo aos limites de velocidade, enquanto carros ultrapassam, levando adesivos que dizem: "Buzine se você ama Jesus".

Paulo deve estar usando uma hipérbole aqui. Ele pode estar intencionalmente exagerando para chamar a atenção. Certamente há pessoas que fazem o bem. Não! O sóbrio julgamento de Deus é que ninguém faz o bem, nem um sequer.

Tropeçamos aqui porque temos um entendimento relativo do que é o bem. *Bem* é, de fato, um termo relativo. Alguma coisa só pode ser julgada boa de acordo com algum tipo de padrão.

Usamos o termo como uma comparação entre homens. Quando dizemos que um homem é bom, queremos dizer que ele é bom comparado com outros homens. Mas o padrão definitivo para bondade, o padrão pelo qual seremos julgados, é a lei de Deus. A lei não é Deus, mas vem de Deus e reflete o caráter perfeito do próprio Deus. Julgado segundo esse padrão, ninguém é perfeito.

Nas categorias bíblicas, uma boa ação é medida em duas partes. A primeira é em sua conformidade externa com a lei de Deus. Isto significa que, se Deus proíbe roubar, então é bom que eu não roube. É bom falar a



verdade. É bom pagar nossas contas no prazo certo. É bom assistir às pessoas em suas necessidades. Externamente, estas virtudes são praticadas todos os dias. Quando as vemos, imediatamente concluimos que os homens de fato fazem coisas boas.

É a segunda parte da medida que nos coloca em problemas. Antes que Deus pronuncie a palavra "bem", Ele considera não somente a conformidade externa com sua lei, mas também a motivação. Nós olhamos somente para as aparências externas; Deus lê o coração. Para uma obra ser considerada boa, ela precisa não somente conformar-

se externamente com a lei de Deus, mas deve ser motivada internamente por um sincero amor por Deus.

Lembramo-nos do Grande Mandamento, de amar o Senhor nosso Deus com todo nosso coração, toda nossa força e todo nosso entendimento e amar nosso próximo como a nós mesmos. Todo ato que fizermos deveria proceder de um coração que ama a Deus totalmente.

A partir desta perspectiva, é fácil ver que ninguém faz o bem. Nossas melhores obras são contaminadas por nossos motivos menos do que puros. Ninguém entre nós jamais amou a Deus com todo seu coração e

com todo seu entendimento. Há uma medida de carne misturada com todas as nossas ações, tornando-as menos que perfeitas.

Jonathan Edwards falou do conceito de *interesse próprio iluminado*. Interesse próprio iluminado refere-se àquela motivação que sentimos de praticar a justiça externa e de restringir alguns maus impulsos de dentro de nós. Quando o risco de punição pesa mais do que a possível recompensa pela nossa transgressão, podemos ser inclinados a nos refrear. Por outro lado, podemos ganhar o aplauso dos homens pelas nossas atitudes virtuosas. Podemos ganhar um afago

amistoso de nosso mestre, ou o respeito de nossos pares, se fizermos certas boas ações.

O mundo inteiro aplaude cantores e músicos quando se juntam para produzir um disco especial, com o propósito de ser usado para aliviar a fome na Etiópia. O aplauso raramente prejudica a carreira de um artista de palco, a despeito das declarações críticas de que ética e negócios não se misturam. Ao contrário, a maioria de nós tem aprendido que a ética exalta as reputações nos negócios.

Não sou tão crítico a ponto de pensar que o gesto pela Etiópia, por parte dos cantores, foi feito puramente para aplauso pessoal,

ou como um golpe publicitário. Certamente havia fortes motivos de compaixão e cuidado pelo povo faminto. Por outro lado, não sou tão ingênuo a ponto de pensar que os motivos eram totalmente sem interesse próprio. A compaixão pode ter pesado mais que o interesse próprio, mas, não importa quão minúsculo fosse, havia pelo menos um grão de interesse próprio misturado. Sempre há, em todos nós. Se negamos isto, suspeito que nossas próprias negativas são motivadas em parte pelo interesse próprio.

Queremos negar esta alegação. Sentimos em nosso coração, às vezes, um tremendo desejo de

agir somente pelo dever. Queremos pensar que somos verdadeiramente altruístas. Mas ninguém jamais nos elogia mais do que nós nos elogiamos. O peso de nossos motivos pode, às vezes, tender fortemente em direção do altruísmo, mas nunca está perfeitamente lá.

Deus não mede com linha curva. Ele exige perfeição. Ninguém de nós tem um desempenho a esse nível. Não fazemos o que Deus ordena. Portanto o apóstolo não está sendo indulgente, nem usando uma hipérbole. Seu julgamento é preciso. Não há ninguém que faça o bem, nem um sequer. Jesus, Ele próprio, reforçou esta

visão em sua conversa com o jovem rico: "Ninguém é bom senão um só, que é Deus" (Lc 18.19).

Por mais perturbadora que seja esta acusação, há outro elemento na passagem de Romanos que pode nos trazer ainda mais consternação, especialmente aos cristãos evangélicos que falam e pensam o contrário. Paulo diz: "Não há ninguém que busque a Deus."

Quantas vezes você ouviu cristãos dizerem, ou ouviu de sua própria boca as palavras, "Tal pessoa não é cristã, mas está buscando?" É uma declaração comum entre cristãos. A idéia é que há pessoas em todos os

lugares, que estão buscando a Deus. O problema é que eles não têm sido capazes de encontrá-lo. Ele está brincando de esconde-esconde. Ele é evasivo.

No Jardim do Éden, quando o pecado entrou no mundo, quem se escondeu? Jesus veio ao mundo para *buscar* e para salvar os perdidos. Não era Jesus quem se escondia. Deus não é um fugitivo. Nós somos aqueles que estão fugindo. A Escritura declara que o ímpio foge sem que nenhum homem o persiga. Como mencionou Lutero: "O pagão treme ao barulho de uma folha." O ensino uniforme da Escritura é que os homens decaídos estão fugindo de Deus. Não há



nenhum que busque a Deus.

Porque então, apesar da Bíblia ensinar tão claramente o contrário, os cristãos insistem em alegar que conhecem pessoas que estão buscando a Deus e ainda não o encontraram? Tomás de Aquino lançou alguma luz sobre isto. Aquino disse que confundimos duas ações humanas similares, mas diferentes. Vemos pessoas procurando desesperadamente por paz na mente, alívio da culpa, significado e propósito para suas vidas, e aceitação amorosa. Sabemos que, em última instância, estas coisas só podem ser encontradas em Deus. Portanto, concluímos que, uma

vez que as pessoas estão buscando estas coisas, elas devem estar buscando a Deus.

As pessoas não buscam a Deus. Elas buscam os *benefícios que somente Deus pode lhes dar*. O pecado do homem decaído é este: o homem busca os benefícios de Deus ao mesmo tempo em que foge do próprio Deus. Somos, por natureza, fugitivos.

A Bíblia repetidamente nos diz para buscar a Deus. O Antigo Testamento clama: "Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto" (Is 55.6). Jesus disse: "Pedi e dar-se-vos-á: buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á" (Mt 7.7). A

conclusão que extraímos deste texto é que, uma vez que somos chamados para buscar a Deus, isso deve significar que, mesmo em nosso estado decaído, temos uma capacidade moral para essa busca. Mas, a quem estão sendo dirigidos estes textos? No caso do Antigo Testamento é o povo de Israel que é chamado para buscar ao Senhor. No Novo Testamento, os crentes é que são chamados para buscar o reino.

Todos temos ouvido evangelistas citando Apocalipse: "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele, e ele comigo" (Ap 3.20). Normalmente o evangelista

aplica este texto aos não convertidos, dizendo: "Jesus está batendo à porta de seu coração. Se você abrir a porta, ele vai entrar." No texto original, contudo, Jesus dirigiu-se à Igreja. Não era um apelo evangelístico.

E daí? O ponto é que buscar é algo que os descrentes não fazem em sua própria capacidade. *O descrente não buscará. O descrente não baterá.* Buscar é o negócio dos crentes. Edwards disse: "A busca do reino de Deus é o principal negócio da vida cristã." Buscar é o resultado da fé, e não sua causa.

Quando nos convertemos a Cristo, usamos uma linguagem de descoberta para expressar

nossa conversão. Falamos de encontrar Cristo. Podemos ter um adesivo dizendo EU ENCONTREI. Estas declarações são de fato verdadeiras. A ironia é esta: uma vez que encontramos Cristo, isso não é o fim de nossa busca, mas o começo. Normalmente, quando encontramos o que estamos procurando, isso significa o fim de nossa busca. Porém, quando "encontramos" Cristo, é o começo de nossa busca. A vida cristã começa na conversão; ela não termina onde começa. Ela cresce, move-se de fé em fé, de graça em graça, de vida para mais vida. O movimento de crescimento é produzido por uma busca

contínua de Deus.

Há mais uma revelação em Romanos 3 que precisamos ver rapidamente. Não só o apóstolo declara que ninguém busca a Deus, mas acrescenta o pensamento, "à uma se fizeram inúteis." Precisamos nos lembrar de que Paulo está falando de homens decaídos, homens naturais, não convertidos. Esta é uma descrição de pessoas que ainda estão na carne.

O que Paulo quer dizer com inúteis? Jesus, antes, havia falado de servos inúteis. Utilidade tem a ver com valores positivos. A pessoa não convertida, trabalhando na carne, não alcança nada de valor

permanente. Na carne ela pode ganhar o mundo inteiro, mas perde a coisa de maior valor para ela, sua própria alma. A possessão mais valiosa que uma pessoa pode jamais ter é Cristo. Ele é a pérola de grande valor. Tê-lo é ter a coisa mais útil possível.

A pessoa que é espiritualmente morta não pode, em sua própria carne, ganhar o proveito de Cristo. Ela é descrita como alguém que não tem temor de Deus diante de seus olhos (Rm 3.18). Aqueles que não são justos, que não fazem o bem, que nunca buscam a Deus, que são à uma inúteis, e que não têm temor de Deus diante de seus

olhos, nunca inclinam seus próprios corações a Cristo.

## **SENDO VIVIFICADO DA MORTE ESPIRITUAL**

A cura da morte espiritual é a criação da vida espiritual em nossas almas por Deus o Espírito Santo. Um resumo desta obra nos é dado em Efésios:

Ele vos deu vida estando vós mortos em vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora atua



nos filhos da  
desobediência; entre os  
quais também todos nós  
andamos outrora,  
segundo as inclinações  
de nossa carne, fazendo  
a vontade da carne e  
dos pensamentos; e  
éramos por natureza  
filhos da ira, como  
também os demais

Mas Deus, sendo rico  
em misericórdia, por  
causa do grande amor  
com que nos amou, e  
estando nós mortos em  
nossos delitos, nos deu  
vida juntamente com  
Cristo — pela graça sois

salvos, e juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais com Cristo Jesus.

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não pelas obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (Ef 2.1-10).

Aqui encontramos uma passagem sobre predestinação *par excellence*. Note que ao longo desta passagem Paulo coloca um forte destaque nas riquezas da graça de Deus. Nunca devemos trapacear com esta graça. A passagem celebra a novidade de vida que o Espírito Santo criou em nós.

A obra do Espírito é algumas vezes chamada de vivificação. Raramente ouvido na conversa comum, este termo é quase exclusivamente usado para descrever um evento que acontece durante a gravidez. "Vivificação" refere-se ao primeiro sentimento de vida que a mulher tem do bebê que ela está

carregando em seu ventre.

O que aqui é chamado de vivificação ou ser feito vivo, é o que em outros lugares é chamado de renascimento ou regeneração. O termo *regeneração*, como a palavra sugere, indica "ser gerado de novo". Gerar significa fazer com que aconteça ou comece. Pensamos no primeiro livro da Bíblia, o livro dos começos, que é chamado de Gênesis. O prefixo "re" significa simplesmente "outra vez". Portanto a palavra *regeneração* significa começar alguma coisa outra vez. É com o novo começo da vida que estamos preocupados aqui, o começo da vida espiritual.

Notamos que esta imagem de vida está contrastada com uma imagem de morte. O homem decaído é aqui descrito como estando "morto em pecado". Para que alguém que está morto para as coisas de Deus venha a viver para Deus, é preciso que alguma coisa seja feita *para* ele e *por* ele. Homens mortos não podem fazer com que eles próprios venham a viver. Homens mortos não podem criar vida espiritual dentro de si mesmos. Paulo deixa aqui claro como água que é Deus quem nos faz vivos; é Deus quem nos vivifica da morte espiritual.

O homem decaído está morto em pecado. Ele é descrito aqui como sendo, "por natureza, filho

da ira". Seu padrão decaído é "andar de acordo com o curso deste mundo". Sua lealdade não é para com Deus, mas para o príncipe da potestade do ar. Paulo declara que este não é meramente o estado de todos os piores pecadores, mas o estado anterior dele mesmo e de seus irmãos e irmãs em Cristo. ("Entre os quais nós todos também andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne...").

A maioria das visões reformadas da predestinação deixa de levar a sério o fato de que o homem decaído é espiritualmente morto. Outras posições evangélicas reconhecem

que o homem é decaído e que sua decadência é um assunto sério. Eles até admitem que esse pecado é um problema radical. Eles estão prontos para admitir que o homem não está meramente enfermo, mas que ele está mortalmente enfermo, doente para morrer. Mas ainda não morreu. Ele ainda tem um leve sopro de vida espiritual em seu corpo. Ele ainda tem uma minúscula ilha de justiça em seu coração, uma minúscula e frágil capacidade moral em sua decadência.

Ouvi duas ilustrações de evangelistas que apelavam para o arrependimento e conversão de seus ouvintes. O primeiro é uma

analogia de uma pessoa sofrendo de uma enfermidade terminal. Considera-se o pecador como estando gravemente enfermo, no exato limite da morte. Ele não tem, em si próprio, o poder de curar-se da moléstia. Está deitado em seu leito de morte quase totalmente paralisado. Não pode recuperar-se a menos que Deus proveja o remédio curador. O homem está tão mal que não pode nem mesmo estender seu braço para receber o remédio. Está quase em estado de coma. Deus precisa não somente oferecer o remédio, como Deus precisa colocá-lo numa colher e levá-la aos lábios do homem que está morrendo. A menos que



Deus faça tudo isso, o homem certamente perecerá. Mas, embora Deus faça 99% do que é necessário, ainda é deixado ao homem 1 %. Ele precisa abrir sua boca para receber o remédio. Este é o exercício necessário de livre-arbítrio que faz a diferença entre céu e inferno. O homem que abrir sua boca para receber o gracioso dom do remédio será salvo. O homem que mantiver seus lábios firmemente cerrados perecerá.

A analogia *quase* faz justiça à Bíblia e ao ensinamento de Paulo sobre a graça da regeneração. Mas não completamente. A Bíblia não fala de pecadores mortalmente enfermos. De

acordo com Paulo, eles estão *mortos*. Não há nem um pouquinho de vida espiritual sobrando neles. Se eles vão se tornar vivos, Deus precisa fazer mais do que lhes oferecer o remédio. Homens mortos não abrirão suas bocas para receber nada. Seus maxilares estão trancados pela morte. Instalou-se o *rigor mortis*. Precisam ser ressuscitados da morte. Precisam ser novas criaturas, moldados por Cristo e renascidos pelo seu Espírito.

Uma segunda ilustração é igualmente popular entre aqueles que são comprometidos com o evangelismo. Nesta visão o homem decaído é visto como um

homem que está se afogando e que não é capaz de nadar. Ele afundou duas vezes e voltou à superfície pela última vez. Se afundar novamente, morrerá. Sua última esperança é que Deus lhe atire um equipamento salva-vidas. Deus lhe atira uma corda e ela cai precisamente no limite dos dedos esticados do homem. Tudo que ele tem a fazer é agarrar firme. Se ele apenas agarrar bem a corda, Deus o rebocará. Se ele recusar a corda, certamente perecerá.

Novamente, nesta ilustração, a completa desesperança do pecador sem a assistência de Deus é enfatizada. O homem que está se afogando está numa séria

condição. Ele não pode salvar-se. Contudo, ele ainda está vivo; ele ainda pode estender seus dedos. Seus dedos são o vínculo crucial para a salvação. Seu destino eterno depende do que ele faz com seus dedos.

Paulo diz que o homem está morto. Ele não está meramente se afogando, ele já submergiu até o fundo do mar. É inútil lançar uma corda para um homem que já se afogou. Se é que entendo Paulo, ouço-o dizendo que Deus mergulha na água e puxa o homem morto do fundo do mar e então executa um ato divino de ressurreição boca a boca. Ele assopra no homem morto uma nova vida.

E importante lembrar que a regeneração tem a ver com nova vida. É chamada de novo nascimento ou ser nascido de novo. Muita confusão existe a respeito deste assunto. O novo nascimento é estreitamente ligado na Bíblia à nova vida que é nossa em Cristo. Assim como na biologia natural não pode haver vida sem nascimento, também em termos sobrenaturais não pode haver nova vida sem novo nascimento.

Nascimento e vida estão estreitamente ligados, mas não são exatamente a mesma coisa. Nascimento é o começo de uma nova vida. É um momento decisivo. Entendemos isso em

termos biológicos normais. Todo ano celebramos nossos aniversários. Não somos como a rainha em *Alice no País das Maravilhas* que comemorava todos os seus "desaniversários". Nascimento é uma experiência de uma vez só. Pode ser celebrado, mas não repetido. É um momento decisivo de transição. Uma pessoa ou é nascida ou não é ainda nascida.

É assim com o renascimento espiritual. O renascimento produz nova vida. É o começo de uma nova vida, mas não é o total da nova vida. É o ponto crucial de transição da morte espiritual para a vida espiritual. Uma pessoa nunca é parcialmente

nascida de novo. Ou ela é regenerada ou ela não é regenerada.

O ensino bíblico claro de regeneração é que é a obra de Deus, e somente a obra de Deus. Não podemos fazer com que nós mesmos sejamos renascidos. A carne não pode produzir o espírito. A regeneração é um ato de *criação*. Deus é quem cria.

Em teologia temos um termo técnico que pode ser útil, *monergismo*. Vem de duas raízes. *Mono* significa "um". Um monopólio é um negócio que tem o mercado para si mesmo. Um monoplano é um avião com uma só asa. *Erg*, talvez você se lembre de ter estudado na escola, refere-

se a uma unidade de trabalho. Obremos daí a palavra comum *energia*.

Juntando as partes, chegamos ao significado de "um trabalho". Quando dizemos que a regeneração é *monergística*, queremos dizer que somente uma das partes está fazendo o trabalho. Essa parte é Deus o Espírito Santo. Ele nos regenera; não podemos fazê-lo por nós próprios, nem mesmo ajudá-lo na tarefa.

Isso pode soar como se estivéssemos tratando seres humanos como marionetes. Marionetes são feitas de madeira. Elas não podem ter nenhuma reação. São inertes, sem vida.



São movidas por cordéis. Mas nós não estamos falando de marionetes. Estamos falando sobre seres humanos que são cadáveres espirituais. Estes humanos não têm coração feito de pó de madeira; são feitos de pedra. Eles não são manipulados por cordéis. São biologicamente vivos. Eles agem. Eles tomam decisões, mas nunca decisões por Deus.

Quando Deus regenera uma alma humana, quando Ele nos faz espiritualmente vivos, fazemos escolhas. Nós cremos. Temos fé. Apegamo-nos a Cristo. Deus não crê por nós. A fé não é monergística.

Antes falamos do impasse do

homem decaído e da situação de sua vontade humana. Afirmamos que, embora ele seja decaído, ainda tem uma vontade livre, no sentido que ainda pode fazer escolhas. Seu problema, que definimos como incapacidade moral, é que lhe falta um desejo por Cristo. Ele não tem nem disposição nem inclinação para Cristo. A menos que, ou até que o homem esteja inclinado para Cristo, ele nunca vai escolher Cristo. A menos que ele primeiro deseje Cristo, ele nunca vai receber Cristo.

Na regeneração, Deus muda nossos corações. Ele nos dá uma nova disposição, uma nova inclinação. Ele planta um desejo

por Cristo em nossos corações. Nunca podemos confiar em Cristo para nossa salvação a menos que primeiro o desejemos. É por isso que dissemos antes que a *regeneração precede a fé*. Sem renascimento não temos desejo por Cristo. Sem um desejo por Cristo nunca vamos escolher Cristo. Portanto, concluímos que, antes que alguém creia, antes que alguém *possa* crer, Deus primeiro precisa mudar a disposição de seu coração.

Quando Deus nos regenera, é um ato de graça. Vamos ver de novo em Efésios 2: "Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos

em nossos delitos, nos deu vida..."

Eu tenho um sinal em minha escrivadinha que foi bordado para mim por uma senhora de uma igreja onde servi. O sinal diz simplesmente "Mas". Quando Paulo descreve a condição espiritual do homem decaído, é suficiente para nos levar ao desespero. Finalmente ele chega na palavra mágica que nos faz soltar um suspiro de alívio. Mas. Sem ela estaríamos destinados a perecer. O "mas" captura a essência das boas-novas.

Paulo diz: "Mas Deus, sendo rico em misericórdia..." É somente Deus que nos dá vida. Quando Ele faz isso? Paulo não

espera que adivinhemos. Ele diz: "...estando nós mortos em nossos delitos..." Esta é a parte maravilhosa da graça, que nos é dada quando estamos espiritualmente mortos.

Paulo conclui que é uma questão de graça e não uma questão de obras. Seu resumo genuíno é: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus". Esta passagem deveria selar a questão para sempre. A fé pela qual somos salvos é um dom. Quando o apóstolo diz que não é por nós mesmos, ele não quer dizer que não seja nossa fé. Novamente, Deus não crê por nós. É nossa fé, mas não se

origina de nós. É dada a nós. O dom não é merecido. E um dom de pura graça.

Durante a Reforma Protestante havia três *slogans* que se tornaram famosos. São frases latinas: *sola fide*, *sola gratia* e *soli Deo gloria*. Os três *slogans* são ligados. Nunca devem ser divorciados uns dos outros. Eles significam "somente pela fé", "somente pela graça" e "somente a Deus a glória".

## **GRAÇA IRRESISTÍVEL?**

A maioria dos cristãos concorda que a obra de regeneração de Deus é uma obra de graça. A questão que nos

divide é se esta graça é irresistível ou não. É possível para uma pessoa receber a graça da regeneração e ainda assim não vir à fé?

O calvinista responde comum enfático "Não!", mas não porque ele crê que a graça de Deus seja literalmente irresistível. Novamente encontramos um problema com a velha lista de itens. Já alteramos o primeiro item (Total Depravação) e agora vamos mexer em outro.

O termo *graça irresistível* é ambíguo. Os calvinistas todos crêem que os homens podem resistir à graça de Deus, e o fazem. A pergunta é: "Pode a graça da regeneração falhar em

cumprir seu propósito?" Lembre-se que pessoas espiritualmente mortas são ainda biologicamente vivas. Elas ainda têm uma vontade que não é inclinada para Deus. Elas farão tudo ao seu alcance para resistir à graça. A história de Israel é a história de um povo de coração duro e cerviz dura que repetidamente resistiu à graça de Deus.

A graça de Deus é resistível no sentido em que podemos resistir a ela, e o fazemos. Ela é irresistível no sentido em que alcança seu propósito. E ela produz o efeito desejado por Deus. Assim, eu prefiro o termo *graça eficaz*.

Estamos falando da graça da



regeneração. Lembremo-nos que na regeneração Deus cria em nós um desejo por Ele. Mas, quando tivermos esse desejo plantado em nós, continuaremos a funcionar como sempre temos funcionado, fazendo nossas escolhas de acordo com a motivação mais forte do momento. Se Deus nos dá um desejo por Cristo, agiremos de acordo com esse desejo. Muito certamente escolheremos o objeto desse desejo, escolheremos Cristo. Quando Deus nos faz espiritualmente vivos, tornamo-nos espiritualmente vivos. Não é meramente a oportunidade de nos tornarmos espiritualmente vivos que Deus cria. Ele cria vida

espiritual dentro de nós. Quando Ele chama alguma coisa à existência, isso vem à existência.

Falamos do *chamado interior* de Deus. O chamado interior de Deus é tão poderoso e efetivo quanto seu chamado para criar o mundo. Deus não convidou o mundo à existência. Através de um mandamento divino, Ele disse: "Haja luz!" E houve luz. Não poderia ter sido de outro modo. A luz *tinha* de começar a brilhar.

Podéria *Lázaro* ter ficado no túmulo quando Jesus o chamou para sair? Jesus gritou: "Lázaro, vem para fora!". O homem irrompeu de suas vestes mortuárias e saiu do túmulo.

Quando Deus cria, exercita um poder que somente Ele tem. Somente Deus tem o poder de trazer alguma coisa do nada e vida da morte.

Muita confusão existe neste ponto. Lembro-me da primeira palestra que ouvi de John Gerstner. Era sobre o assunto da predestinação. Logo após ter começado sua palestra, o Dr. Gerstner foi interrompido por um estudante que estava acenando sua mão no ar. Gerstner parou e permitiu que o estudante falasse. Este disse: "Dr. Gerstner, é certo afirmar que o senhor é calvinista?" Gerstner respondeu: "Sim", e continuou sua palestra. Alguns momentos mais tarde,

um brilho de percepção apareceu nos olhos de Gerstner e ele parou de falar no meio de uma sentença, perguntando ao estudante: "Qual é a sua definição de um calvinista?"

O estudante respondeu: "Um calvinista é alguém que crê que Deus força algumas pessoas a escolherem Cristo e impede outras pessoas de escolherem Cristo". Gerstner ficou horrorizado. Ele disse: "Se isso é que é ser calvinista, pode estar certo de que eu não sou um calvinista".

O mau entendimento do estudante a respeito da graça irresistível é generalizado. Uma vez ouvi o presidente de um

seminário presbiteriano declarar: "Não sou um calvinista porque não creio que Deus traga algumas pessoas ao reino, esperneando e gritando contra suas vontades, e exclua outras do reino, que desesperadamente queriam estar lá".

Fiquei chocado quando ouvi estas palavras. Não pensei que fosse possível que um presidente de um seminário presbiteriano pudesse ter um entendimento tão grosseiro da teologia de sua própria igreja. Ele estava recitando uma caricatura que era tão distante do calvinismo quanto possível.

O calvinismo não ensina e nunca ensinou que Deus traz

pessoas esperneando e gritando para o reino, ou que excluiu alguém que quisesse estar lá. Lembre-se de que o ponto cardeal da doutrina reformada da predestinação está no ensino bíblico da morte espiritual do homem. O homem natural não quer Cristo. Ele só vai querer Cristo se Deus plantar um desejo por Cristo em seu coração. Uma vez que esse desejo está plantado, aqueles que vêm a Cristo não vêm esperneando e gritando contra sua vontade. Eles vêm porque querem vir. Eles agora desejam Jesus. Eles correm para o Salvador. Toda a questão da graça irresistível é que o renascimento vivifica a pessoa

para a vida espiritual de tal maneira que Jesus agora é visto em sua irresistível doçura. Jesus é irresistível para aqueles que foram feitos vivos para as coisas de Deus. Toda alma cujo coração bate com a vida de Deus dentro de si anseia pelo Cristo vivo. Todos aqueles que o Pai der a Cristo, vêm a Cristo (Jo 6.37).

O termo "graça efetiva" pode ajudar a evitar alguma confusão. Graça efetiva é a graça que torna efetivo o que Deus deseja.

Como é que esta visão difere de outras visões não reformadas da regeneração? A mais popular visão alternativa apóia-se no conceito de graça preveniente.

# GRAÇA PREVENIENTE

Como o nome sugere, graça preveniente é a graça que "vem antes" de alguma coisa. É normalmente definida como uma obra que Deus faz para todos. Ele dá a todas as pessoas graça suficiente para responder a Jesus. Isto é, é graça suficiente para tornar *possível* a uma pessoa que ela escolha Cristo. Aqueles que cooperam e concordam com esta graça são "eleitos". Aqueles que se recusam a cooperar com esta graça são perdidos.

A força desta visão é que ela reconhece que a condição espiritual do homem decaído é



suficientemente grave a ponto de requerer a graça de Deus para salvá-lo. A fraqueza da posição pode ser vista de duas maneiras. Se a graça preveniente é meramente externa ao homem, então ela falha do mesmo modo que o remédio e a corda salva-vidas falharam. Que bem faz a graça preveniente se for oferecida externamente a criaturas espiritualmente mortas?

Por outro lado, se a graça preveniente refere-se a algo que Deus faz dentro do coração do homem decaído, então precisamos perguntar por que não é sempre eficaz. Por que é que algumas criaturas decaídas escolhem cooperar com a graça

preveniente e outras escolhem não fazê-lo? Não recebem todos a mesma medida?

Pense nisto assim, em termos pessoais. Se você é cristão, com certeza tem consciência de outras pessoas que não são cristãs. Por que é que você escolheu Cristo e elas não? Por que disse sim à graça preveniente enquanto elas disseram não? Foi porque você é mais justo do que elas? Se foi por isso, certamente tem alguma coisa de que se vangloriar. Essa maior justiça foi algo que você alcançou por si próprio, ou foi o dom de Deus? Se foi alguma coisa que você alcançou, então, no fundo, sua salvação depende

de sua própria justiça. Se a justiça foi um dom, então por que Deus não deu o mesmo dom a todos?

Talvez não tenha sido porque você era mais justo. Talvez tenha sido porque você era mais inteligente. Por que você é mais inteligente? É porque você estuda mais (o que na realidade quer dizer que você é mais justo?). Ou você é mais inteligente porque Deus lhe deu um dom de inteligência que se absteve de dar a outros?

Com certeza, a maioria dos cristãos que se apegam à visão da graça preveniente se afastaria de tais respostas. Eles vêm a arrogância implícita nelas. Em

vez disso, eles estão mais dispostos a dizer: "Não, eu escolho Jesus porque reconheci minha desesperada necessidade dele".

Isso certamente soa mais humilde. Mas eu preciso pressionar a questão. Por que você reconheceu sua desesperada necessidade de Cristo, enquanto seu vizinho não o fez? Foi porque você era mais justo que seu vizinho, ou mais inteligente?

A pergunta fácil para os advogados da graça preveniente é por que algumas pessoas cooperam com ela e outras não. A maneira como respondemos a esta pergunta vai revelar quão

graciosa nós cremos que nossa salvação realmente é.

A pergunta difícil é: "A Bíblia ensina tal doutrina da graça preveniente? Se for assim, onde?"

Concluimos que nossa salvação é do Senhor. Ele é aquele que nos regenera. Aqueles que Ele regenera vêm a Cristo. Sem regeneração ninguém jamais virá a Cristo. Com regeneração ninguém jamais o rejeitará. A graça salvadora de Deus efetua aquilo que Ele quer efetuar através dela.

## **RESUMO DO CAPÍTULO 5**

1. Nossa salvação flui de uma iniciativa divina. É Deus Espírito

Santo quem liberta os cativos. É Ele quem sopra em nós a vida espiritual e nos ressuscita da morte espiritual.

2. Nossa condição antes de ser vivificados é de morte espiritual. É mais grave do que uma mera doença mortal. Não há nem um grama de vida espiritual em nós antes que Deus nos faça vivos.

3. Sem o renascimento ninguém virá a Cristo. Todos os que são renascidos vêm a Ele. Todos os que estão mortos para as coisas de Deus continuam mortos para as coisas de Deus a menos que Deus os faça vivos. Aqueles a quem Deus faz vivos, tornam-se vivos. A salvação é do Senhor.

## **6. PRESCIÊNCIA E PREDESTINAÇÃO**

A vasta maioria dos cristãos que rejeitam a visão reformada da predestinação adota a que é algumas vezes chamada de visão presciente (pré-ciência, conhecimento prévio) da predestinação. Em poucas palavras, esta visão ensina que, desde toda a eternidade, Deus sabia como iríamos viver. Ele sabia antecipadamente se iríamos receber Cristo ou rejeitar Cristo. Ele conhecia nossas livres escolhas antes que as tivéssemos feito. A escolha que Deus fez de nosso destino eterno, então, foi feita baseada no que Ele sabia

que nós escolheríamos. Ele nos escolhe porque sabe, de antemão, que nós o escolheremos. Os eleitos, então, são aqueles que Deus sabe que escolherão Cristo livremente.

Neste entendimento, tanto o decreto eterno de Deus quanto a escolha livre do homem são deixados intactos. Nesta visão não há nada arbitrário a respeito das decisões de Deus. Não se fala aqui de sermos reduzidos a marionetes ou de termos nosso livre-arbítrio violado. Deus é claramente absolvido de qualquer indicação de erro. A base para nosso julgamento final está, em última análise, sobre nossa decisão a favor ou contra Cristo.



Há muito para recomendar nesta visão da predestinação. É bastante satisfatória e tem os benefícios mencionados acima. Além disso, parece ter pelo menos uma garantia bíblica forte. Se voltarmos nossa atenção de novo para a carta de Paulo aos Romanos, vamos ler:

Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos

que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou (Rm 8.29,30).

A conhecida passagem de Romanos tem sido chamada de "Cadeia Dourada da Salvação." Notamos uma espécie de ordem aqui que começa com a presciência de Deus e segue até a glorificação do crente. É crucial para a visão presciente o fato de que neste texto a presciência de Deus vem *antes* da predestinação de Deus.

Aprecio muito a visão presciente da predestinação. Já a sustentei, antes que me rendesse

à visão reformada. Mas abandonei esta visão por diversos motivos. Um deles, não o menor, é que me tornei convencido de que a visão presciente não é tanto uma visão da doutrina bíblica da predestinação, como é uma negação da doutrina bíblica. Ela deixa de incluir o inteiro conselho de Deus sobre o assunto.

Talvez a maior fraqueza da visão presciente seja o texto citado como sua maior força. Numa análise mais próxima, a passagem de Romanos citada acima se torna um sério problema para a visão presciente. Por um lado, aqueles que apelam para ela para sustentar a visão

presciente, acham pouco. Isto é, a passagem ensina menos do que os advogados da presciência gostariam que ensinasse e, ainda assim, ensina mais do que eles querem ensinar.

Como pode ser isto? Primeiro, a conclusão de que a predestinação de Deus é determinada pela presciência de Deus não é ensinada por esta passagem. Paulo não sai dizendo que Deus escolhe pessoas com base em seu conhecimento anterior de suas escolhas. Essa idéia não é nem declarada nem implícita no texto. Tudo o que o texto diz é que Deus predestina aqueles que Ele conhece de antemão. Ninguém, neste debate,

discorda que Deus tem presciência. Mesmo Deus não poderia escolher pessoas a respeito de quem não soubesse nada. Antes que escolhesse Jacó, tinha de ter alguma idéia em sua mente a respeito de dele. Mas o texto não ensina que Deus escolheu Jacó com base na escolha de Jacó.

É justo que se diga que pelo menos a ordem de presciência-predestinação que encontramos em Romanos 8 é compatível com a visão presciente. É o restante da passagem que cria dificuldades.

Olhe a ordem dos eventos nesta passagem. Presciência predestinação — chamado —

justificação — glorificação.

O problema crucial aqui tem a ver com a relação entre chamado e justificação. O que Paulo quer dizer aqui com "chamado?" O Novo Testamento fala de chamado divino de mais de uma maneira. Em teologia, distinguimos entre o chamado *exterior* de Deus e o chamado *interior* de Deus.

Encontramos o chamado exterior de Deus na pregação do Evangelho. Quando o Evangelho é pregado, todos os que o ouvem são chamados ou convocados a Cristo. Mas nem todos respondem positivamente. Nem todo o que ouve o chamado externo do Evangelho torna-se

um crente. Algumas vezes o chamado do Evangelho cai em ouvidos surdos.

Agora sabemos que somente aqueles que respondem ao chamado exterior do Evangelho em fé são justificados. A justificação é pela fé. Mas, novamente, nem todos cujos ouvidos ouvem a pregação exterior do Evangelho respondem em fé. Portanto, devemos concluir que nem todos que são chamados exteriormente são justificados.

Mas Paulo diz em Romanos que todos a quem Deus chama, Ele justifica. Ora, concordamos que a Bíblia não diz explicitamente que todos a quem

Deus chama Ele justifica. Estamos acrescentando a palavra *todos*. Talvez sejamos tão culpados de ler alguma coisa no texto que não está lá, quanto aqueles que advogam a visão presciente.

Quando acrescentamos a palavra *todos* ali, estamos respondendo a uma implicação do texto. Estamos fazendo uma inferência. E uma inferência legítima de se fazer? Eu penso que é.

Se Paulo não quer dizer que todos os que são chamados são justificados, a única alternativa seria que *alguns* que são chamados são justificados. Se acrescentarmos a palavra *alguns*



aqui, em vez da palavra todos, então devemos acrescentá-la ao longo de toda a Cadeia Dourada. Então ficaria assim:

Alguns dos que Ele de  
antemão conheceu, Ele  
também predestinou.  
Alguns dos que Ele  
predestinou, Ele  
também chamou. Alguns  
dos que Ele chamou,  
também justificou.  
Alguns dos que Ele  
justificou, também  
glorificou.

A leitura deste texto nos deixa  
com uma monstruosidade

teológica, um pesadelo. Significaria que somente alguns dos predestinados chegam a ouvir o Evangelho, e que somente alguns dos justificados são finalmente salvos. Estas noções estão completamente em conflito com o que o restante da Bíblia ensina sobre o assunto.

A visão presciente sofre ainda de um problema maior, pelo acréscimo da palavra *alguns*. Se a predestinação de Deus é baseada em sua presciência de como as pessoas responderão ao chamado exterior do Evangelho, como é que somente alguns dos predestinados são chamados? Exigiria que Deus predestinasse alguns que não são chamados.

Se alguns dos predestinados são predestinados sem serem chamados, então Deus não estaria baseando sua predestinação num conhecimento prévio da resposta deles ao seu chamado. Eles não poderiam ter nenhuma resposta a um chamado que eles nunca receberam! Deus não pode ter presciência da não-resposta de uma pessoa a um não-chamado.

Ufa! Se seguirmos tudo isso, então veremos a conclusão gritando para nós. Paulo não pode estar pensando na palavra *alguns*. Em vez disso, a Cadeia Dourada necessariamente tem implícita a palavra *todos*.

Vamos rever a ordem. Se

acrescentarmos a palavra *alguns* à Cadeia Dourada, o resultado é fatal para a visão presciente da predestinação, porque teria Deus predestinando algumas pessoas que não são chamadas. Uma vez que a visão ensina que a predestinação de Deus é baseada na presciência que Deus tem da resposta positiva das pessoas ao chamado *do* Evangelho, então, claramente, a visão cai por terra se alguns são predestinados sem um chamado.

O acréscimo da palavra *todos* também é fatal à visão presciente. A dificuldade está centralizada na relação entre chamado e justificação. Se todos que são chamados são justificados, então

a passagem poderia significar uma entre duas coisas: (A) todos os que ouvem o Evangelho exteriormente são justificados, ou (B) todos os que são chamados por Deus interiormente são justificados.

Se respondermos com a opção (A), então a conclusão a que devemos chegar é que todo aquele que alguma vez ouve o Evangelho é predestinado a ser salvo. É claro que a vasta maioria dos que sustentam a visão presciente da predestinação também sustenta que nem todo aquele que ouve o Evangelho é salvo. Alguns são universalistas. Eles crêem que todos serão salvos, quer ouçam o Evangelho,

quer não. Mas devemos nos lembrar de que o principal debate entre evangélicos sobre a predestinação não é sobre a questão do universalismo. Tanto os que advogam a visão reformada quanto os que advogam a visão presciente concordam que nem todos são salvos. Eles concordam que, de fato, há pessoas que ouvem o Evangelho exteriormente (o chamado externo de Deus) e não respondem em fé e que, portanto, não são justificados. A opção A é tão repugnante aos defensores da visão presciente quanto é para os defensores da visão reformada.

Isso nos deixa com a opção B: todos os que são chamados

interiormente por Deus são justificados. O que é o chamado interior de Deus? O chamado exterior refere-se à pregação do Evangelho. Pregação é algo que fazemos como seres humanos. O chamado exterior também pode ser "ouvido" através da leitura da Bíblia. A Bíblia é a Palavra de Deus, mas ela vem a nós escrita por seres humanos. Nesse sentido, é exterior. Nenhum ser humano tem o poder de operar internamente em outro ser humano. Não posso entrar no coração de uma pessoa e operar uma influência imediata ali. Posso falar palavras que são exteriores. Essas palavras podem penetrar o coração, mas eu não

posso fazer com que isso aconteça por meu próprio poder. Somente Deus pode chamar uma pessoa interiormente. Somente Deus pode operar imediatamente dentro das mais profundas câmaras do coração humano, para influenciar uma resposta positiva de fé.

Assim, se a opção *B* é aquilo a que o apóstolo se refere, então as opções são claras. Se todos que Deus chama interiormente são justificados, e todos que Deus predestina são chamados interiormente, então segue-se que a presciência de Deus é mais do que uma mera consciência prévia das decisões livres que os humanos farão. Com certeza,



Deus sabe desde toda a eternidade quem responderá ao Evangelho e quem não o fará. Mas tal conhecimento não é o de um mero observador passivo. Deus sabe desde a eternidade quem irá chamar interiormente. Todos que Ele chamar interiormente, Ele também justificará.

Eu disse antes que a Cadeia Dourada ensina mais do que a visão presciente quer que ela ensine. Ensina que Deus predestina um chamado interior. Todos os que Deus predestina para serem chamados interiormente serão justificados. Deus aqui está fazendo alguma coisa nos corações dos eleitos

para garantir sua resposta positiva.

Se a opção *B* é o entendimento correto da Cadeia Dourada, então é claro que Deus dá um tipo de chamado a algumas pessoas que Ele não dá a todos. Uma vez que todos os que são chamados são justificados, e uma vez que nem todo mundo é justificado, então segue-se que o chamado é uma atividade divina bem significativa que alguns seres humanos recebem e outros não.

Agora somos forçados a voltar a uma séria questão, não diferente de nossa questão original. Por que é que alguns são predestinados a receber este

chamado de Deus e outros não? A resposta encontra-se no homem ou nos propósitos de Deus? Um defensor da visão presciente teria de responder que a razão pela qual Deus chama somente algumas pessoas interiormente é que Ele sabe de antemão quem responderá positivamente ao chamado interior, e quem não o fará. Portanto, Ele não desperdiça o chamado interior, Ele o dá apenas àqueles que sabe que responderão favoravelmente ao chamado.

Quanto mais poder há no chamado interior de Deus? Há alguma vantagem em recebê-lo? Se é dado somente àqueles que

Deus sabe que irão respondê-lo no seu próprio poder, pareceria ser uma influência interior sem nenhuma influência *real*. Se não tem nenhuma influência na pessoa que ouve o chamado exterior, então Deus está predestinando uma vantagem para alguns, que Ele está retendo de outros. Se não tem nenhuma influência na decisão humana, então simplesmente não é nenhuma influência mesmo. Se não é mesmo nenhuma influência, então é insignificante para a salvação, e uma parte sem importância da Cadeia Dourada.

É crucial nos lembrarmos de que o chamado interior de Deus é dado às pessoas *antes* que elas

creiam, *antes* que elas respondam em fé. Se influencia a resposta de algum modo, então Deus está predestinando uma vantagem aos eleitos. Se não influencia a decisão humana, então o que faz? Este dilema é doloroso para a visão presciente, doloroso e sem alívio.

## **A VISÃO REFORMADA DA PREDESTINAÇÃO**

Em contraste com a visão presciente da predestinação, a visão reformada assevera que a decisão final para a salvação está com Deus e não com o homem. Ensina que desde a eternidade Deus escolheu intervir nas vidas

de algumas pessoas e trazê-las à fé salvadora, e escolheu não fazer isso para outras pessoas. Desde toda a eternidade, sem nenhuma visão prévia de nosso comportamento humano, Deus escolheu alguns para a eleição e outros para a reprovação. O destino final do indivíduo é decidido por Deus antes mesmo que o indivíduo tenha nascido e sem depender, em última análise, da escolha humana. Com certeza uma escolha humana é feita, uma livre escolha humana, mas a escolha é feita porque Deus primeiro escolhe influenciar os humanos para fazerem a escolha certa. A base para a escolha humana não está somente no

homem, mas no beneplácito da vontade divina.

Na visão reformada da predestinação, a escolha de Deus precede a escolha do homem. Sem a predestinação divina e sem o chamado divino anterior, a visão reformada sustenta que ninguém jamais escolheria Cristo.

Esta é a visão da predestinação que incomoda tantos cristãos. Esta é a visão que levanta tantas questões sérias sobre o livre-arbítrio do homem e sobre a justiça de Deus. Esta é a visão que provoca tantas respostas iradas e acusações de fatalismo, determinismo, e assim por diante.

A visão reformada da

predestinação entende a Cadeia Dourada assim: Desde toda a eternidade Deus conhecia de antemão seus eleitos. Ele tinha uma idéia de suas identidades em sua mente, antes mesmo de os haver criado. Ele não somente os conhecia de antemão no sentido de ter uma idéia prévia de suas identidades pessoais, mas Ele também os conhecia de antemão no sentido de amá-los de antemão. Precisamos nos lembrar de que, quando a Bíblia fala de "conhecer", quase sempre distingue entre uma simples consciência mental de uma pessoa e um amor íntimo e profundo de uma pessoa.

A visão reformada crê que



todos que Deus assim conheceu de antemão, Ele também predestinou para serem chamados interiormente, para serem justificados, para serem glorificados. Deus soberanamente faz acontecer a salvação de seus eleitos e somente de seus eleitos.

## **RESUMO DO CAPÍTULO 6**

1. Presciência não é uma explicação válida da predestinação.
2. Faz com que a redenção, em última análise, seja uma obra humana.
3. A predestinação é deixada de lado e tornada virtualmente vazia

de significado.

4. A Cadeia Dourada mostra que nossa justificação depende do chamado de Deus.

5. O chamado de Deus apóia-se numa predestinação prévia.

6. Sem predestinação não há justificação.

7. Não são nossas escolhas futuras, contudo, que induzem Deus a nos escolher.

8. E a soberana decisão de Deus a nosso favor.

# **7. A DUPLICIDADE E SEUS PROBLEMAS: A PREDESTINAÇÃO É DUPLA?**

Dupla predestinação. As próprias palavras soam como mau agouro. Uma coisa é contemplar o plano gracioso de salvação para os eleitos. Mas, que dizer daqueles que não são eleitos? Eles também são predestinados? Existe um horrível decreto de reprovação? Deus destina alguns infelizes para o inferno?

Estas perguntas imediatamente vêm à tona assim que a dupla predestinação é mencionada. Tais perguntas

fazem com que alguns declarem que o conceito da dupla predestinação está fora dos limites. Outros, conquanto creiam na predestinação, declaram enfaticamente que crêem numa predestinação *simples*. Isto é, mesmo crendo que alguns são predestinados à salvação, não há razão para supor que outros são da mesma forma predestinados à condenação. Em poucas palavras, a idéia é que alguns são predestinados à salvação, mas todos têm a oportunidade de ser salvos. Deus assegura-se de que alguns cheguem lá provendo uma ajuda extra, mas o restante da humanidade ainda tem uma

chance.

Embora haja um forte sentimento para falar somente da predestinação simples, e para evitar qualquer discussão sobre a dupla predestinação, ainda precisamos enfrentar as perguntas que estão sobre a mesa. A menos que cheguemos à conclusão de que todo ser humano está predestinado à salvação, precisamos encarar o outro lado da eleição. Se é que realmente existe uma coisa tal como predestinação, e se essa predestinação não inclui todas as pessoas, então não podemos escapar da necessária influência de que há dois lados para a predestinação. Não é suficiente

falar sobre Jacó; precisamos também considerar Esaú.

## **DESTINAÇÃO SIMULTÂNEA**

Há diferentes visões da dupla predestinação. Uma delas é tão amedrontadora que muitos a evitam totalmente, para que sua visão da doutrina não se confunda com ela, que seria absurda. Esta é chamada de visão da destinação simultânea.

A destinação simultânea é baseada no conceito da simetria. Procura um equilíbrio completo entre eleição e reprobção. A idéia-chave é esta: Assim como Deus intervém nas vidas dos eleitos para criar fé em seus

corações, também assim igualmente intervêm nas vidas dos reprovados para criar ou operar incredulidade em seus corações. A idéia de Deus ativamente operando incredulidade nos corações dos reprovados é extraída das declarações bíblicas sobre Deus endurecendo os corações das pessoas.

A destinação simultânea *não* é a visão reformada ou calvinista da predestinação. Alguns a têm chamado de "hipercalvinismo." Eu prefiro chamá-la de "subcalvinismo", ou, melhor ainda, de "anticalvinismo." Embora o Calvinismo certamente tenha uma visão de dupla

predestinação, a dupla predestinação que ele abraça não é a da destinação simultânea.

Para entender a visão reformada sobre o assunto, precisamos prestar muita atenção à crucial distinção entre os decretos *positivos* e *negativos* de Deus. Positivo tem a ver com a intervenção ativa de Deus nos corações dos eleitos. Negativo tem a ver com Deus deixando de lado os não-eleitos.

A visão reformada ensina que Deus positivamente e ativamente intervém nas vidas dos eleitos para garantir sua salvação. O restante da humanidade Deus deixa por si mesmos. Ele não cria incredulidade em seus corações.



Essa incredulidade já está lá. Ele não os coage a pecar. Eles pecam por suas próprias escolhas. No calvinismo, o decreto de eleição é positivo. O decreto de reprovação é negativo.

A visão hipercalvinista da dupla predestinação pode ser chamada de *predestinação positiva*. A visão do Calvinismo ortodoxo pode ser chamada *predestinação positiva-negativa*. Vamos vê-la em diagrama:

<b>CALVINISM</b> <b>O</b>	<b>HIPERCALVINISM</b> <b>O</b>
* positivo-negativo	* positivo-positivo
* visão assimétrica	* visão simétrica

* destinação não simultânea	* destinação simultânea
* Deus deixa de lado o reprovado	* Deus opera incredulidade nos corações reprovados

O terrível erro do hipercalvinismo é que envolve Deus na coação do pecado. Isto faz violência radical à integridade do caráter de Deus.

O exemplo bíblico primário que poderia tentar alguém para o hipercalvinismo é o caso do Faraó. Repetidamente lemos na narrativa de Êxodo que Deus endureceu o coração de Faraó. Deus contou a Moisés, muito

antes do tempo, que Ele faria isto:

Tu falarás tudo que eu te ordenar; e Arão, teu irmão, falará a Faraó, para que deixe ir da sua terra os filhos de Israel. Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó, e multiplicarei na terra do Egito os meus sinais e as minhas maravilhas. Faraó não vos ouvirá; e eu porei a mão sobre o Egito e farei sair as minhas hostes, o meu povo, os filhos de Israel, da terra do Egito, com grandes manifestações

de julgamento. Saberão os egípcios que eu sou o Senhor, quando estender eu a minha mão sobre o Egito e tirar do meio deles os filhos de Israel (Ex. 7.2-5).

A Bíblia claramente ensina que Deus, de fato, endureceu o coração de Faraó. Agora sabemos que Deus fez isto para sua própria glória e como um sinal, tanto para Israel quanto para o Egito. Sabemos que o propósito de Deus em tudo isto era um propósito redentor. Mas ainda ficamos com um problema crítico. Deus endureceu o coração de Faraó e então julgou Faraó por

seu pecado. Como pode Deus considerar Faraó ou qualquer um responsável pelo pecado que flui de um coração que o próprio Deus endureceu?

Nossa resposta a essa pergunta dependerá de como nós entendemos o ato de Deus de endurecer. Como Ele endureceu o coração de Faraó? A Bíblia não responde explicitamente a esta pergunta. Ao pensarmos nela, percebemos que existem somente duas maneiras pelas quais Ele poderia ter endurecido o coração de Faraó: ativamente ou passivamente.

O endurecimento ativo envolveria a intervenção direta de Deus nas câmaras internas do

coração de Faraó. Deus irromperia no coração de Faraó e criaria nele um mal adicional. Isto garantiria que Faraó produziria o resultado que Deus estava procurando. Isso também asseguraria que Deus é o autor do pecado.

O endurecimento passivo é uma história totalmente diferente. O endurecimento passivo envolve um julgamento divino sobre o pecado que já está presente. Tudo o que Deus tem a fazer para endurecer o coração de uma pessoa cujo coração já é desesperadamente mau é "entregá-la a seu pecado." Encontramos este conceito de julgamento divino repetidamente

na Escritura.

Como isto funciona? Para entender devidamente, devemos primeiro dar uma rápida olhada em outro conceito, o da graça *comum* de Deus. Isto se refere à graça de Deus da qual os homens comumente gozam. A chuva que refresca a terra e rega nossas colheitas cai sobre os justos e os injustos igualmente. Os injustos certamente não merecem tais benefícios, mas, de qualquer modo, desfrutam deles. É assim com o sol brilhando e com o arco-íris. Nosso mundo é um teatro da graça comum.

Um dos mais importantes elementos da graça comum de que gozamos é a restrição do mal

no mundo. Essa restrição flui de muitas fontes. O mal é restringido pelos policiais, pela lei, pela opinião pública, equilíbrio de poder e assim por diante. Embora o mundo em que vivemos seja cheio de maldade, não é tão mau como poderia ser. Deus usa os meios mencionados acima, bem como outros meios, para manter o mal sob controle. Por sua graça Ele controla e restringe a quantidade de mal neste mundo. Se o mal fosse deixado totalmente sem controle, então a vida neste planeta seria impossível.

Tudo que Deus tem a fazer para endurecer o coração das pessoas é remover as restrições.



Ele lhes dá uma corda mais longa. Em vez de restringir sua liberdade humana, Ele a aumenta. Ele deixa que elas façam as coisas de seu próprio modo. Em certo sentido, Ele lhes dá corda suficiente para que elas se enforquem. Não é que Deus coloque sua mão sobre elas para criar o mal novo em seus corações; Ele meramente remove delas sua santa mão de restrição, e deixa que façam sua própria vontade.

Se fôssemos determinar o homem mais ímpio, o mais diabólico da história humana, certos nomes apareceriam nas listas de quase todos. Veríamos os nomes de Hitler, Nero, Stalin,

que foram culpados de assassinato em massa e outras atrocidades. O que estas pessoas têm em comum? Eles todos foram ditadores. Eles todos tinham, virtualmente, poder ilimitado dentro das esferas de seus domínios.

Por que dizemos que o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente? (Sabemos que isto não faz nenhuma referência a Deus, mas somente ao poder e corrupção dos homens). O poder corrompe precisamente porque levanta uma pessoa acima das restrições normais que restringem o restante de nós. Eu sou restringido por conflitos de

interesse com pessoas que são tão poderosas ou mais poderosas do que eu. Aprendemos cedo na vida a restringir nossa beligerância para com aqueles que são maiores do que nós. Tendemos a entrar em conflito seletivamente. A discricão tende a sobrepor-se à bravura quando nossos oponentes são mais poderosos do que nós.

Faraó era o homem mais poderoso do mundo quando Moisés foi vê-lo. A única restrição que havia sobre a maldade de Faraó era o santo braço de Deus. Tudo que Deus tinha a fazer para endurecer mais a Faraó era remover seu braço. As inclinações malignas de Faraó

fizeram o restante.

No ato de endurecimento passivo, Deus toma a decisão de remover as restrições; a parte má do processo é feita pelo próprio Faraó. Deus não faz violência à vontade de Faraó. Como dissemos, Ele simplesmente dá a Faraó *mais* liberdade.

Vemos o mesmo tipo de coisa no caso de Judas e com os homens maus que Deus e Satanás usaram para afligir Jó. Judas não era um pobre inocente vítima da manipulação divina. Ele não era um homem reto que Deus forçou a trair Cristo e então puniu pela traição. Judas traiu Cristo porque Judas quis trinta moedas de prata. Como as

Escrituras declaram, Judas foi um filho da perdição desde o início.

Com certeza, Deus usa as más inclinações e as intenções malignas dos homens decaídos para produzir seus próprios propósitos redentivos. Sem Judas não há cruz. Sem a cruz não temos redenção. Mas este não é o caso de Deus coagindo ao mal. Em vez disso, é um glorioso caso do triunfo redentor de Deus sobre o mal. Os maus desejos dos corações dos homens não podem frustrar a soberania de Deus. Na realidade, estão sujeitos a ela.

Quando estudamos o padrão de Deus para a punição dos

homens maus, vemos um tipo de justiça poética emergindo. Na cena de julgamento final do Livro de Apocalipse lemos o seguinte:

Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se (Ap 22.11).

No último ato de julgamento de Deus, Ele entrega os pecadores a seus pecados. Com efeito, Ele os abandona a seus próprios desejos. Assim foi com

Faraó. Através deste ato de julgamento, Deus não manchou sua própria justiça criando mal adicional no coração de Faraó. Ele estabeleceu sua própria justiça punindo o mal que já estava no coração de Faraó.

É assim que nós devemos entender a dupla predestinação. Deus dá misericórdia a seus eleitos operando fé em seus corações. Ele dá justiça aos reprovados deixando-os em seus próprios pecados. Não há simetria aqui. Um grupo recebe misericórdia. O outro grupo recebe justiça. Ninguém recebe injustiça. Ninguém pode queixar-se de que há injustiça em Deus.

## ROMANOS 9

A passagem mais significativa do Novo Testamento concernente à dupla predestinação é encontrada em Romanos 9:

Porque a palavra da promessa é esta: Por esse tempo virei e Sara terá um filho. E não ela somente, mas Rebeca ao conceber de um só, Isaaque, nosso pai. E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus quanto à eleição



prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama), já fora dito a ela: O mais velho será servo do mais moço. Como está escrito: Amei a Jacó, porém me aborreci de Esaú.

Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum. Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprover ter misericórdia, e compadecer-me-ei de quem me aprover ter compaixão.

Assim, pois, não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia. Porque a Escritura diz a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra. Logo, tem Ele misericórdia de quem quer, e também endurece a quem lhe apraz (Rm 9.9-18).

Nesta passagem temos o conceito bíblico mais claro que

podemos encontrar a respeito da dupla predestinação. É declarada sem reservas e sem ambigüidade. "Logo, ele tem misericórdia de quem quer, e também endurece a quem lhe apraz." Algumas pessoas recebem misericórdia, outras recebem justiça. A decisão para isto está nas mãos de Deus.

Paulo ilustra o duplo caráter da predestinação através de sua referência a Esaú e Jacó. Os dois homens eram irmãos gêmeos. Eles foram carregados no mesmo ventre ao mesmo tempo. Um recebeu a bênção de Deus e outro não. Um recebeu uma porção especial do amor de Deus, o outro não. Esaú era "aborrecido" por Deus.

O ódio divino mencionado aqui não é uma expressão de uma atitude insidiosa de malícia. [E o que Davi anteriormente chamou de "ódio santo" (Sl 139.22).] O ódio divino não é malicioso. Envolve uma retenção de favor. Deus é "por" aqueles a quem Ele ama. Ele volta sua face contra aquelas pessoas ímpias que não são o objeto de seu especial favor redentor. Aqueles a quem Ele ama recebem sua misericórdia. Aqueles a quem Ele odeia recebem sua justiça. De novo, ninguém é tratado injustamente.

Por que Deus escolheu Jacó e não Esaú? Deus previu em Jacó algum ato reto que justificaria este favor especial? Deus olhou

para baixo, nos corredores do tempo, e viu Jacó fazendo a escolha certa e Esaú fazendo a escolha errada?

Se isto é o que o apóstolo pretendia ensinar, não teria sido difícil esclarecer o ponto. Aqui estava a oportunidade de ouro de Paulo, para ensinar a visão presciente da predestinação, se ele tivesse desejado. Parece mesmo estranho que ele não aproveite esta oportunidade. Mas este não é nenhum argumento do silêncio. Paulo não permanece mudo sobre o assunto. Ele trabalha o ponto oposto. Ele enfatiza o fato de que a decisão de Deus foi feita antes do nascimento destes gêmeos, e sem

uma visão de suas futuras ações.

A frase de Paulo no versículo 11 é crucial. "E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus quanto à eleição prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama)." Por que o apóstolo diz isto? A ênfase aqui é claramente na obra de Deus. Nega enfaticamente que a eleição seja um resultado da obra do homem, vista de antemão ou não. É o propósito de Deus, de acordo com sua eleição, que está em foco aqui.

Se Paulo quisesse dizer que a eleição é baseada em alguma decisão humana pré-conhecida,

por que ele não disse isso? Em vez disso, ele declara que o decreto foi feito antes das crianças nascerem, e antes que tivessem feito qualquer bem ou mal. Agora nós concordamos que a visão presciente da predestinação entende que o decreto divino foi feito antes do nascimento. Mas a visão insiste que a decisão de Deus foi baseada em seu conhecimento das escolhas futuras. Por que Paulo não afirma isto aqui? Tudo o que ele diz é que o decreto foi feito antes do nascimento e antes que Jacó e Esaú tivessem feito qualquer bem ou mal.

Nós concordamos que, nesta passagem, Paulo não vai logo

dizendo que a decisão de Deus não foi baseada no futuro bem ou mal deles. Mas ele não precisava dizer isso. A implicação é clara à luz do que ele diz. Ele coloca a ênfase onde deve estar, no propósito de Deus e não na obra do homem. O fardo aqui está sobre aqueles que querem acrescentar a noção crucial qualificativa das escolhas previstas. A Bíblia não a acrescenta, nem aqui, nem em nenhum outro lugar.

O ponto é este: se Paulo cria que a predestinação de Deus era baseada em escolhas humanas previstas, este era o contexto no qual deveria expressar isso.

Precisamos ir um passo



adiante. Embora Paulo fique em silêncio a respeito da questão de futuras escolhas aqui, ele não permanece assim. No versículo 16 ele deixa claro: "Assim, então, não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de Deus usar sua misericórdia" . Este é o *coup de grace* ao arminianismo e a todas as outras visões não reformadas da predestinação. Esta é a Palavra de Deus que requer que todos os cristãos cessem e desistam das visões de predestinação que fazem com que a decisão final para salvação esteja na vontade do homem. O apóstolo declara: *não* depende de quem quer. A visão não reformada precisa dizer que

*depende* de quem quer. Esta é uma contradição violenta com o ensinamento da Escritura. Este versículo é absolutamente fatal ao arminianismo.

É nosso dever honrar a Deus. Precisamos confessar com o apóstolo que nossa eleição não é baseada em nossas vontades, mas nos propósitos da vontade de Deus.

Paulo levanta duas questões teóricas nesta passagem, que devemos considerar. A primeira é: "Que diremos então? Há alguma injustiça da parte de Deus?" Por que Paulo antecipa esta questão? Ninguém levanta esta questão a um arminiano. Se nossa eleição está, em última análise, baseada

em decisões humanas, não há necessidade de levantar tal objeção.

É para a doutrina bíblica da predestinação que esta questão é levantada. É para a predestinação baseada no propósito soberano de Deus, em sua decisão sem uma visão das escolhas de Esaú e Jacó, que provoca o grito "Deus não é justo!" Mas o grito é baseado num entendimento superficial do assunto. É o protesto dos homens decaídos queixando-se de que Deus não é suficientemente gracioso.

Como Paulo responde à questão? Ele não está satisfeito dizendo somente: "Não, não há

nenhuma injustiça em Deus!" Em vez disso, sua resposta é tão enfática quanto possível. Ele diz: "De modo nenhum!", ou "Não, decerto!", dependendo da tradução que você está lendo.

A segunda objeção que Paulo antecipa é esta: "Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade?" Novamente queremos saber por que o apóstolo levanta esta objeção. Esta é outra objeção nunca levantada contra o arminianismo. As visões não reformadas da predestinação não têm de se preocupar em tratar com questões como esta. Deus obviamente se queixaria de pessoas que Ele sabia que não

escolheriam Cristo. Se a base final para a salvação está no poder da escolha humana, então a culpa é facilmente estabelecida, e Paulo não teria de brigar com esta objeção antecipada. Mas ele briga com ela porque a doutrina bíblica da predestinação exige que ele brigue com ela.

Como Paulo responde a esta questão? Vamos examinar sua réplica:

Quem és tu, ó homem,  
para discutires com  
Deus? Porventura pode  
o objeto perguntar a  
quem o fez: Por que me  
fizeste assim ? Ou não  
tem o oleiro direito

sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro para desonra? Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas de sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão, os quais somos nós, a quem também chamou, não somente dentre os

judeus, mas também  
dentre os gentios? (Rm  
9.20-24)

Esta é uma resposta pesada à questão. Preciso confessar que lutei com ela. Minha luta, contudo, não é sobre se a passagem ensina dupla predestinação. Ela claramente faz isso. Minha luta é com o fato de que este texto supre munção para os defensores da destinação simultânea. Soa como se Deus estivesse ativamente fazendo pessoas ser pecadoras. Mas isso não é requerido pelo texto. Ele não faz vasos de ira e vasos de honra da mesma massa de barro. Mas, se olharmos atentamente

para o texto, veremos que o barro com o qual o oleiro trabalha é barro "decaído". Um lote de barro recebe misericórdia para tornar-se vasos de honra. Essa misericórdia pressupõe um vaso que já está culpado. Da mesma maneira, Deus precisa "tolerar" os vasos de ira, próprios para destruição, pois eles são vasos de ira, culpados.

Novamente, o destaque nesta passagem está sobre o propósito soberano de Deus, e não sobre as escolhas livres e boas do homem. As mesmas suposições que estavam operando na primeira questão estão operando agora.



# A RÉPLICA ARMINIANA

Alguns arminianos vão responder ao meu tratamento deste texto com indignação. Eles concordam que a passagem ensina uma visão forte da soberania divina. Sua objeção estará focalizada em outro ponto. Eles vão insistir em que Paulo não está nem mesmo falando de predestinação de indivíduos em Romanos 9. Este texto não é a respeito de predestinação de indivíduos, mas sobre Deus elegendo nações. Paulo está aqui falando de Israel como povo escolhido de Deus. Jacó representa meramente a nação de Israel. Seu próprio nome foi mudado para Israel e seus filhos

tornaram-se os pais das doze tribos de Israel.

O fato de Deus ter favorecido Israel sobre outras nações não está em discussão. Foi de Israel que Jesus veio. Foi de Israel que recebemos os Dez Mandamentos e as promessas da aliança com Abraão. Nós sabemos que a salvação é dos judeus.

Tudo isso é verdade em Romanos 9. Precisamos considerar, contudo, que, na eleição de uma nação, Deus elege indivíduos. Nações são constituídas de indivíduos. Jacó era um indivíduo. Esaú era um indivíduo. Aqui vemos claramente que Deus soberanamente elegeu indivíduos,

assim como nações. Paulo apressa-se em acrescentar que Paulo estende esse tratamento de eleição para além de Israel, no versículo 24, quando declara: "os quais somos nós, a quem também chamou, não somente dentre os judeus, mas também dentre os gentios".

## **ELEIÇÃO INCONDICIONAL**

Vamos voltar por um momento para a nossa conhecida lista de itens do Capítulo Cinco. Já alteramos os itens *Total Depravação* e *Graça Irresistível*. Embora eu prefira o termo *Eleição Soberana* a *Eleição Incondicional*, não vou mais

alterar a lista.

Eleição incondicional significa que nossa eleição é decidida por Deus de acordo com seu propósito, de acordo com sua vontade soberana. Não é baseada em alguma condição prevista, condições que alguns de nós preenchemos e outros não conseguem preencher. Não é baseada em quereremos ou correremos, mas no soberano propósito de Deus.

O termo *eleição incondicional* pode ser enganador e grosseiramente abusado. Uma vez encontrei um homem que nunca apareceu na porta de uma igreja e que não mostrava nenhuma evidência de ser um cristão. Ele

não fez profissão de fé e não estava engajado em nenhuma atividade cristã. Ele me contou que acreditava em eleição incondicional. Ele tinha confiança de ser um eleito. Ele não precisava confiar em Cristo, não precisava se arrepender, não tinha de ser obediente a Cristo. Ele declarava que era um eleito e isso era o suficiente. Nenhuma condição mais de salvação era necessária para ele. Ele era, em sua opinião, salvo, santificado, satisfeito e preparado.

Devemos ser cuidadosos em distinguir entre condições que são necessárias para a salvação e condições que são necessárias para a eleição. Frequentemente

falamos de salvação e eleição como se fossem sinônimos, mas não são exatamente a mesma coisa. Eleição é *para* a salvação. Salvação, em seu sentido mais amplo, é a obra completa de redenção que Deus realiza em nós.

Há toda sorte de condições que precisam ser cumpridas para que alguém possa ser salvo. A principal entre elas é que devemos ter fé em Cristo. A justificação é pela fé. A fé é um requerimento necessário. Com certeza, a doutrina reformada da predestinação ensina que todos os eleitos são de fato trazidos à fé. Deus assegura-se de que as condições necessárias para a

salvação sejam cumpridas.

Quando dizemos que a eleição é incondicional, queremos dizer que o decreto original de Deus pelo qual Ele escolhe algumas pessoas para serem salvas não é dependente de algumas condições futuras em nós que Deus prevê. Não há nada em nós que Deus possa prever, que o induziria a nos escolher. A única coisa que Ele poderia prever em nossas vidas de criaturas decaídas, deixadas a si mesmas, seria o pecado. Deus nos escolhe simplesmente de acordo com o beneplácito da sua vontade.

## É DEUS ARBITRÁRIO?

O fato de Deus nos escolher não por causa do que Ele encontra em nós, mas de acordo com seu aprazimento, levanta a acusação de que isto torna Deus arbitrário. Sugere que Deus faz esta seleção de uma maneira excêntrica ou caprichosa. Parece que nossa eleição é o resultado de uma loteria cega e frívola. Se somos eleitos, então é só porque temos sorte. Deus tirou nossos nomes de um chapéu celestial.

Ser arbitrário é fazer alguma coisa por nenhuma razão. Agora, é claro que não há nenhuma razão encontrada *em nós* para Deus nos escolher. Mas isso não



é o mesmo que dizer que Deus não tem razão em si próprio. Deus não faz nada sem uma razão. Ele não é caprichoso nem frívolo. Deus é tão sóbrio quanto soberano.

Uma loteria é intencionalmente deixada ao acaso. Deus não opera por acaso. Ele sabia quem iria selecionar. Ele pré-conheceu e pré-amou seus eleitos. Não foi uma atração às cegas porque Deus não é cego. Ainda assim devemos insistir que não foi nada que Ele conheceu, viu ou amou de antemão em nós que foi uma razão decisiva para sua escolha.

Os calvinistas geralmente não gostam de falar de sorte. Em vez

de desejar "boa sorte" às pessoas, preferimos dizer "bênçãos providenciais". Ainda assim, se devemos falar de nosso "dia de sorte", marcaríamos aquele dia na eternidade quando Deus decidiu nos escolher.

Vamos voltar nossa atenção para o ensinamento de Paulo sobre este assunto em Efésios:

Bendito o Deus e Pai de  
Nosso Senhor Jesus  
Cristo, que nos tem  
abençoado com toda  
sorte de bênção  
espiritual nas regiões  
celestiais em Cristo,  
assim como nos  
escolheu nele antes da

fundação do mundo, fará sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado (Ef 1.3-6).

***Segundo o beneplácito de sua vontade.*** Esta é a declaração apostólica que parece sugerir arbitrariedade divina. A principal culpada é a palavra

beneplácito (prazer). Em nosso vocabulário, a palavra *prazer* é freqüentemente carregada com o sentido de abandono selvagem e negligente. Prazer é aquilo que faz a gente sentir-se bem, é algo que tem características sensuais e emocionais.

Quando a Bíblia fala do prazer de Deus, o termo não é usado de uma maneira tão frívola. Aqui prazer significa simplesmente "aquilo que é agradável." Deus nos predestina de acordo com aquilo que lhe agrada.

A Bíblia fala do *beneplácito* de Deus. O beneplácito de Deus nunca pode ser confundido com um prazer maligno. O que agrada a Deus é bondade. O que nos

agrada nem sempre é bondade. Deus nunca tem prazer na maldade. Não há nada mau a respeito do beneplácito de sua vontade. Embora a razão para nos escolher não esteja em nós, mas no divino prazer soberano, devemos ficar certos de que o divino prazer soberano é um beneplácito.

Lembramo-nos também do que o apóstolo instruiu aos cristãos filipenses. Ele lhes disse:

"...desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua

boa vontade" (Fp  
2.12,13).

Nesta passagem, Paulo não está ensinando que a eleição é uma empreitada conjunta entre Deus e o homem. A eleição é exclusivamente a obra de Deus. Ela é, como temos visto, *monergística*. Paulo está falando aqui da operação de nossa salvação que segue a nossa eleição. Ele está referindo-se especificamente aqui ao processo de nossa santificação. A santificação não é *monergística*. Ela é *sinérgica*. Isto é, ela exige a cooperação do crente regenerado. Somos chamados a trabalhar para crescer na graça.

Devemos trabalhar muito resistindo ao pecado, se necessário espancando nosso corpo se isso for indispensável para subjugá-lo.

Somos chamados para esta obra sóbria de santificação por uma convocação divina. A obra deve ser desempenhada num espírito de temor e tremor. Nossa santificação não é um assunto accidental. Não nos aproximamos dele a cavaleiro, dizendo: "Deixa correr e deixa Deus fazer". Deus não faz tudo para nós.

Contudo, Deus não nos deixa operar a nossa salvação por nós mesmos, na nossa própria força. Somos confortados por sua promessa segura de estar

operando em nós tanto o fazer como o querer aquilo que é agradável a Ele.

Recentemente ouvi um sermão do grande pregador escocês Eric Alexander, no qual ele destacava que Deus está operando em nós para o beneplácito *dele*. Paulo não diz que Deus está operando em nós para o *nosso* beneplácito. Nem sempre estamos inteiramente satisfeitos com o que Deus está fazendo em nossas vidas. Algumas vezes experimentamos um conflito entre o propósito de Deus e nosso próprio propósito. Eu nunca escolho sofrer de propósito. Ainda assim, pode bem estar dentro do soberano



propósito de Deus que eu sofra. Ele nos promete que, por sua soberania, todas as coisas trabalham juntas para o bem daqueles que o amam e são chamados de acordo com seu propósito.

Meus propósitos não incluem sempre o bem de Deus. Eu sou um pecador. Felizmente para nós, Deus não é um pecador. Ele é completamente justo. Seus propósitos são, sempre e em todos os lugares, justos. Seus propósitos operam para o meu bem, mesmo quando seus propósitos estão em conflito com meus propósitos. Talvez eu devesse dizer *especialmente* quando seus propósitos estão em

conflito com meus propósitos. O que agrada a Ele é bom para mim. Essa é uma das lições mais difíceis que os cristãos chegam a aprender.

Nossa eleição é incondicional exceto por uma coisa. Há uma requisição que precisamos cumprir antes que Deus nos eleja. Para sermos eleitos precisamos primeiro ser pecadores.

Deus não elege pessoas justas para a salvação. Ele não precisa elege pessoas justas para a salvação. Pessoas justas não precisam ser salvas. Somente pessoas pecadoras estão necessitando de um salvador. Aqueles que estão sadios não precisam de um médico.

Cristo veio para buscar e salvar pessoas realmente perdidas. Deus o enviou ao mundo não somente para tornar nossa salvação possível, mas para torná-la uma certeza. Cristo não morreu em vão. Suas ovelhas são salvas através de sua vida sem pecado e de sua morte propiciatória. Não há nada arbitrário nisso.

## **RESUMO DO CAPÍTULO 7**

1. Nem todos os homens são predestinados à salvação.
2. Há dois aspectos ou lados da questão. Há aqueles que são eleitos e aqueles que não são eleitos.

3. A predestinação é "dupla."
4. Precisamos ser cuidadosos para não pensar em termos de destinação simultânea.
5. Deus não cria o pecado no coração dos pecadores.
6. Os eleitos recebem misericórdia. Os não-eleitos recebem justiça.
7. Ninguém recebe injustiça das mãos de Deus.
8. O "endurecimento dos corações" que vem de Deus é, em si próprio, uma justa punição para o pecado que já está presente.
9. A escolha dos eleitos, da parte de Deus, é soberana, mas não arbitrária.

10. Todas as decisões de Deus fluem de seu caráter santo.

## **8. PODEMOS SABER QUE SOMOS SALVOS?**

O Ministério do Evangelismo Explosivo centraliza sua apresentação do Evangelho em duas perguntas cruciais. A primeira é: "Você chegou a um lugar, em sua vida espiritual, em que sabe com certeza que, quando morrer, você irá para o céu?" Obreiros com experiência dizem que a vasta maioria das pessoas responde a esta pergunta na negativa. A maioria das pessoas não tem certeza de

sua salvação futura. Muitos, se não a maioria, levantam sérias dúvidas de que essa certeza chegue a ser possível.

Quando eu estava no seminário, uma pesquisa foi feita entre meus colegas de classe. Desse grupo particular de seminaristas, aproximadamente 90% disseram que não estavam certos de sua salvação. Muitos expressaram ira a essa questão, vendo nela um tipo de presunção implicada. Parece arrogante, para algumas pessoas, até mesmo falar sobre certeza de salvação.

Obviamente, declarar a nossa certeza da salvação pode ser um ato de arrogância. Se nossa confiança em nossa salvação está

em nossa confiança em nós mesmos, isso é um ato de arrogância. Se estamos certos de que estamos indo para o céu porque pensamos que merecemos ir para o céu, então é indubitavelmente arrogante.

Com respeito à certeza de salvação há basicamente quatro tipos de pessoas no mundo.

(1) Há pessoas que não são salvas e sabem que não são salvas.

(2) Há pessoas que são salvas e não sabem que são salvas.

(3) Há pessoas que são salvas e sabem que são salvas.

(4) Há pessoas que não são salvas e "sabem" que são salvas.

É este último grupo que confunde as coisas. Se há pessoas que *não* são salvas e "sabem" que são salvas, como podem as pessoas que *são* salvas realmente saberem que são salvas?

Para responder a esta pergunta, precisamos primeiro fazer outra. Por que algumas pessoas têm uma falsa certeza de sua salvação? Na realidade, é relativamente fácil. A falsa certeza brota principalmente de um falso entendimento do que a salvação requer ou exige.

Suponha, por exemplo, que uma pessoa é universalista. Ele crê que todos são salvos. Se essa premissa for correta, então o



restante de sua dedução lógica é fácil. Seu raciocínio é assim:

Todos são salvos.

Eu sou parte do todo.

Portanto eu sou salvo.

O universalismo é muito mais prevalecente do que muitos de nós pensamos. Quando meu filho tinha cinco anos de idade eu lhe fiz as duas perguntas do Evangelismo Explosivo. Ele respondeu à primeira pergunta com uma afirmativa. Ele estava certo de que, quando morresse, iria para o céu. Eu continuei, então, para a segunda pergunta: "Se você fosse morrer esta noite e

Deus lhe dissesse: 'Porque eu deveria deixar você entrar no céu', o que você lhe responderia?" Meu filho não hesitou. Respondeu imediatamente: "Porque eu estou morto!"

Na época em que meu filho tinha cinco anos de idade, ele já havia recebido uma mensagem alta e clara. A mensagem era que todos os que morrem vão para o céu. Sua doutrina de justificação não era justificação somente pela fé. Não era nem mesmo justificação pelas obras, ou uma combinação de fé e obras. Sua doutrina era muito mais simples; ele cria em justificação pela morte. Ele tinha uma falsa certeza de sua salvação.

Se o universalismo está muito espalhado em nossa cultura, assim também a justificação pelas obras. Numa pesquisa estatística de mais de mil pessoas a quem foi dirigida a mesma pergunta que fiz a meu filho, mais de 80% delas deu uma resposta que envolvia "justiça de obras". As pessoas disseram coisas como "Eu tenho ido à igreja por trinta anos", "Tenho bom comparecimento à Escola Dominical", ou "Eu nunca fiz nenhum mal sério a outra pessoa."

Aprendi uma coisa claramente em minha experiência no evangelismo. A mensagem da justificação somente pela fé não

tem entrado em nossa cultura. Multidões de pessoas estão colocando suas esperanças de ir para o céu sobre suas próprias boas obras. Eles estão bem dispostos a admitir que não são perfeitos, mas assumem que são suficientemente bons. Eles fizeram "o melhor que puderam" e isso, eles assumem tragicamente, é suficientemente bom para Deus.

Lembro-me de um estudante protestando ao Dr. John Gerstner a respeito de uma nota que ele recebeu num exame final. Ele acentuou sua queixa dizendo: "Dr. Gerstner, eu fiz o melhor que podia." Gerstner olhou para ele e disse suavemente: "Meu

jovem, você *nunca* fez o melhor que podia!"

Com certeza nós não cremos que fizemos o melhor que podemos. Se revirmos nosso desempenho nas últimas 24 horas, saberemos que não fizemos o melhor que podíamos. Não é necessário rever nossas vidas inteiras para sabermos como é enganosa essa declaração.

Ainda que concordássemos com algo com que jamais iríamos concordar, que as pessoas fazem o melhor que podem, sabemos que mesmo isso não é suficientemente bom. Deus exige perfeição para entrar em seu céu. Ou encontramos essa perfeição em nós mesmos, ou a

encontramos em algum outro lugar, em alguma outra pessoa. Se pensamos que podemos encontrá-la em nós mesmos, iludimo-nos e a verdade não está em nós.

Vemos então que é muito fácil ter um falso sentido de certeza a respeito de nossa salvação. Mas, e se tivermos um entendimento adequado do que a salvação requer, isso garante que evitaremos uma falsa certeza de salvação?

De modo nenhum. O próprio diabo sabe o que é requerido para a salvação. Ele sabe quem é o Salvador. Ele entende a parte intelectual da salvação melhor do que nós. Mas ele não coloca sua

confiança pessoal em Cristo para sua salvação. Ele odeia o Jesus que é o Salvador.

Podemos ter um entendimento adequado do que é a salvação, e ainda nos iludirmos quanto a preenchermos ou não os requisitos para a salvação. Podemos pensar que temos fé, quando de fato não temos fé. Podemos pensar que estamos crendo em Cristo, mas o Cristo que abraçamos não é o Cristo bíblico. Podemos pensar que amamos a Deus, mas o Deus que amamos é um ídolo.

Será que amamos um Deus que é soberano? Amamos um Deus que manda pessoas para o inferno? Amamos um Deus que

exige obediência absoluta? Amamos um Cristo que dirá a alguns, no último dia, "Apartai-vos de mim, eu nunca vos conheci"? Não estou perguntando se amamos este Deus e este Cristo perfeitamente; estou perguntando se, de algum modo, amamos este Deus e este Cristo.

Uma de minhas anedotas favoritas de todos os tempos é contada pelo Dr. James Montgomery Boice. O Dr. Boice fala a respeito de um escalador de montanhas que escorregou de sua trilha e estava para mergulhar milhares de metros até a morte. Em pânico, ele agarrou-se a um frágil arbusto que estava crescendo numa



rocha, ao lado da montanha. Ele momentaneamente interrompeu sua queda, mas estava saindo do lugar, lentamente, pelas raízes. O alpinista olhou para o céu e gritou: "Tem alguém aí que possa me ajudar?" Uma voz de timbre profundo foi ouvida do céu: "Sim, eu te ajudarei. Confie em mim. Solte o arbusto". O alpinista olhou para a caverna abaixo e gritou mais uma vez: "Tem *mais* alguém aí que possa me ajudar?"

É possível que o Deus em que cremos seja "alguém mais". Tenho falado freqüentemente com funcionários associados ao Young Life, o ministério que tem uma destacada missão com os adolescentes. A força do Young

Life é ao mesmo tempo seu maior perigo. O Young Life tem uma taxa preocupantemente alta de jovens que fazem profissão de fé e mais tarde repudiam essa profissão.

O Young Life tem feito um destacado trabalho em relacionar-se com os jovens. Eles são mestres em tornar o Evangelho atraente. O perigo, contudo, é que o Young Life é tão atraente, tão puro, que os jovens podem se converter ao Young Life e nunca tratar com o Cristo bíblico. Isso, de modo nenhum, pretende ser uma crítica ao Young Life. Não estou sugerindo que nós devêssemos, por causa disso, tornar o Evangelho menos

atraente. Já fazemos isso bastante. É só para mostrar que todos nós precisamos ser lembrados de que as pessoas podem responder a nós, ou ao nosso grupo, como a um substituto para Cristo, e assim ganhar uma falsa certeza de salvação.

De um ponto de vista bíblico precisamos entender que não é apenas possível para nós ter uma certeza genuína de nossa salvação, mas que é também nosso dever buscar tal certeza. Se certeza é possível e é ordenada, não é arrogante buscá-la. Seria arrogância não fazê-lo.

O apóstolo Pedro escreve:

Irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum. Pois desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (2 Pe 1.10,11).

Aqui vemos a ordem para fazermos nossa eleição segura. Fazer isso exige diligência. Nesse texto encontramos uma

preocupação pastoral. Pedro relaciona certeza com ausência de tropeço. Um dos fatores mais importantes que contribuem para o crescimento espiritual de um cristão, um crescimento espiritual harmonioso, é a certeza da salvação.

Há muitos cristãos que vivem em um estado de salvação a que falta certeza. A falta desta certeza é um grave empecilho para o crescimento espiritual. A pessoa que não tem certeza do seu estado de graça está exposta a dúvidas em sua alma. Falta-lhe uma âncora para a sua vida espiritual. Sua incerteza o torna inseguro em sua caminhada com Cristo.

Não apenas é importante que obtenhamos certeza autêntica, mas também é importante que obtenhamos cedo em nossa experiência cristã. Trata-se de um elemento chave em nosso crescimento rumo à maturidade. Os pastores precisam ter consciência disso e dar assistência ao seu rebanho na diligente busca dessa certeza.

Eu nunca tenho certeza se qualquer pessoa que encontro é eleita ou não. Não posso ver sua alma. Como seres humanos, nossa visão dos outros se restringe ao aspecto externo. Não podemos ver o coração. A única pessoa que pode saber com certeza que você é eleito, é você

mesmo.

Quem pode saber com certeza que não é eleito? Ninguém. Você pode ter certeza de que neste exato momento não vive em estado de graça. Mas não pode saber se amanhã continuará assim. Há inúmeras pessoas eleitas andando por aí que ainda não foram convertidas.

Essa pessoa poderia dizer: "Não sei se sou eleito e não me preocupo com isso." Não pode haver insensatez maior. Se você ainda não sabe se é eleito, não imagino questão mais urgente do que essa para ser respondida.

Se você não tem certeza, seria aconselhável procurar tê-la. Jamais assumo que você não é

eleito. Faça de sua eleição uma questão de certeza.

O apóstolo Paulo tinha certeza de ser eleito. Ele freqüentemente usava o termo *nós* quando falava dos eleitos. Próximo do final da sua vida ele disse:

Quanto a mim, estou senão já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e



não somente a mim,  
mas também a todos  
quantos amam a sua  
vinda (2 Tm 4.6-8).

Antes, na mesma carta, ele  
declarou:

Estou sofrendo estas  
coisas; todavia, não me  
envergonho, porque sei  
em quem tenho crido e  
estou bem certo de que  
ele é poderoso para  
guardar o meu depósito  
até aquele Dia (2 Tm  
1.12).

Como poderemos nós, à

semelhança de Paulo, ter certeza verdadeira, certeza que não é espúria? A certeza verdadeira se baseia nas promessas de Deus para nossa salvação. Nossa segurança vem, primeiramente de nossa confiança no Deus que faz essas promessas. Em segundo lugar, nossa certeza é intensificada pela *evidência interior* de nossa própria fé. Sabemos que não poderíamos nunca ter nenhuma afeição verdadeira por Cristo se não fôssemos renascidos. Sabemos que não poderíamos ser renascidos se não fôssemos eleitos. Um conhecimento de teologia sã é vital para a nossa certeza. Se tivermos um

entendimento correto da eleição, esse entendimento nos ajudará a interpretar estas evidências interiores.

Sei, interiormente, que eu não amo a Cristo totalmente. Mas, ao mesmo tempo, eu sei que o amo. Alegro-me interiormente ao pensar em seu triunfo. Alegro-me interiormente ao pensar em sua vinda. Desejo a sua exaltação. Eu sei que nenhum destes sentimentos que encontro em mim mesmo teria a possibilidade de estar lá se não fosse pela graça.

Quando um homem e uma mulher estão se amando, presumimos que eles estão cientes disso. Uma pessoa normalmente é capaz de

discernir se ele ou ela está amando outra pessoa ou não. Isto vem de uma certeza interior.

Em acréscimo à evidência interior da graça, há também a evidência exterior. Deveríamos ser capazes de ver um fruto visível de nossa conversão. A evidência exterior, contudo, pode causar também nossa falta de certeza. Podemos ver o pecado permanecendo em nossas vidas. Tal pecado não colabora muito para nossa certeza. Vemo-nos pecando e perguntamos a nós mesmos: "Como posso fazer estas coisas se realmente amo a Cristo?"

Para ter certeza precisamos fazer uma análise sóbria de

nossas vidas. Não ajuda muito compararmos nós mesmos com outros. Sempre seremos capazes de encontrar outros que estão mais avançados em sua santificação do que nós. Podemos também ser capazes de encontrar outros que são menos avançados. Não há duas pessoas que estejam exatamente no mesmo ponto de seu crescimento espiritual.

Precisamos perguntar a nós mesmos se vemos uma mudança real em nosso comportamento, alguma evidência exterior real da graça. Este é um processo precário, porque podemos mentir a nós mesmos. É uma tarefa difícil de desempenhar, mas de

modo nenhum impossível.

Temos mais um método vital de alcançar a certeza. A Escritura nos fala a respeito do testemunho interior do Espírito Santo. Paulo declara que "o próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus (Rm 8.16)."

O principal meio pelo qual o Espírito testifica a nós é através de sua Palavra. Nunca tenho maior certeza do que quando estou meditando na Palavra de Deus. Se negligenciamos este meio da graça, é difícil termos qualquer certeza duradoura ou forte de nossa salvação.

Um teólogo reformado, A. A. Hodge, dá a seguinte lista de

distinções entre certeza verdadeira e falsa certeza.

<b>CERTEZA VERDADEIRA</b>	<b>FALSA CERTEZA</b>
*gera humildade não fingida	*gera orgulho espiritual
*leva à diligência na santidade	*leva à indulgência preguiçosa
*leva a um honesto auto-exame	*evita avaliação precisa
*leva ao desejo de comunhão mais íntima com Deus	*é fria na comunhão com Deus

A certeza da salvação pode ser

aumentada ou diminuída. Podemos aumentar nossa certeza ou podemos diminuí-la. Podemos até mesmo perdê-la completamente, ao menos por um período. Há muitas coisas que podem fazer com que nossa certeza escape de nós. Podemos nos tornar negligentes em preservá-la.

A diligência para a qual somos chamados, para fazer com que nossa eleição seja segura, é uma diligência dinâmica. Se nos tornarmos complacentes em nossa certeza, e começarmos a tomá-la como coisa garantida, correremos o risco de perder essa certeza.

O maior perigo para a nossa



continuada certeza é cair em algum pecado sério e grosseiro. Conhecemos o amor que cobre uma multidão de pecados. Sabemos que não temos de ser perfeitos para ter a certeza da salvação. Mas quando caímos em alguns tipos especiais de pecado, nossa certeza é brutalmente abalada. O pecado de adultério de Davi fez com que ele tremesse de terror perante Deus. Se lermos sua oração de confissão no Salmo 51, poderemos ouvir o lamento de um homem que está lutando para ganhar de volta sua certeza. Depois que Pedro amaldiçoou e negou a Cristo, e os olhos de Cristo caíram sobre ele, qual era o estado da certeza de

Pedro?

Todos nós experimentamos estados de frieza espiritual, nos quais sentimos como se Deus tivesse removido de nós totalmente a luz de seu semblante. Os santos têm chamado isto de "a noite escura da alma." Há épocas em que sentimos como se Deus tivesse nos abandonado. Pensamos que Ele não ouve mais nossas orações. Não sentimos a doçura de sua presença. Em épocas como estas, quando nossa certeza está num nível baixo, precisamos nos inclinar para Ele com toda nossa força. Ele promete que, se nos aproximarmos dele, Ele virá para

perto de nós.

Finalmente, podemos ser abalados em nossa certeza, se formos expostos a grande sofrimento. Uma doença séria, um acidente doloroso, a perda de um ente amado, podem perturbar nossa certeza. Sabemos que Jó clamava: "Ainda que Ele me mate, confiarei nele." Esse era o grito de um homem em dores. Ele disse que estava certo de que seu Redentor vivia, mas eu estou certo de que Jó teve momentos difíceis em que as dúvidas o assaltaram.

Novamente é a Palavra de Deus que nos conforta em tempos de provação. Nossas tribulações têm o efeito final não

de destruir nossa esperança, mas de estabelecê-la. Pedro escreveu:

Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que *sois co-participantes do sofrimento de Cristo, para que também na revelação de sua glória vos alegreis exultando (1 Pe 4.12,13).*

Quando estamos atentos às promessas de Deus, nosso sofrimento pode ser usado para aumentar nossa certeza em vez de diminuí-la. Não precisamos ter uma crise de fé. Nossa fé pode ser fortalecida através do sofrimento. Deus promete que nosso sofrimento, no final, não resultará meramente em alegria, mas em alegria *exultante*.

## **PODEMOS PERDER NOSSA SALVAÇÃO?**

Já declaramos que é possível perder nossa segurança de salvação. Isso não quer dizer, contudo, que perdemos a salvação em si. Estamos indo

agora para a questão da segurança eterna. Pode uma pessoa justificada perder sua salvação?

Sabemos como a Igreja Católica Romana tem respondido a esta questão. Roma insiste que a graça da justificação pode, de fato, ser perdida. O sacramento da penitência, que exige confissão, foi estabelecido por esta exata razão. Roma chama o sacramento de penitência de "segunda tábua de justificação para aqueles que fizeram naufrágio de suas almas."

De acordo com Roma, a graça salvadora é destruída na alma quando a pessoa comete pecado "mortal". O pecado mortal é

assim chamado porque ele tem o poder de matar a graça. A graça pode morrer. Se ela é destruída pelo pecado mortal, deve ser restaurada através do sacramento da penitência, ou o próprio pecador finalmente perece.

A fé reformada não crê no pecado mortal do modo como Roma crê. Cremos que todos os pecados são mortais no sentido em que merecem a morte, mas nenhum pecado é mortal no sentido em que destrói a graça da salvação nos eleitos (Mais tarde, vamos considerar o "pecado imperdoável", sobre o qual Jesus advertiu.).

A visão reformada da

segurança eterna é chamada de "perseverança dos santos", o item número 5 de nossa lista de itens do Capítulo Cinco. A idéia aqui é: "Uma vez na graça, sempre na graça." Outra maneira de colocar isso é: "Se você tem, não perde; se você perde, é porque nunca teve."

Nossa confiança na perseverança dos santos não está baseada em nossa confiança na habilidade dos santos, neles próprios, para perseverar. Novamente, eu gostaria de modificar ligeiramente a lista de itens. Prefiro falar de *preservação* dos santos.

A *razão* pela qual verdadeiros cristãos não caem da graça é que



Deus, graciosamente, não os deixa cair. A perseverança é o que fazemos. A preservação é o que Deus faz. Nós perseveramos porque Deus preserva.

A doutrina de segurança eterna ou perseverança é baseada nas promessas de Deus. Algumas das passagens bíblicas chaves estão listadas abaixo:

Estou bem certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até o dia de Cristo Jesus (Fp 1.6).

As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu

as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão eternamente e ninguém as arrebatará de minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatá-lo (Jo 10. 27-29).

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus

Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros, que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para salvação preparada para revelar-se no último tempo (1 Pe 1.3-5).

Porque com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados (Hb 10.14).

Quem intentará  
acusação contra os  
eleitos de Deus? É Deus  
quem os justifica. Quem  
os condenará? É Cristo  
Jesus quem morreu ou,  
antes, quem  
ressuscitou, o qual está  
à direita de Deus e  
também *intercede por*  
*nós. Quem nos separará*  
*do amor de Cristo? Será*  
*tributação ou angústia,*  
*ou perseguição, ou*  
*fome, ou nudez, ou*  
*perigo, ou espada?*  
*Como está escrito: Por*  
*amor de ti somos*  
*entregues à morte o dia*  
*todo, fomos*

*considerados como  
ovelhas para o  
matadouro. Em todas  
estas cousas, porém,  
somos mais que  
vencedores, por meio  
daquele que nos amou.  
Porque eu estou bem  
certo de que nem a  
morte, nem a vida, nem  
os anjos, nem os  
principados, nem as  
coisas do presente, nem  
do porvir, nem os  
poderes, nem a altura,  
nem a profundidade,  
nem qualquer outra  
criatura poderá separar-  
nos do amor de Deus,  
que está em Cristo*

*Jesus, nosso Senhor*  
*(Rm 8.33-39).*

Vemos, destas passagens, que a base para nossa confiança na perseverança é o poder de Deus. Deus promete acabar o que Ele começa. Nossa confiança não está na vontade do homem. Essa diferença entre a vontade do homem e o poder de Deus separa os calvinistas dos arminianos. O arminiano sustenta que Deus elege pessoas para a vida eterna somente sob a condição de sua cooperação voluntária com a graça, e perseverança na graça até a morte, conforme previsto por Ele.

A igreja Católica Romana, por

exemplo, decretou o seguinte: "Se alguém diz que um homem, uma vez justificado, não pode perder a graça e, portanto, que aquele que cai e peca nunca foi verdadeiramente justificado, que esse seja acusado" (Concílio de Trento, 6/23).

Os arminianos protestantes fizeram uma declaração similar: "Pessoas verdadeiramente regeneradas, ao negligenciarem a graça e entristecerem o Espírito Santo com pecado, decaem totalmente e, finalmente, da graça para a eterna reprovação" (veja Conferência de Remonstrants: 11/7).

Um argumento importante dado pelos arminianos é que é

inconsistente com o livre-arbítrio do homem, que Deus "force" sua perseverança. Contudo, os próprios arminianos crêem que os crentes não vão cair da graça no céu. Em nosso estado glorificado, Deus vai nos tornar incapazes de pecar. Mesmo assim, os santos glorificados no céu são ainda livres. Se a preservação e o livre-arbítrio são condições consistentes no céu, não há possibilidade de elas serem condições inconsistentes aqui na terra. Os arminianos novamente tentam provar muito com sua condição de liberdade humana. Se Deus pode nos preservar no céu sem destruir nosso livre-arbítrio, Ele pode nos



preservar na terra sem destruir  
nosso livre-arbítrio.

Somos capazes de perseverar  
somente porque Deus opera em  
nós, com nossas vontades livres.  
E, porque Deus está operando  
em nós, temos certeza para  
perseverar. Os decretos de Deus  
concernentes à eleição são  
imutáveis. Eles não mudam  
porque Ele não muda. Todos os  
que Ele justifica, Ele glorifica.  
Nenhum dos eleitos jamais é  
perdido.

Por que então nos parece que  
tantas pessoas caem da graça?  
Todos temos conhecido pessoas  
que começaram zelosamente na  
fé cristã, somente para repudiar  
sua fé mais tarde. Temos ouvido

falar de grandes líderes cristãos que cometeram pecados grosseiros e negaram sua profissão de fé.

A fé reformada prontamente reconhece que pessoas fazem profissões de fé e então as repudiam. Conhecemos cristãos que "recuam". Sabemos que cristãos são capazes de cometer, e de fato cometem, pecados grosseiros e infames.

Creemos que verdadeiros cristãos podem cair seriamente e radicalmente. Não creemos que eles possam cair *totalmente* e *finalmente*. Observamos o caso do rei Davi, que foi culpado não somente de adultério, mas de conspiração na morte de Urias,

marido de Bate-Seba. Davi usou seu poder e autoridade para ter certeza de que Urias seria morto na batalha. Em essência, Davi foi culpado de assassinato.

A consciência de Davi estava tão cauterizada, seu coração tão endurecido, que foi preciso nada menos do que o confronto direto com um profeta de Deus para trazê-lo de volta aos sentidos. Seu arrependimento subsequente foi tão profundo quanto seu pecado. Davi pecou radicalmente, mas não totalmente e finalmente. Ele foi restaurado.

Considere o registro de duas pessoas famosas do Novo Testamento. Ambos foram chamados por Jesus para ser

discípulos. Ambos andaram ao lado de Jesus durante seu ministério terreno. Ambos traíram Jesus. Seus nomes são Pedro e Judas.

Depois que Judas traiu a Cristo, ele saiu e cometeu suicídio. Depois que Pedro traiu a Cristo, arrependeu-se e foi restaurado, emergindo como um pilar da Igreja Primitiva. Qual era a diferença entre estes dois homens? Jesus predisse que eles o iriam trair. Depois que acabou de falar com Judas, disse-lhe: "O que tens de fazer, faze-o depressa."

Jesus falou diferentemente com Pedro. Ele disse-lhe:

"Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo. Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece teus irmãos" (Lc 22.31,32).

Note cuidadosamente o que Jesus disse. Ele não disse *se*, mas *quando*. Jesus estava confiante de que Pedro iria voltar. Sua queda seria radical e séria, mas não total e final.

É claro que a confiança de Jesus na volta de Pedro não era baseada na força de Pedro. Jesus

sabia que Satanás iria peneirar Pedro como trigo. Isso é como dizer que Pedro seria como um brinquedo nas mãos de Satanás. A confiança de Jesus era baseada no poder da intercessão de Jesus. E a partir da promessa de Cristo de que Ele seria nosso Sumo Sacerdote, nosso Advogado junto ao Pai, nosso Justo Intercessor, que cremos que perseveraremos. Nossa confiança está em nosso Salvador e nosso Sacerdote que ora por nós.

A Bíblia registra uma oração que Jesus fez por nós em João 17. Devemos ler esta grande oração sumo sacerdotal freqüentemente. Vamos examinar um pedaço dela:

...guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós. Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura (vs. 11,12).

E novamente:

Pai, a minha vontade é que, onde eu estou, estejam também comigo

os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo (v. 24).

Nossa preservação é uma obra trinitária. Deus, o Pai, nos guarda e preserva. Deus, o Filho, intercede por nós. Deus, o Espírito Santo, habita em nós e nos assiste. São-nos dados o "selo" e o "penhor" do Espírito Santo (2 Tm 2.19; Ef 1.14; Rm 8.23). Estas imagens são todas imagens de divina garantia. O selo do Espírito é uma marca indelével como a impressão em cera do anel de sinete de um



monarca. Indica que somos sua possessão. O penhor do Espírito não é idêntico à quantia em dinheiro paga em transações imobiliárias modernas. Tais penhores em dinheiro podem ser desrespeitados. Em termos bíblicos, o penhor do Espírito é um pagamento inicial com a promessa de pagar o restante. Deus não desrespeita seu penhor. Ele não falha em terminar os pagamentos que começa. As primícias do Espírito garantem que os últimos frutos virão.

Uma analogia da obra de preservação de Deus pode ser vista na imagem do pai segurando a mão de seu filhinho enquanto vão andando juntos.

Na visão arminiana, a segurança da criança está na força com que ela segura na mão do pai. Se a criança soltar, vai perecer. Mas, na visão bíblica, se a mão da criança soltar, a mão do pai a segura firme. O braço do Senhor não se encolhe.

Ainda assim perguntamos por que parece que algumas pessoas de fato caem totalmente e finalmente. Aqui precisamos fazer eco às palavras do apóstolo João: "Eles saíram do nosso meio, entretanto não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos" (1

Jo 2.19).

Repetimos nosso aforismo: Se nós temos, nunca perdemos; se perdemos, é porque nunca tivemos. Reconhecemos que a Igreja de Jesus Cristo é um corpo misto. Há joio que vive lado a lado com o trigo; cabras que vivem lado a lado com as ovelhas. A parábola do semeador deixa claro que as pessoas podem ter uma experiência de falsa conversão. Elas podem ter uma aparência de fé; mas aquela fé pode não ser genuína.

Conhecemos pessoas que se "converteram" muitas vezes. Cada vez que há um culto evangelístico na igreja elas vão até o altar e se "salvam". Um

ministro contou sobre um homem em sua congregação que foi "salvo" 17 vezes. Durante um encontro de reavivamento, o evangelista fez um chamado ao altar daqueles que queriam ser plenos com o Espírito. O homem que havia se convertido tantas vezes dirigiu-se ao altar novamente. Uma mulher da congregação gritou: "Não o encha, Senhor! Ele vaza!"

Todos nós vazamos em um determinado grau, mas nenhum cristão fica totalmente e finalmente vazio do Espírito de Deus. Aqueles que se tornam "desconvertidos" nunca foram convertidos realmente. Judas foi um filho da perdição desde o

começo. Sua conversão foi espúria. Jesus não orou por sua restauração. Judas não perdeu o Espírito Santo, porque ele nunca teve o Espírito Santo.

É claro que não há nada errado com chamados repetidos para um compromisso com Cristo. Podemos visitar o altar muitas vezes ou responder a convites repetidamente e não estar exatamente certos de qual das respostas foi verdadeiramente genuína. Dois benefícios das respostas repetidas aos chamados evangelísticos são fortalecer nossa certeza de salvação e aprofundar nosso compromisso com Cristo.

## **ADVERTÊNCIAS BÍBLICAS A RESPEITO DA APOSTASIA**

Provavelmente os argumentos mais fortes que os arminianos oferecem contra a doutrina da perseverança dos santos são extraídos das múltiplas advertências na Escritura contra a apostasia. Paulo, por exemplo, escreve: "Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado" (1 Co 9.27).

Paulo em outros lugares fala de homens que foram apóstatas: "Além disso a mensagem deles corrói como câncer; entre os

quais se incluem Himeneu e Fileto. Estes se desviaram da verdade, asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo a fé a alguns" (2 Tm 2.17,18).

Estas passagens sugerem que é possível para os crentes ser "desqualificados" ou ter sua fé "pervertida". É importante, contudo, ver como Paulo conclui sua declaração a Timóteo: "Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem. E mais: Aparte-se da injustiça todo aquele que profere o nome do Senhor" (v. 19).

Pedro também fala da porca lavada voltando a revolver-se no

lamaçal e do cão que volta a seu vômito, comparando-os a pessoas que se desviaram depois de serem instruídas no caminho da justiça. Há falsos convertidos cujas naturezas nunca foram mudadas (2 Pe 2.22).

## **HEBREUS 6**

O texto que contém a mais solene advertência contra a apostasia é também o mais controvertido com respeito à doutrina da perseverança. É encontrado em Hebreus 6:

É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados e



provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que de novo estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus, e expondo-o à ignomínia (vv. 4-6).

Esta passagem sugere com muita ênfase que os crentes podem apostatar, e o fazem,

totalmente e finalmente. Como devemos entender isto?

O sentido completo da passagem é difícil por diversas razões. A primeira é que não sabemos ao certo qual situação de apostasia estava envolvida no texto, uma vez que não estamos certos nem do autor nem da destinação de Hebreus. Havia duas situações inflamadas na Igreja Primitiva que poderiam facilmente ter provocado esta terrível advertência.

A primeira situação era o problema dos assim chamados *lapsi*. Os *lapsi* eram aquelas pessoas que, durante a severa perseguição, não mantiveram a fé. Nem todo membro da igreja foi

até os leões cantando hinos. Alguns gritaram e abjuraram sua fé. Alguns até mesmo traíram seus camaradas e colaboraram com os romanos. Quando as perseguições cessaram, alguns destes antigos colaboradores se arrependeram e procuraram readmissão na igreja. O modo como eles deveriam ser recebidos foi uma não pequena controvérsia.

A outra situação inflamada foi aquela provocada pelos judaizantes. A influência destrutiva deste grupo é tratada em diversas partes do Novo Testamento, mais notavelmente no livro de Gálatas. Os judaizantes queriam professar

Cristo e ao mesmo tempo impor as cerimônias dos cultos do Antigo Testamento. Eles insistiam, por exemplo, na circuncisão cerimonial. Creio que era com a heresia judaizante que o autor de Hebreus estava preocupado.

Um segundo problema é identificar a natureza das pessoas que estão sendo advertidas contra a apostasia em Hebreus. São eles verdadeiros crentes, ou são joio crescendo com o trigo? Precisamos lembrar que há três categorias de pessoas com as quais estamos preocupados aqui. Elas são: (1) crentes, (2) incrédulos na igreja e (3) incrédulos fora da igreja.

O livro de Hebreus traça diversos paralelos com o Israel do Antigo Testamento, especialmente com aqueles no campo que foram apóstatas. Quem são estas pessoas em Hebreus? Como são descritas? Vamos listar seus atributos:

1. uma vez iluminados
2. provaram o dom celestial
3. participantes do Espírito Santo
4. provaram a boa palavra de Deus
5. é impossível outra vez renová-los para o arrependimento

A primeira vista, esta lista parece descrever crentes verdadeiros. Contudo, pode também estar descrevendo membros da igreja que não são crentes, pessoas que fizeram uma falsa profissão de fé. Todos estes atributos podem ser possuídos por não-crentes. Os joios que vêm à igreja toda semana ouvem a Palavra de Deus ensinada e pregada, e assim são iluminados. Eles participam em todos os meios da graça. Eles se juntam à Ceia do Senhor. Eles participam do Espírito Santo no sentido em que gozam da proximidade de sua especial presença imediata e de seus benefícios. Eles até mesmo tiveram uma espécie de

arrependimento, ao menos externamente.

Muitos calvinistas, então, encontram uma solução para esta passagem, relacionando-a a não-crentes na igreja, que repudiam Cristo. Não estou inteiramente satisfeito com essa interpretação. Penso que esta passagem pode muito bem estar descrevendo cristãos verdadeiros. A frase mais importante para mim é "outra vez renovar para o arrependimento." Eu sei que existe uma falsa espécie de arrependimento que o autor, em outros lugares, chama de arrependimento de Esaú. Mas aqui ele fala de renovação. O novo arrependimento, se ele é

renovado, precisa ser como o velho arrependimento. O arrependimento renovado, do qual ele fala, é certamente da espécie genuína. Eu presumo, portanto, que o velho é também da espécie genuína.

Penso que o autor está aqui argumentando num estilo que nós chamamos de *ad hominem*. Um argumento *ad hominem* é desenvolvido tomando-se a posição de seu oponente e levando-a à sua conclusão lógica. A conclusão lógica é que a heresia judaizante vai destruir qualquer esperança de salvação.

A lógica caminha assim. Se uma pessoa abraçou a Cristo e confiou em sua propiciação pelo



pecado, o que essa pessoa teria se voltasse para a aliança de Moisés? Com efeito, ela estaria repudiando a obra acabada de Cristo. Ela seria de novo uma devedora da lei. Se esse fosse o caso, aonde ela iria se voltar para a salvação? Ela repudiou a cruz; não poderia voltar-se para isso. Ela não teria esperança de salvação, porque não teria nenhum Salvador. Sua teologia não permite uma obra acabada de Cristo.

A chave para Hebreus 6 é encontrada no versículo 9. "Quanto a vós outros, todavia, ó amados, estamos persuadidos das coisas que são melhores e pertencentes à salvação, ainda

que falamos desta maneira."

Aqui o próprio autor nota que ele está falando de uma maneira incomum. Sua conclusão difere daqueles que encontram aqui um texto para a apostasia. Ele conclui com uma confiança em *coisas melhores* que vêm do amado, coisas que acompanham a salvação. Obviamente a apostasia não acompanha a salvação. O autor não diz que todo crente, na realidade, cai. De fato, ele diz o oposto, que ele está confiante de que não cairá.

Mas, se ninguém cai, por que então incomodar as pessoas com isso? Parece frívolo exortar pessoas a evitar o impossível. Aqui é onde podemos entender a

relação entre perseverança e preservação. Perseverança é tanto uma graça quanto um dever. Devemos lutar com toda nossa força em nossa caminhada espiritual. Humanamente falando, é possível apostatar. Contudo, enquanto lutamos, devemos olhar para Deus, que está nos preservando. E impossível que Ele falhe em nos conservar. Considere novamente a analogia da criança andando com seu pai. É possível que a criança se solte. Se o pai for Deus, não é possível que ela se solte. Mesmo considerando a promessa do pai de não soltá-la é ainda dever da criança segurar firmemente. Assim o autor de Hebreus

adverte o crente contra a apostasia. Lutero chamava isto de "uso evangélico da exortação." Lembra-nos de nosso dever de ser diligentes em nossa caminhada com Deus.

Finalmente, com respeito à perseverança e à preservação, precisamos olhar para a promessa de Deus no Antigo Testamento. Por intermédio do profeta Jeremias, Deus promete fazer uma nova aliança com seu povo, uma aliança que é eterna. Ele diz:

Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o

meu temor no seu coração, para que não se apartem de mim (]r 32.40).

## **RESUMO DO CAPÍTULO 8**

1. Concluimos que a certeza de nossa salvação é vital para nossa vida espiritual. Sem ela nosso crescimento é retardado e somos assolados de dúvidas exaustivas.

2. Deus nos chama para fazer com que nossa eleição seja segura, para encontrar o conforto e a força que Ele oferece na certeza. Em Romanos 15, Paulo declara que é Deus a fonte ou a origem de nossa perseverança e coragem (v. 5) e de nossa esperança (v. 13).

Encontrar nossa certeza é tanto um dever quanto um privilégio.

3. Nenhum crente verdadeiro jamais perde sua salvação. E certo que cristãos às vezes caem seriamente e radicalmente, mas nunca inteiramente e finalmente. Perseveramos, não por causa de nossa força, mas por causa da graça de Deus que nos preserva.

## **9. QUESTÕES E OBJEÇÕES A RESPEITO DA PREDESTINAÇÃO**

Ainda restam diversos problemas e situações envolvendo a predestinação, que

precisamos pelo menos abordar.

## **A PREDESTINAÇÃO É UM FATALISMO?**

Uma freqüente objeção levantada contra a predestinação é que ela é uma forma religiosa de fatalismo. Se observarmos o fatalismo em seu sentido literal, veremos que ele está tão longe da doutrina bíblica da predestinação quanto o leste do oeste. O fatalismo literalmente significa que os negócios do homem são controlados por subdeidades caprichosas (os fados) ou, mais popularmente, por forças impessoais do acaso.

A predestinação não é baseada

nem numa visão mitológica de deusas brincando com nossas vidas, nem numa visão de destino controlado pela colisão ocasional de átomos. A predestinação está enraizada no caráter de um Deus pessoal e justo, um Deus que é o Senhor soberano da História. Seria aterrorizante se meu destino estivesse nas mãos de uma força indiferente e hostil. E uma questão totalmente diferente que ele esteja nas mãos de um Deus justo e amoroso. Átomos não têm justiça em si; na melhor hipótese, são amorais. Deus é completamente santo. Eu prefiro que meu destino esteja com Ele.

A grande superstição da vida



moderna está focalizada sobre o papel dado ao acaso nos negócios humanos. O acaso é a novidade reinante na mente moderna. O acaso habita no castelo dos deuses. Dá-se crédito ao acaso pela criação do universo e pela emergência da raça humana do barro.

O acaso é um código. É uma palavra mágica que usamos para explicar o desconhecido. É o poder de causalidade favorito daqueles que não atribuem poder a nada e a ninguém nem mesmo Deus. Esta atitude supersticiosa em relação ao acaso não é nova. Lemos sobre esta atração logo no início da história bíblica.

Lembramo-nos do incidente,

na história judaica, quando a sagrada arca da Aliança foi capturada pelos filisteus. Naquele dia a morte visitou a casa de Eli e a Glória deixou Israel. Os filisteus estavam jubilantes com sua vitória, mas eles logo aprenderam a lamentar aquele dia. Onde quer que levassem a arca, a calamidade caía sobre eles. O templo de Dagom foi humilhado. O povo estava devastado por tumores. Por sete meses a arca foi transportada entre as grandes cidades filistéias, com o mesmo resultado catastrófico em cada cidade.

Em desespero, os reis dos filisteus reuniram-se em

conselho e decidiram enviar a arca de volta aos judeus, com um resgate, para aplacar a ira de Deus. Suas palavras finais de conselho são notáveis:

Então, tomai a arca do Senhor, e ponde-a sobre o carro, e metei num cofre, ao seu lado, as figuras de ouro que lhe haveis de entregar como oferta pela culpa; e deixai-a ir.

Reparai: se subir pelo caminho rumo do seu território a Bete-Semes, foi ele que nos fez este grande mal; e, se não,

saberemos que não foi a sua mão que nos feriu; foi casual o que nos sucedeu (1 Sm 6.8,9).

Já temos notado que o acaso não pode fazer nada porque ele é nada. Deixe-me explicar. Usamos a palavra *acaso* para descrever possibilidades matemáticas. Por exemplo, quando jogamos uma moeda, dizemos que existe uma chance de 50% de sair cara. Se escolhemos cara e dá coroa, podemos dizer que estamos sem sorte e que perdemos nossa chance.

Quanta influência tem o acaso no lançamento de uma moeda? O que faz com que dê cara ou coroa?

Será que a sorte mudaria se soubéssemos de que lado a moeda estava no início, quanta pressão foi exercida pelo polegar, quão densa estava a atmosfera, ou quantas voltas a moeda deu no ar? Com este conhecimento, nossa capacidade de prever o resultado excederia em muito os 50% a 50%.

Mas a mão é mais rápida que os olhos. Não podemos medir todos estes fatores no lançamento normal de uma moeda. Como podemos reduzir os resultados possíveis a dois, simplificamos a questão falando sobre o acaso. O caso a ser lembrado, contudo, é que o acaso não exerce absolutamente

nenhuma influência no lançamento de moedas. Por que não? Como dizemos, o acaso não pode fazer nada, porque ele é nada. Ele é *nada*. Antes que alguma coisa possa exercer poder ou influência, precisa primeiro ser alguma coisa. Precisa ser algum tipo de entidade, física ou não-física. O acaso não é nenhum dos dois. É meramente uma construção mental. Não tem poder porque não tem ser. É nada.

Dizer que alguma coisa aconteceu por acaso é dizer que foi uma coincidência. Isto é simplesmente uma confissão de que não podemos perceber todas as forças e poderes causais que

estão operando num acontecimento. Assim como não podemos ver tudo o que está acontecendo num lançamento de moeda a olho nu, também os complexos negócios da vida estão além de nossa capacidade exata de penetrar. Então, inventamos o termo *acaso* para explicá-los. O acaso realmente não explica nada. É meramente uma palavra que usamos como abreviação para nossa ignorância.

Recentemente escrevi sobre o assunto de causa e efeito. Um professor de filosofia queixou-se de meu entendimento ingênuo da lei de causa e efeito. Ele me reprovava por deixar de levar em conta os "acontecimentos não

causados". Eu lhe agradei por sua carta e lhe disse que ficaria feliz em discutir sua objeção se ele me escrevesse de volta fornecendo um só exemplo de acontecimento não causado. Ainda estou esperando. Vou esperar para sempre, porque nem Deus pode ter um acontecimento não causado. Esperar por um acontecimento não causado é como esperar por um círculo quadrado.

Nossos destinos não são controlados pelo acaso. Digo isso dogmaticamente com toda arrogância que posso conseguir. Sei que meu destino não é controlado pelo acaso porque eu sei que nada pode ser controlado



pelo acaso. O acaso não pode controlar nada porque ele é nada. Quais são as chances de que o universo tenha sido criado pelo acaso, ou que nossos destinos sejam controlados pelo acaso? Nenhuma chance.

O fatalismo encontra sua expressão mais popular na astrologia. Nossos horóscopos diários são compilados com base no movimento das estrelas. As pessoas da nossa sociedade sabem mais sobre os doze signos do zodíaco do que sobre as doze tribos de Israel. Contudo, Rúben tem mais a ver com meu futuro do que Aquário, Judá mais do que Gêmeos.

# A BÍBLIA NÃO DIZ QUE DEUS NÃO QUER QUE NINGUÉM PEREÇA?

O apóstolo Pedro declara com clareza que Deus não quer que ninguém pereça.

Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento (2Pe 3.9).

Como podemos encaixar este versículo na predestinação? Se não é a vontade de Deus eleger todos para a salvação, como pode então a Bíblia dizer que Deus não quer que ninguém pereça?

Em primeiro lugar precisamos entender que a Bíblia fala da vontade de Deus em mais de uma maneira. Por exemplo, a Bíblia fala do que nós chamamos de *vontade soberana eficaz*. A vontade soberana de Deus é aquela vontade pela qual Deus faz com que as coisas aconteçam com absoluta certeza. Nada pode resistir à vontade de Deus neste sentido. Por sua soberana vontade, Ele criou o mundo. A

luz não poderia recusar-se a brilhar.

A segunda maneira na qual a Bíblia fala da vontade de Deus é com respeito ao que chamamos de *vontade preceptiva*. A vontade preceptiva de Deus refere-se a seus comandos, suas leis. É a vontade de Deus que fazemos o que Ele ordena. Somos capazes de desobedecer a sua vontade. Na realidade, quebramos seus mandamentos. Não podemos fazer isso com impunidade. Fazemos isso sem sua permissão ou sanção. Ainda assim o fazemos. Nós pecamos.

Um terceiro modo que a Bíblia fala da vontade de Deus faz referência à disposição de Deus,

ao que agrada a Ele. Deus não tem prazer na morte do ímpio. Existe um sentido no qual a punição do ímpio não traz alegria a Deus. Ele escolhe fazê-lo porque é bom punir o mal. Ele se alegra na justiça de seu julgamento, mas é "triste" que tal julgamento justo precise ser realizado. É algo como um juiz sentar-se na corte e sentenciar seu próprio filho à prisão.

Vamos aplicar estas três definições possíveis à passagem de 2 Pedro. Se tomarmos a declaração compreensiva "Deus não quer que ninguém pereça", e aplicarmos a ela a vontade soberana eficaz, a conclusão é óbvia. Ninguém perecerá. Se

Deus soberanamente decreta que ninguém deve perecer, e Deus é Deus, então certamente ninguém jamais perecerá. Este, então, seria um texto de prova não para o arminianismo, mas para o universalismo. O texto, então, provaria demais para os arminianos.

Suponha que aplicamos a definição da vontade preceptiva de Deus a esta passagem. Então a passagem significaria que Deus não *permite* que ninguém pereça. Isto é, Ele proíbe o perecimento das pessoas. E contra sua lei. Se as pessoas fossem adiante e perecessem, Deus teria de puni-las por perecerem. Sua punição por perecerem seria mais

perecimento. Mas como alguém se envolve em mais perecimento do que o perecimento? Esta definição não funcionará nesta passagem. Não faz sentido.

A terceira alternativa é que Deus não tem prazer no perecimento das pessoas. Isto se enquadra no que a Bíblia diz, em outros lugares, sobre a disposição de Deus em relação aos perdidos. Esta definição poderia servir nesta passagem. Pedro poderia simplesmente estar dizendo aqui que Deus não tem prazer no perecimento de ninguém.

Embora a terceira definição seja possível e atraente para ser usada na solução desta

passagem, com a qual a Bíblia ensina sobre predestinação, há ainda um outro fator a ser considerado. O texto diz mais do que simplesmente que Deus não quer que ninguém pereça. A cláusula inteira é importante: "pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento."

Qual é o antecedente de *nenhum*? É claramente *nós*. Será que *nós* se refere a todos nós humanos? Ou se refere a nós cristãos, o povo de Deus? Pedro gosta de falar dos eleitos como um grupo especial de pessoas. Eu acho que o que ele está dizendo aqui é que Deus não



quer que nenhum de nós (os eleitos) pereça. Se esse é o seu significado, então o texto exigiria a primeira definição e seria mais uma forte passagem a favor da predestinação.

De duas maneiras diferentes o texto poderia ser harmonizado com a predestinação. De maneira nenhuma sustentaria o arminianismo. Seu único outro significado possível seria o universalismo, que então entraria em conflito com tudo o mais que a Bíblia diz contra o universalismo.

# QUAL É O PECADO IMPERDOÁVEL?

Em nossas discussões sobre a certeza da salvação e a perseverança dos santos, tocamos na questão do pecado imperdoável. O fato de que Jesus nos adverte contra cometer um pecado que é imperdoável está fora de discussão. As perguntas que precisamos enfrentar, então, são estas: O que é o pecado imperdoável? Podem os cristãos cometer este pecado?

Jesus definiu-o como blasfêmia contra o Espírito Santo.

Por isso vos declaro:  
Todo pecado e blasfêmia

serão perdoados aos  
homens; mas a  
blasfêmia contra o  
Espírito não será  
perdoada.

Se alguém proferir  
alguma palavra contra o  
Filho do homem, ser-  
lhe-á isso perdoado;  
mas se alguém falar  
contra o Espírito *Santo*,  
*não lhe será isso*  
*perdoado, nem neste*  
*mundo nem no porvir*  
*(Mt 12.31,32).*

Neste texto, Jesus nos fornece  
uma explicação detalhada da na-  
tureza deste terrível pecado. Ele  
declara que existe tal pecado e

faz uma advertência sombria acerca dele. O texto do Novo Testamento acrescenta pouco no sentido de mais explicações. Como resultado deste silêncio, tem havido muita especulação sobre o pecado imperdoável.

Dois pecados têm sido freqüentemente mencionados como candidatos a pecado imperdoável: adultério e assassinato. O adultério é escolhido com base em que ele representa um pecado contra o Espírito Santo porque o corpo é o templo do Espírito Santo. O adultério foi um crime capital no Antigo Testamento. O raciocínio é que, uma vez que ele merece a pena de morte e envolve a

violação do templo do Espírito Santo, este deve ser o pecado imperdoável.

O assassinato é escolhido por razões similares. Uma vez que o homem é criado à imagem de Deus, um ataque sobre a pessoa humana é considerado um ataque contra o próprio Deus. Matar aquele que leva a imagem é insultar Aquele cuja imagem é levada. Assim também o assassinato é um pecado capital. Acrescentamos a isto o fato de que o assassinato é um pecado contra a santidade da vida. Uma vez que o Espírito Santo é a última "força de vida", matar um ser humano é insultar o Espírito Santo.

Embora estas teorias possam ser atraentes e especulativas, elas não ganharam o consentimento da maioria dos eruditos bíblicos. Uma visão mais popular tem a ver com a resistência final à aplicação que o Espírito Santo faz da obra de redenção de Cristo. A incredulidade final é então vista como o pecado imperdoável. Se uma pessoa repetidamente, completamente e finalmente repudia o Evangelho, então não há esperança de perdão futuro.

O que falta a todas estas três teorias é uma séria consideração do significado de blasfêmia. Blasfêmia é algo que fazemos com nossas bocas. Trata-se do

que dizemos em voz alta. Certamente também pode ser feito com uma caneta, mas blasfêmia é um pecado *verbal*.

Os Dez Mandamentos incluem uma proibição contra a blasfêmia. Somos proibidos de fazer uso frívolo ou irreverente do nome de Deus. Para Deus, o abuso verbal de seu santo nome é um assunto suficientemente sério para ser levado à lista de suas dez ordens mais importantes. Isto nos diz que a blasfêmia é um assunto sério aos olhos de Deus. É um pecado horrível blasfemar contra qualquer membro da Divindade.

Será que isto significa que qualquer pessoa que alguma vez abusou do nome de Deus não

tem esperança possível de perdão, nem agora nem nunca? Isso significa que, se uma pessoa amaldiçoa uma vez, usando o nome de Deus, está então condenado para sempre? Eu penso que não.

É crucial neste texto notar que Jesus faz uma distinção entre pecar contra Ele (o Filho do homem) e pecar contra o Espírito Santo. Será que isto significa que está tudo bem em blasfemar contra a primeira pessoa da Trindade, e contra a segunda pessoa da Trindade, mas insultar a terceira pessoa seria cruzar as fronteiras do perdão? Isto dificilmente faz sentido.

Por que então Jesus faria esta



distinção entre pecar contra Ele e pecar contra o Espírito Santo? Penso que a chave para responder a esta pergunta é a chave para toda a questão da blasfêmia contra o Espírito Santo. A chave é encontrada no contexto no qual Jesus originalmente fez sua severa advertência.

Em Mateus 12.24 lemos: "Mas os fariseus, ouvindo isto, murmuravam: 'Este não expele os demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios'". Jesus responde com um discurso sobre a casa dividida contra si mesmo, e a tolice da idéia de que Satanás trabalharia para expulsar Satanás. Sua advertência a respeito do pecado

imperdoável é a conclusão desta discussão. Ele introduz sua severa advertência com as palavras *por isso*.

A situação desenvolve-se mais ou menos assim: Os fariseus estão sendo repetidamente críticos a respeito de Jesus. Seus ataques verbais contra Ele tornam-se mais e mais maliciosos. Jesus tinha estado expulsando demônios "pelo dedo de Deus", o que significa pelo Espírito Santo. Os fariseus descem a ponto de acusar Jesus de estar fazendo sua santa obra pelo poder de Satanás. Jesus os adverte. E como se Ele estivesse dizendo: "Tomem cuidado. Tomem muito cuidado. Vocês

estão chegando perigosamente perto de um pecado pelo qual vocês não podem ser perdoados. Uma coisa é me atacar, mas cuidado com vocês mesmos. Vocês estão pisando em solo santo aqui".

Ainda perguntamos por que Jesus fez a distinção entre pecar contra o Filho do homem e pecar contra o Espírito. Notamos que, mesmo na cruz, Jesus pediu pelo perdão daqueles que o estavam matando. No dia de Pentecostes, Pedro falou do horrível crime contra Jesus cometido na crucificação, ainda assim conservando nossa esperança pelo perdão de todos aqueles que participaram dela. Paulo

diz:" ...mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para nossa glória; *sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória... (1 Co 2.7,8).*

Estes textos indicam uma permissão de atitudes pela ignorância humana. Precisamos nos lembrar de que, quando os fariseus acusaram Jesus de operar pelo poder de Satanás, eles ainda não tinham os benefícios da completa revelação de Deus a respeito da identidade de Cristo. Estas acusações foram

feitas antes da ressurreição. Com certeza os fariseus deveriam ter reconhecido Cristo, mas não o fizeram. As palavras de Jesus na cruz são importantes: "Pai, perdoa-lhes, pois eles *não sabem* o que fazem".

Quando Jesus fez a advertência e diferenciou entre a blasfêmia contra o Filho do homem e a blasfêmia contra o Espírito Santo, foi num tempo em que Ele não havia ainda se manifestado totalmente. Notamos que esta distinção tende a declinar depois da ressurreição, do Pentecostes e da ascensão. Note o que o autor de Hebreus declara:

Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários. Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés. De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou

aos pés o Filho de Deus,  
e profanou o sangue da  
aliança com o qual foi  
santificado, e ultrajou o  
Espírito da graça? (Hb  
10.26-29)

Nesta passagem a distinção entre pecar contra Cristo e pecar contra o Espírito Santo desaparece. Aqui, pecar contra Cristo é insultar o Espírito da graça. A chave está no pecado deliberado *depois* de termos recebido o conhecimento da verdade.

Se tomarmos a primeira linha deste texto como absoluta, nenhum de nós tem esperança de ir para o céu. Todos nós

pecamos deliberadamente depois de termos conhecido a verdade. Um pecado específico está em foco aqui, não todo pecado. Estou convencido de que o pecado em foco aqui é a blasfêmia contra o Espírito Santo.

Concordo com os eruditos do Novo Testamento que concluem que o pecado imperdoável é blasfemar contra Cristo e o Espírito Santo dizendo que Jesus é um demônio quando se sabe a verdade. Isto é, o pecado imperdoável não pode ser cometido na ignorância. Se uma pessoa sabe com certeza que Jesus é o Filho de Deus e diz com sua boca que Jesus é do diabo, essa pessoa cometeu



blasfêmia imperdoável.

Quem comete tal pecado? Este é um pecado comum a demônios e a pessoas totalmente degeneradas. O diabo sabia quem Jesus era. Ele não podia alegar ignorância como desculpa.

Um dos fatos fascinantes da história é a estranha maneira pela qual os incrédulos falam de Jesus. A vasta maioria dos incrédulos fala de Jesus com grande respeito. Eles podem atacar a Igreja com grande hostilidade, mas ainda assim falam de Jesus como um "grande homem". Somente uma vez em minha vida ouvi uma pessoa falar alto que Jesus é um demônio. Eu fiquei chocado ao

ver um homem no meio da rua brandindo os pulsos em direção ao céu e gritando a pleno pulmão. Ele amaldiçoava a Deus e usava cada obscenidade que podia pronunciar para atacar Jesus. Fiquei igualmente chocado, somente algumas horas depois, quando vi o mesmo homem em uma maca, com um buraco de bala em seu peito. Tinha cometido suicídio e morreu antes do amanhecer.

Mesmo essa terrível visão não me levou à conclusão de que o homem havia realmente cometido o pecado imperdoável. Eu não tinha meios de saber se ele era ignorante da verdadeira identidade de Cristo ou não.

Dizer que Jesus é um demônio não é algo que vemos muitas pessoas fazerem. E, contudo, possível que pessoas conheçam a verdade de Jesus e desçam tão baixo. Alguém não precisa ser nascido de novo para ter um conhecimento intelectual da verdadeira identidade de Jesus. Novamente, os demônios não regenerados sabem quem Ele é.

E os cristãos? É possível para um cristão cometer o pecado imperdoável e, portanto, perder sua salvação? Penso que não. A graça de Deus torna isso impossível. Em nós mesmos, somos capazes de qualquer pecado, inclusive blasfêmia contra o Espírito Santo. Mas

Deus nos preserva desse pecado. Ele nos preserva da queda completa e final, guardando nossos lábios deste horrível crime. Cometemos outros pecados e outros tipos de blasfêmia, mas Deus em sua graça nos restringe de cometer a blasfêmia definitiva.

## **JESUS MORREU POR TODOS?**

Um dos pontos mais controvertidos da teologia reformada tem a ver com o terceiro item de nossa lista de itens do Capítulo Cinco. É a *expição limitada*. Este tem sido um tal problema de doutrina que há multidões de cristãos que

dizem que abraçar a maioria das doutrinas do calvinismo, mas saem do barco bem aqui. Referem-se a si mesmos como os calvinistas dos "quatro pontos". O ponto que não podem sustentar é a expiação limitada.

Freqüentemente tenho pensado que, para ser um calvinista de quatro pontos, é preciso que a pessoa não entenda pelo menos um dos cinco pontos. É difícil imaginar que a pessoa possa entender os outros quatro pontos do calvinismo e negar a expiação limitada. Existe sempre a possibilidade, contudo, da feliz inconsistência pela qual as pessoas sustentam diferentes

pontos de vista ao mesmo tempo.

A doutrina da expiação limitada é tão complexa que, para tratá-la adequadamente, seria preciso um volume completo. Nem mesmo dediquei um capítulo inteiro a ela neste volume, porque um capítulo inteiro não lhe faria justiça. Eu pensei em não mencioná-la de todo, porque existe o perigo de que dizer pouco sobre ela seja pior do que não dizer nada. Mas penso que o leitor merece pelo menos um breve resumo da doutrina e assim procederei — com cuidado porque o assunto requer um tratamento mais profundo do que posso conceder aqui.

A questão da expiação limitada tem a ver com a pergunta: "Por quem Cristo morreu? Ele morreu por todos ou somente pelos eleitos?" Todos concordamos que o valor da expiação de Cristo foi suficientemente grande para cobrir os pecados de todos os seres humanos. Também concordamos que sua expiação é verdadeiramente oferecida a todos os seres humanos. Qualquer pessoa que coloca sua confiança na morte expiatória de Jesus Cristo certamente receberá os completos benefícios dessa propiciação. Estamos também confiantes de que, qualquer que responde à oferta universal do

Evangelho será salvo.

A questão é: "Para quem a expiação foi *designada*?" Deus mandou Jesus ao mundo meramente para tornar a salvação *possível* às pessoas? Ou Deus tinha alguma coisa mais definida em mente? (Roger Nicole, o eminente teólogo batista, prefere chamar a expiação limitada de "Expição Definida").

Alguns argumentam que tudo o que expiação limitada significa é que os benefícios da expiação são limitados aos crentes que satisfazem as condições necessárias de fé. Isto é, embora a expiação de Cristo fosse suficiente para cobrir os pecados de todos os homens e para



satisfazer a justiça de Deus contra todo pecado, ela *efetiva* a salvação somente para os crentes. A fórmula diz: Suficiente para todos, eficiente somente para os eleitos.

Esse ponto simplesmente serve para nos distinguir dos universalistas, que crêem que a expiação assegurou salvação para todos. A doutrina da expiação limitada vai além disso. Refere-se à questão mais profunda da intenção do Pai e do Filho na cruz. Declara que a missão e morte de Jesus foi restrita a um número limitado — a seu povo, suas ovelhas. Jesus foi chamado de "Jesus" porque Ele salvaria seu povo de seus

pecados (Mt 1.21). O Bom Pastor dá sua vida pelas ovelhas (Jo 10.15). Essas passagens são encontradas freqüentemente no Novo Testamento.

A missão de Cristo era de salvar os eleitos. "E a vontade de quem me enviou é esta: Que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6.39). Não tivesse havido um número fixo de contemplados por Deus quando Ele designou que Cristo morresse, então os efeitos da morte de Cristo teriam sido incertos. É possível que a missão de Cristo tivesse sido uma tristeza e completo fracasso.

A propiciação de Jesus e sua

intercessão são obras conjuntas de seu sumo sacerdócio. Ele explicitamente exclui os não eleitos de sua grande oração sumo sacerdotal: "...não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus..." (Jo 17.9). Cristo morreu por aqueles por quem Ele não orou?

A questão essencial aqui diz respeito à natureza da oferta de Jesus. A oferta de Jesus inclui tanto *expição* quanto a *propiciação*. Expição envolve a remoção que Cristo faz de nossos pecados "para fora" (*ex*) de nós. Propiciação envolve uma satisfação pelo pecado "perante ou na presença de" (*pro*) Deus. O arminianismo tem uma oferta

que é limitada em valor. Não cobre o pecado dos incrédulos. Se Jesus morreu por todos os pecados de todos os homens, se Ele expiou todos os nossos pecados e propiciou todos os nossos pecados, então todos seriam salvos. Uma oferta potencial não é uma oferta verdadeira. Jesus *realmente* fez oferta pelos pecados de suas ovelhas.

O maior problema com a expiação definida ou limitada é encontrado nas passagens que as Escrituras usam referentes à morte de Cristo "por todos" ou pelo "mundo todo". O mundo por quem Cristo morreu não pode significar a família humana

inteira. Deve referir-se à universalidade dos eleitos (povo de todas as tribos e nações), ou à inclusão dos gentios em acréscimo ao mundo dos judeus. Foi um judeu que escreveu que Jesus não morreu meramente por *nossos* pecados, mas pelos pecados do mundo todo. Será que a palavra *nossos* refere-se aos crentes ou aos judeus crentes?

Precisamos nos lembrar de que um dos pontos cardeais do Novo Testamento refere-se à inclusão dos gentios no plano da salvação de Deus. A salvação era *dos* judeus, mas não restrita aos judeus. Onde quer que seja dito que Cristo morreu por todos,

algum limite precisa ser acrescentado, ou a conclusão teria de ser o universalismo ou a mera expiação potencial.

A expiação de Cristo foi real. Ela efetivava tudo o que Deus e Cristo pretendiam dela. O desígnio de Deus não foi e não pode ser frustrado pela incredulidade humana. O Deus soberano soberanamente enviou seu Filho para propiciar pelo seu povo.

Nossa eleição é em Cristo. Somos salvos por Ele, nele e *para* Ele. O motivo para nossa salvação não é meramente o amor que Deus tem por nós. É especialmente baseada no amor que o Pai tem pelo Filho. Deus

insiste que seu Filho verá o trabalho de sua alma e ficará satisfeito. Nunca houve a menor possibilidade de que Cristo pudesse ter morrido em vão. Se o homem está verdadeiramente morto no pecado e preso ao pecado, uma mera expiação potencial ou condicional não somente *pode ter* acabado em fracasso, como muito certamente *teria* acabado em fracasso. Os arminianos não têm razão verdadeira para crer que Jesus não morreu em vão. São deixados com um Cristo que tentou salvar a todos, mas na realidade não salvou ninguém.

# O QUE A PREDESTINAÇÃO FAZ COM A TAREFA DO EVANGELISMO?

Esta pergunta levanta graves preocupações a respeito da missão da Igreja. E particularmente pesada para cristãos evangélicos. Se a salvação pessoal é decidida anteriormente, por um imutável decreto divino, qual é o sentido ou urgência do trabalho de evangelismo?

Nunca me esquecerei da terrível experiência de ser interrogado neste ponto pelo Dr. John Gerstner numa aula de seminário. Havia cerca de vinte de nós sentados em semicírculo



numa sala de aula. Ele formulou a pergunta: "Muito bem, cavalheiros, se Deus soberanamente decretou a eleição e a reprovação desde toda a eternidade, por que estaríamos preocupados a respeito do evangelismo?" Dei um suspiro de alívio quando Gerstner começou seu interrogatório pela ponta esquerda do semicírculo, uma vez que eu estava sentado na última cadeira à direita. Confortei-me com a esperança de que a pergunta nunca chegaria perto de mim.

O conforto foi de curta duração. O primeiro aluno replicou à pergunta de Gerstner: "Não sei, senhor. Essa pergunta

sempre me perturbou". O segundo estudante disse: "Desisto". O terceiro estudante somente moveu a cabeça e baixou seu olhar para o chão. Em rápida sucessão, os estudantes todos passaram adiante a questão. Os dominós estavam caindo em minha direção.

"Bem, Sr. Sproul, como você responderia?" Eu queria desaparecer no ar, ou encontrar um lugar para me esconder nas tábuas do chão, mas não havia escapatória. Hesitei e balbuciei uma resposta. O Dr. Gerstner disse: "Fale!" Tentando me exprimir, eu disse: "Bem, Dr. Gerstner, sei que esta não é a

resposta que o senhor está procurando, mas uma pequena razão pela qual devemos ainda estar preocupados com o evangelismo é que, bem, o senhor sabe, apesar de tudo, Jesus nos ordena que evangelizemos".

Os olhos de Gerstner começaram a inflamar-se. Ele disse: "Ah, entendo, Sr. Sproul! Uma *pequena* razão é que o seu Salvador, o Senhor da Glória, o Rei dos reis, ordenou isso. Uma pequena razão, Sr. Sproul? E quase insignificante para você que o mesmo Deus soberano, que soberanamente decreta sua eleição, também ordena soberanamente seu envolvimento

na tarefa do evangelismo?" Como eu desejaria nunca ter usado a palavra *pequena!* Entendi o ponto de Gerstner.

Evangelismo é nosso dever. Deus ordenou. Isso deveria ser suficiente para encerrar a questão. Mas há mais. Evangelismo não é somente um dever; é também um privilégio. Deus nos permite participar da maior obra da história humana, a obra da redenção. Ouça o que Paulo diz sobre isso. Ele acrescenta o capítulo 10 ao seu famoso capítulo 9 de Romanos.

Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém,

invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão se não há quem pregue? E como pregarão se não foram enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas! (Rm 10.13-15).

Notamos a lógica da progressão de Paulo aqui. Ele lista uma série de condições necessárias para as pessoas serem salvas. Sem que se enviem, não há pregadores. Sem pregadores, não há pregação.

Sem pregação, ninguém ouve o Evangelho. Sem ouvir o Evangelho, ninguém crê no Evangelho. Sem crer no Evangelho, ninguém invocará a Deus por salvação. Sem invocar a Deus por salvação, não há salvação.

Deus não somente preordena o *fim* da salvação para os eleitos, Ele também preordena o *meio* para aquele fim. Deus escolheu a loucura da pregação como o meio para obter a redenção. Suponho que Ele poderia ter estabelecido seu propósito divino sem nós. Ele poderia ter publicado seu Evangelho nas nuvens, usando seu santo dedo para escrever no céu. Poderia, Ele mesmo, pregar

o Evangelho, com sua própria voz, gritando do céu. Mas essa não é sua escolha.

É um privilégio maravilhoso ser usado por Deus em seu plano de redenção. Paulo apela para uma passagem do Antigo Testamento, em que fala da beleza dos pés que trazem boas-novas e publicam a paz.

Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina! Eis o grito dos teus atalaias! Eles

erguem a voz,  
juntamente exultam;  
porque com seus  
próprios olhos  
distintamente vêem o  
retorno do Senhor a  
Sião.

Rompei em júbilo,  
exultai a uma, ó ruínas  
de Jerusalém; porque o  
Senhor consolou o seu  
povo, remiu a Jerusalém  
(Is 52.7-9).

No mundo antigo, notícias de batalhas e outros acontecimentos cruciais eram levados por corredores. A maratona moderna deve seu nome à Batalha de



Maratona, por causa da resistência do mensageiro que levou as notícias do resultado para seu povo, na cidade natal.

Vigias eram colocados para observar os mensageiros que se aproximavam. Seus olhos eram aguçados e treinados para distinguir as sutis nuances dos passos dos corredores que se aproximavam. Os que traziam más notícias aproximavam-se com pés pesados. Os corredores que traziam boas notícias aproximavam-se velozmente, com pés ligeiros na areia. Seus passos revelavam sua excitação. Para o vigia, a visão de um corredor aproximando-se a distância com seus pés voando sobre as monta-

nhas era uma visão esplêndida de se contemplar.

Assim, a Bíblia nos fala da beleza dos pés daqueles que nos trazem as boas-novas. Quando minha filha nasceu, e o médico veio até a sala de espera para anunciar, eu queria abraçá-lo. Somos favoravelmente inclinados àqueles que nos trazem boas notícias. Sempre terei um lugar especial nas minhas afeições para o homem que primeiro me falou de Cristo. Eu sei que foi Deus quem me salvou, e não aquele homem, mas ainda assim aprecio o papel daquele homem na minha salvação.

Levar pessoas a Cristo é uma das maiores bênçãos pessoais

que desfrutamos. Ser um calvinista não tira a alegria dessa experiência. Historicamente, os calvinistas têm sido fortemente ativos no evangelismo e nas missões mundiais. Temos somente que mencionar Edwards e Whitefield e o Grande Avivamento para ilustrar este ponto.

Temos um papel significativo a desempenhar no evangelismo. Pregamos e proclamamos o Evangelho. Esse é nosso dever e nosso privilégio. Mas é Deus quem traz o crescimento. Ele não precisa de nós para cumprir seu propósito, mas Ele se agrada de nos usar nessa tarefa.

Uma vez encontrei um

evangelista viajante que me disse: "Dê-me um homem sozinho por quinze minutos, e eu conseguirei uma decisão por Cristo." Tristemente, o homem cria realmente em suas próprias palavras. Ele estava convencido de que o poder da conversão estava somente em seus poderes de persuasão.

Não duvido de que o homem estava baseando sua alegação em seu registro do passado. Ele era tão arrogante que estou certo de que houve multidões que fizeram decisão por Cristo nos quinze minutos que ficaram sozinhos com ele. É claro, ele podia cumprir sua promessa de produzir uma decisão em quinze

minutos. O que ele não podia garantir era uma conversão em quinze minutos. As pessoas faziam decisão só para ficarem livres dele.

Nunca devemos subestimar a importância de nosso papel no evangelismo. Também não podemos superestimá-lo. Nós pregamos. Damos testemunho. Fornecemos o chamado exterior. Mas só Deus tem o poder de chamar uma pessoa para si mesmo interiormente. Não me sinto traído por isso. Ao contrário, sinto-me confortado. Precisamos fazer nosso trabalho confiando que Deus fará o dele.

# CONCLUSÃO

No começo deste livro relatei um pouco de minha peregrinação pessoal no que se refere à doutrina da predestinação. Mencionei a luta sincera e longa que ela envolveu. Finalmente fui trazido para a submissão à doutrina, relutantemente. Primeiro fui trazido à convicção da verdade sobre o assunto, antes que tivesse algum prazer nele.

Deixe-me encerrar este livro mencionando que, logo depois que acordei para a verdade da predestinação, comecei a ver a beleza dela e provar sua doçura. Meu amor por ela cresceu. E

muito confortante. Ela destaca a extensão até onde Deus foi por nossa causa. É uma teologia que começa e termina com a graça. Começa e termina com doxologia. Louvamos a Deus que nos levantou da morte espiritual e nos faz andar em lugares altos. Encontramos um Deus que é "por nós", dando-nos coragem para resistir àqueles que possam ser contra nós. Ele faz nossas almas se alegrarem por saber que todas as coisas estão operando juntamente para nosso bem. Temos prazer em nosso Salvador, que verdadeiramente nos salva e nos preserva e intercede por nós. Maravilhamo-nos com seu artesanato e com o

que Ele fez. Saltamos de alegria quando descobrimos sua promessa de completar em nós o que Ele começou em nós. Ponderamos os mistérios e nos curvamos perante eles, mas não sem doxologia pelas riquezas da graça que Ele revelou.

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! ...Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as cousas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém (Rm 11. 33,36).



**FIM**